

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUÍSTICA APLICADA

ANA SHIRLEY DE VASCONCELOS OLIVEIRA EVANGELISTA AMORIM

“AVE! MOSSORÓ!”:  
os mecanismos discursivos sobre o episódio da resistência ao bando de Lampião

NATAL  
2010

ANA SHIRLEY DE VASCONCELOS OLIVEIRA EVANGELISTA AMORIM

“AVE! MOSSORÓ!”:  
os mecanismos discursivos sobre o episódio da resistência ao bando de Lampião

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de concentração: Linguística Aplicada, para a obtenção do título de Mestre em Estudos da linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Lopes Gomes.

NATAL  
2010

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Amorim, Ana Shirley de Vasconcelos Oliveira Evangelista.  
“Ave! Mossoró!”: os eventos discursivos sobre o episódio da resistência  
ao bando de Lampião / Ana Shirley de Vasconcelos Oliveira Evangelista  
Amorim. – 2010.  
144 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade  
Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e  
Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2010.  
Orientador: Prof. Dr. Adriano Lopes Gomes.

1. Análise do discurso. 2. Gêneros discursivos. 3. Literatura de cordel.  
4. Resistência. I. Gomes, Adriano Lopes. II. Universidade Federal do Rio  
Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 81'42

ANA SHIRLEY DE VASCONCELOS OLIVEIRA EVANGELISTA AMORIM

“AVE! MOSSORÓ!”:  
os mecanismos discursivos sobre o episódio da resistência ao bando de Lampião

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de concentração: Linguística Aplicada, para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Aprovada em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

### Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Adriano Lopes Gomes  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria do Socorro Oliveira  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)  
Examinador Interno

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Francinete de Oliveira  
Faculdade de Excelência do Rio Grande do Norte (FATERN GAMA FILHO)  
Examinador Externo

Ao meu amado filho, **Samuel de Vasconcelos Amorim** por ser minha melhor e maior obra, minha riqueza, minha felicidade e fonte de inspiração com suas descobertas e conquistas a cada dia.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por está sempre ao meu lado, fazendo-me conquistar tantas vitórias, desde o momento em que nasci. Por colocar em meu caminho pessoas maravilhosas como estas, as quais serei eternamente grata, e por ter garantido toda a inspiração e a paz de espírito necessárias para que o resultado fosse melhor que o esperado;

Ao meu amor maior, meu filhote, Samuel de Vasconcelos Amorim, que apesar da pouca idade, sempre compreendeu minhas inúmeras ausências, deixando-me tranquila durante a realização deste estudo;

A minha família, em especial, minha mãe, pessoa a qual mais admiro no universo, meu pai (in memorian), Gregório, minha irmã Dayse e minha 'voinha' por me amarem tanto e tão sinceramente;

A Eduardo Antonio pelo amor sincero, companheirismo, paciência e apoio em todos os momentos, especialmente nos difíceis e por fazer parte da minha vida;

Aos artesãos da voz, os poetas potiguares: José Saldanha Sobrinho, Aldeci de França e Antonio Francisco, pela simplicidade, grandeza de espírito e por narrarem histórias como ninguém, possibilitando-nos momentos de prazer e descontração, além de manter viva nossa memória através da literatura de Cordel;

À Banca do Exame de Qualificação, as professoras doutoras Maria do Socorro Oliveira e Maria Francinete de Oliveira, pelas observações feitas, pelas contribuições valiosas propiciando o enriquecimento do nosso estudo, e por me receberem, tão docemente, com presteza e dedicação, sempre que necessário;

Ao meu gentil e adorável orientador, Professor Dr. Adriano Lopes Gomes, educador com quem tive a satisfação de trabalhar durante a confecção desta dissertação, graças à sua parceria, credibilidade, amizade e suas orientações feitas para a concretização desta pesquisa, e por sempre me incentivar tão carinhosamente e fazer-me vitoriosa em mais uma etapa da minha caminhada acadêmica;

A minha colega e amiga, desde a graduação em Letras, Lígia Mychelle de Melo Silva pela cumplicidade, por dividir os mesmos sonhos e expectativas acadêmicas, e principalmente, pelo aprendizado somado durante essa jornada;

A todos os educadores com os quais tive a oportunidade de aprender e compartilhar conhecimentos durante toda a minha vida acadêmica;

Aos colegas de curso, Hélène Pinheiro, Mirian Moema, Daniel Dantas, e Jonas Soares, pelas discussões teóricas, pelo crescimento do nosso aprendizado, pela parceria, amizade e momentos de descontração nas horas certas;

Ao gentil colega, Marcos Nonato pelo auxílio na feitura do Abstract;

À colega de curso, Edivânia Rodrigues, em especial, por ser tão paciente e dedicar parte do seu tempo às inúmeras discussões (por telefone) acerca da Teoria da Argumentação;

À Capes, pelo apoio financeiro, através da bolsa de mestrado;

A Bete, secretária da pós-graduação, pela presteza, prontidão, paciência e apoio em todos os momentos;

Aos funcionários da biblioteca setorial do CCHLA da Universidade Federal do Rio Grande do Norte pela ajuda na busca de material sempre que solicitado;

Aos teóricos por mim estudados, pelas contribuições e compartilhamento de seus estudos e reflexões sobre Linguística Aplicada, Comunicação, Análise do discurso, Estudo dos gêneros, Argumentação, Literatura Oral e Cultura Popular;

A Gutenberg Costa, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço, por ter-me presenteado com a sua obra: “Dicionário de poetas cordelistas do Rio Grande Do Norte”;

A Rostand Medeiros, colega de pesquisa, sempre tão solícito no empréstimo de material bibliográfico raro e por colocar-me em contato com estudiosos da cultura popular;

A Geraldo Maia do Nascimento, membro da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço (SBEC), por abrir de modo tão gentil as portas da sua casa e colocar-me em contato com o seu acervo de cordéis;

À professora doutora Francisca Aurinete Girão Barreto da Silva pela valiosa correção científica;

A Virgínia Xavier pelo apoio, carinho e pela correção ortográfica;

A Lampião e aos guerreiros de Mossoró, por fazerem história e estórias em nosso estado, possibilitando-nos o contato mais profundo com a nossa cultura;

A todos, sei que as palavras nunca serão suficientes para expressar a gratidão, o respeito e a admiração que tenho e sinto por vocês, que não só me deram a vida, seja a pessoal ou a acadêmica, como também orientaram meus passos. Foi por e com vocês que cheguei até aqui, e será sempre por vocês que seguirei em frente.

AMORIM, Ana Shirley de Vasconcelos. O. E. “**Ave! Mossoró!**”: os mecanismos discursivos sobre o episódio da resistência ao bando de Lampião. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar as relações interdiscursivas no processo de construção da linguagem em uso nas esferas poética e jornalística, a fim de perceber como o gênero notícia é constituído em diferentes campos de atividade social, bem como, analisar os processos argumentativos que estruturam os discursos escritos sobre o episódio da resistência ao bando de Lampião em Mossoró no ano de 1927. O *corpus* da pesquisa é constituído pelo noticiário da época veiculado nos jornais impressos *Correio do povo* e *O Nordeste*, ambos de Mossoró/RN, assim como, as narrativas presentes nos cordéis de acontecido: *Mossoró na resistência ao bando de Lampião*; *Lampião em Mossoró em 1927* e *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião*, todos de poetas potiguares. A investigação dos textos teve como suporte teórico A Análise do Discurso; A Teoria da Argumentação e os estudos sobre Gêneros do Discurso. Tem como foco o (re)enquadre dado à notícia na perspectiva discursiva da memória sócio-histórica construída nos cordéis a partir de valores ideológicos (político, econômico, religioso) que passam a ser elemento fundamental na constituição da imagem da resistência. Metodologicamente, esta é uma pesquisa de cunho documental, uma vez que faz uso essencialmente do documento escrito. No que tange à natureza dos dados, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa de base interpretativista. As análises revelaram o modo como foi realizada a abordagem do episódio na construção discursiva do texto. Considera as técnicas argumentativas adotadas na defesa da tese, os efeitos de sentido sugeridos e os gêneros abordados, o que revela a maneira como o episódio foi veiculado pelos jornais e pelos cordéis. Assim sendo, a construção do texto aponta determinados padrões de repetição, visto que o contexto linguístico, caracteriza-se no campo jornalístico e no campo poético por assumir, em primeira instância, uma expressão local.

**Palavras-chave:** Resistência. Técnicas argumentativas. Efeitos de sentido.



AMORIM, Ana Shirley de Vasconcelos. O. E. “**Ave! Mossoró!**”: os mecanismos discursivos sobre o episódio da resistência ao bando de Lampião. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

## ABSTRACT

This thesis has as objective the interdiscursive relations in the process of language construction in use in the poetic and in the journalistic spheres, with the purpose of perceiving how the genre “news” is constituted in different fields of social activity, as well as to analyze the argumentative processes that structure the written discourses about the resistance episode to the group of Lampião in Mossoró in the year of 1927. The *corpus* of the research is constituted by the news of the period informed in the printed newspapers: *Correio do povo* and *O Nordeste*, both from Mossoró/RN, and the narratives presented in the “cordéis de acontecido”: Mossoró in the resistance to the group of Lampião; Lampião in Mossoró in 1927, and Mossoró attacking to the group of Lampião, all potiguar poets. The analysis of the texts had as theoretical background the studies of: The texts analysis had as theoretical background The Discourse Analysis; The Argumentation Theory and the studies about Discourse Genres. We focused our discussion in the emphasis given to the news in the discursive perspective of the social-historic memory constructed in the cordéis, from ideological values (political, economical, religious etc.) that pass to be a fundamental element in the constitution of the image of the resistance. Methodologically, this is a documental research, since it makes use essentially of the written document. Regarding to the nature of the data, the research is characterized as a qualitative one. In the analysis, we considered the argumentative techniques adopted in the defense of the thesis, the meaning effects suggested, and the genres mentioned, that revealed to us the manner in which the episode was informed by the newspapers and the cordéis. That way, we affirm, based on the positions assumed by the announcers of the genres analyzed who defended clearly positions in favor of the defense of Mossoró, that the relation between both is captured interdiscursively, since they are asked by the same ideology, and converge to the same discursive formation, defending identical positions, and structuring their discussions with resembling argumentative techniques, reason by which take us to believe that the discourse presented in that social activity demonstrates and develops traces of a manipulation of the subject. In this case, the discursive construction of the text points towards determining standard of repetition, since the linguistic context is characterized in the journalistic field, and in the poetic field assuming, in the first instance, a local expression.

**Key-words:** Resistance. Argumentative techniques. Meaning effects.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AD Análise do Discurso  
FI Formação Ideológica  
FD Formação Discursiva  
LA Linguística Aplicada  
TAD Teoria da Argumentação no Discurso  
LC Literatura de Cordel  
GD Gêneros do Discurso

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1 ESTADO DA ARTE.....	16
<b>2 O ESPAÇO HISTÓRICO DA LITERATURA DE CORDEL.....</b>	<b>22</b>
2.1 A GÊNESE DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL.....	24
2.2 CARACTERÍSTICAS DO CORDEL.....	26
2.3 O CANGAÇO NA LITERATURA DE CORDEL.....	28
2.4 MOSSORÓ NA LITERATURA DE CORDEL.....	33
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>37</b>
3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO (AD).....	37
3.1.1 Mídia e discurso: estratégias retóricas. ....	40
3.1.2 Técnicas argumentativas.....	48
3.2 GÊNEROS DO DISCURSO: múltiplos olhares ....	52
3.2.1 Considerações sobre gêneros do discurso (GD).....	52
3.2.2 Gêneros: postulados bakhtinianos ....	53
3.2.3 Gêneros: a escola de Genebra.....	55
3.2.4 Gêneros: postulados de Marcuschi.....	56
3.3 O GÊNERO NOTÍCIA E A QUESTÃO DA PALAVRA SOB A ÓTICA BAKHTINIANA .....	57
<b>4 O DISCURSO DA RESISTÊNCIA .....</b>	<b>60</b>
4.1 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	61
4.2 A COLETA E A SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	62
4.3 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> .....	63
4.4 A NOTÍCIA NA IMPRENSA.....	64
4.4.1 Notícia 1 .....	64
4.4.2 Notícia 2 .....	67
4.5 A NOTÍCIA NOS CORDÉIS DE ACONTECIDO .....	70
4.5.1 cordel 1 .....	71
4.5.2 cordel 2 .....	78
4.5.3 cordel 3 .....	84
4.6 AS NOTÍCIAS IMPRESSAS E OS CORDÉIS DE ACONTECIDO: interfaces do discurso.....	93
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>95</b>
<b>REFÊRENCIAS .....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>104</b>

Capitão Virgolino-Ferreira ( Lampião)

Gen. Rodolpho,

Estando eu até aqui  
pretendo ir já foi um  
aviso, ali pa osinhoris.  
se por acaso resolver mi.  
a mandar a importância  
qualquer nos pedi, eu envito  
di Entrada ali parem não  
vindo esta importância eu  
entrarei, até ali pouco qui adeus  
querer. eu entro e não aver  
muito estrago, por isto si vir  
o drº eu não entro, ali mas  
no resposste logo.

Copº Lampião

No que o homem se torne coisal – corrompem-se nele  
os veios comuns de entendimento.

Um subtexto se aloja.

Instala-se uma agramaticalidade quase insana, que  
empoeira o sentido das palavras.

Aflora uma linguagem de defloramentos,  
um inauguração de falas.

Coisas tão velha como andar a pé  
Esses vareios do dizer.

MANOEL DE BARROS

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga os discursos subjacentes ao episódio de Lampião em Mossoró<sup>1</sup> no ano de 1927. Adotamos como universo de análise os jornais impressos e os cordéis de acontecido ou de circunstância<sup>2</sup> em que a notícia foi ou ainda é veiculada. Sendo assim, nosso estudo discute o funcionamento da linguagem em uso, através de algumas categorias da Análise do Discurso, doravante AD, e da análise das estratégias argumentativas, adotando ainda, uma abordagem dialógica da linguagem.

Nessa perspectiva, desenvolvemos um estudo a respeito do modo como esses gêneros, constroem seus discursos acerca da invasão de Lampião a Mossoró ou seria da heróica resistência da população mossoroense ao bando do cangaceiro?

Dessa forma, o material analisado é constituído pelas notícias veiculadas nos jornais da época, mais especificamente, *Correio do Povo* e *O Nordeste* e nos folhetos de acontecido, sobre o episódio de 1927, evento de relevância histórica, notadamente para a cidade de Mossoró, sob diversos aspectos, ainda hoje lembrado como um acontecimento de enorme repercussão local, a ponto de introduzir novos elementos no imaginário coletivo. A saber: o espetáculo “Chuva de bala no país de Mossoró” e a canonização do cangaceiro Jararaca.

Por conseguinte, é importante ressaltar que não nos propomos, nesta produção científica, realizar uma comparação entre o passado e o presente das notícias publicadas, embora acreditemos que o estudo contribui com a memória histórica e coletiva do episódio. Diante disso, entendemos que a interação verbal realizada nesse *corpus* surge através do (re) enquadre que é dado à notícia publicada naqueles jornais a partir da leitura dos atuais folhetos de cordel.

A presente investigação trata-se de um desdobramento do nosso estudo monográfico, intitulado “A construção do texto jornalístico no espaço poético da literatura de cordel: o episódio de Lampião em Mossoró”, realizado no curso de Especialização em Leitura e Literatura da Universidade Potiguar (UNP).

---

<sup>1</sup> Mossoró, cidade do alto oeste potiguar, localizada quase na fronteira com o estado do Ceará, fica a 278 km de Natal, capital do estado.

<sup>2</sup> Os cordéis de acontecido, também conhecidos como folhetos de circunstância, discorrem sobre os assuntos de relevância social como: a política; crimes, enchentes guerras, terremotos, assaltos, etc. Registram, portanto, a realidade local, fazendo o papel do jornalismo impresso, em especial, para a população menos favorecida.

A monografia teve como objetivo verificar a construção do discurso jornalístico, identificar e analisar elementos de *agenda-setting*<sup>3</sup> no espaço poético da literatura de cordel, sobre o ataque do bando de Lampião à cidade de Mossoró. Para tanto, adotamos enquanto referencial teórico: O estudo do jornalismo no século XX, de Nelson Traquina (2003); as Teorias do Jornalismo, do referido autor; as Teorias das comunicações de massa, de Mauro Wolf (2003), além das teorias sobre Cordel e Literatura oral, de Câmara Cascudo (1984) e Eduardo Campos (1960), e estudos de teóricos sobre o discurso como Bakhtin (2000), Eni Orlandi (1993).

Nessa dissertação, optamos por continuar enveredando pelo eixo transdisciplinar entre literatura e jornalismo, acerca do episódio de Lampião em Mossoró. Abordamos, através da materialidade do texto, a imaterialidade discursiva nessas duas esferas da linguagem em uso, a fim de evidenciar a palavra como signo ideológico e símbolo de agendamento social. Conforme Bakhtin “ela é produto ideológico vivo, funcionando em qualquer situação social (ideológica)” (BAKHTIN 1992, p. 178).

Para compreendermos o direcionamento que conduz esta pesquisa, partimos da premissa dos estudos da comunicação de que não existe somente uma forma de fazer jornalismo, e sim várias. Examinamos a literatura de folhetos ou literatura de cordel, enquanto exemplo de jornalismo, por ser considerada uma das primeiras manifestações de jornal impresso que o homem teve acesso. Sendo, portanto, uma herança cultural de grande valor para o Brasil e principalmente para o Nordeste, onde suas raízes estão fincadas.

Essa literatura apresenta-se como fonte de informação riquíssima, constituída tanto pela rima e pela métrica, quanto por textos que carregam em si discursos ideológicos que trazem em seu interior a posição assumida pelo sujeito produtor, materializada nas formações discursivas (FD's) dos cordéis, entendendo que esse sujeito produtor de discursos fala de um lugar social determinado e defende certas posições por estar interpelado pela ideologia.

Baseados nesse ponto de vista, levantamos as questões de pesquisa em relação aos discursos subjacentes ao episódio de Lampião em Mossoró. Quais as estratégias argumentativas utilizadas nos discursos dos jornais e dos cordéis para ratificar a formação discursiva da população mossoroense?

Por entendermos que todo discurso não é único, mas vem interpelado por outros pré-concebidos, os “já ditos”, nos interrogamos também, se há e em que momento o discurso do

---

<sup>3</sup> Entendemos por *agenda-setting* a denominação cunhada por McCombs e Shaw, em 1972, que determina os processos de seleção e apresentação dos acontecimentos em forma de notícia (gatekeeping), alcançando o público e promovendo, assim, a construção da realidade social (GOMES, 2007, p.71).

cordel entrecruza-se com o dizer do jornal impresso? Outra indagação que norteia nosso estudo, centra-se nos posicionamentos assumidos nesses discursos e materializados em suas formações discursivas. Tais indagações constituem o arcabouço das nossas questões.

Com o intuito de responder e clarificar esses questionamentos, trilhamos alguns objetivos. De modo que a pesquisa possui como objetivo geral:

Investigar as relações interdiscursivas no processo de construção da linguagem noticiosa no jornal impresso e no cordel de acontecido, a fim de perceber como o discurso é constituído nesses diferentes gêneros. Por conseguinte, os objetivos específicos tem como foco:

- Analisar as estratégias argumentativas utilizadas na materialidade linguística dos textos noticiosos como forma de ratificar as formações discursivas da população mossoroense;
- Verificar como essas técnicas argumentativas estruturam os discursos analisados e, conseqüentemente, como elas se relacionam com o posicionamento sustentado nas notícias veiculadas;
- Detectar como os cordéis de acontecido reforçam os discursos dos jornais impressos, haja vista o seu (re)enquadramento.

Fundamentando-nos na reflexão de Lippmann (apud TRAQUINA, 2005, p. 15), sobre o poder da mídia na sociedade moderna, ao defender que ela é a principal via de ligação entre os acontecimentos no mundo e os *frames* (esquemas) que se estruturam na mente humana acerca desses acontecimentos. Acreditamos que a realização de uma pesquisa dessa natureza é importante, pois revela como a mídia, a partir dos mecanismos de construção identitária do povo mossoroense, vem construindo a realidade da resistência ao longo de oitenta anos, através dos discursos relatados nos diferentes meios de comunicação: os cordéis de acontecido e os jornais impressos, atendendo a públicos distintos.

Outro ponto fundamental na nossa pesquisa, considerando as condições que cercam o ato de ler, assim como a concepção sócio-histórica da constituição e do funcionamento dos gêneros do discurso defendida por Bakhtin, implica em conceber as diferentes esferas sociais como critério para a organização dos gêneros do discurso, visto que, na perspectiva bakhtiniana, cada esfera de utilização da língua “elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 279). Com isso, verificamos que as especificidades da comunicação discursiva estão vinculadas aos diferentes campos sociais em que a

comunicação se situa, tornando tais atividades sociais um critério pertinente para o estabelecimento de uma proposta de organização (agrupamento) dos gêneros, uma vez que:

[...] Os gêneros, como também outras distinções sociais que estão incorporadas nas nossas ações, percepções ou vocabulário de reflexão e planejamento, ajudam a dar forma à ação emergente dentro de situações específicas. [...] Ao orientar-se para situações e notar suas particularidades, pode-se sentir (ou até categorizar conscientemente) uma situação como sendo deste ou daquele tipo, ou como tendo vários tipos de elementos em jogo (BAZERMAN, 2006, p. 142 e 143).

Nessa direção, observamos que cada domínio da comunicação social tem sua função ideológica específica no conjunto da vida social (função cotidiana, função estética, cognitiva, pedagógica, religiosa etc.), o que constitui seu próprio material ideológico, cria símbolos e signos mais específicos ao seu domínio.

Assim, cada gênero possui determinado objetivo discursivo, sua própria concepção de autor e destinatário. Cada gênero “reflete” no seu próprio conteúdo temático, estilo verbal e composição às condições e à finalidade da esfera ao qual pertence.

Além desses fatores, supomos também que um estudo dessa natureza é capaz de complementar outras investigações sobre a influência midiática na atribuição de sentidos da realidade do seu público leitor-ouvinte.

## 1.1 ESTADO DA ARTE

Os processos de produção, publicação e veiculação dos fatos não ocorrem em nossa sociedade de maneira linear e homogênea, uma vez que são históricos e dependem do ponto de vista e da memória de cada narrador. Portanto, não podem ser apreendidos em sua totalidade em um único texto, nem tão pouco da mesma forma que realmente aconteceram. Isso ocorre visto que os relatos são constituídos a partir das múltiplas vozes presentes no texto e das várias retomadas dialógicas que esse mantém com os outros, os quais posteriormente ressoarão em outros, e assim por diante, de modo ininterrupto e infinito. Nesse caso, o sentido e a sua formação não estão no interior textual, mas na relação com quem o produz, com quem o lê, com outros textos e com outros discursos já formulados.

Esse fator demonstra a ausência da homogeneidade semântica, e a presença da sua pluralidade circulante e dispersiva, “levando em consideração a dimensão psíquica que ele (Bakhtin) aborda pela consciência e pela ideologia a interdiscursividade que atravessa o sujeito e impede a homogeneidade, o ‘um’ absoluto” (BRAIT, 2001, p. 15). Com isso, para



que o ‘dizer’ de um indivíduo tenha sentido, é necessário que suas palavras estejam inscritas nas formações ideológicas, materializadas em formações discursivas. Assim, para Cunha, “as formações discursivas se relacionam, dando sentido às palavras, efeito da memória, o interdiscurso”. (CUNHA, 2004, p.103).

A partir do exposto, e com base em leituras realizadas acerca da teoria bakhtiniana, entendemos que o discurso vem sempre permeado por outros discursos. Desse modo, ele se constrói na interação dialógica com o dizer de outrem. De acordo com essa perspectiva, “encontra-se na fronteira do seu próprio contexto e daquele de outrem” (BAKHTIN, 1992, p. 92).

Assim, como revelado, todo discurso ecoa em outros discursos, O discurso enunciado em certo momento cita outros discursos, orientando-se para o já dito. A palavra, por sua vez, adquirida no meio sócio-institucional e internalizada pelos sujeitos retorna ao seio da sociedade por processos de interação, porém numa forma diferenciada, alterada, em virtude das marcas ideológicas que denunciam as suas condições de produção.

Nesse sentido, elas carregam valores, pois estão impregnadas de sentidos já produzidos pelo ato de fala do outro. Por isso, as referidas palavras são “citadas direta ou indiretamente, são aceitas incondicionalmente ou ironizadas, parodiadas, polemizadas, aberta ou veladamente, estilizadas, hibridizadas” (FARACO, 2006, p. 82).

Partindo dessas reflexões, e em se tratando dos processos discursivos e de suas formas de produção, percebemos que vários estudos dedicaram-se a essa questão, contribuindo com seu estado da arte. Dentre esses estudos, destacamos, além dos autores já consagrados como Pêcheux (1969), Fiorin (1995), Bakhtin (1979, 1992 e 2003), Orlandi (1996, 1999), entre outros, os trabalhos de Lameiras (2003) com a sua tese de doutorado intitulada “Dos fatos ocorridos aos acontecimentos A/Enunciados”, em que a autora com base nos paradigmas bakhtinianos e pêcheuxtianos realiza a análise dos pólos de estabilização e desestabilização do discurso, considerando a questão da subjetividade a fim de localizar o Sujeito do Discurso ao mesmo tempo em que busca elucidar o discurso do sujeito;

Costa (2005), na sua dissertação de mestrado “Com licença da palavra: uma análise discursiva do uso das aspas a partir do texto jornalístico”, aborda as expressões aspeadas nas matérias do jornal Folha de São Paulo sobre o programa do governo federal “Fome Zero”. O enfoque do trabalho está em mostrar ao leitor como foram construídos determinados efeitos de sentido, destacando a via de desgramaticalização percorrida pelos sujeitos do jornalismo quando inserem as aspas nas suas redações. Por fim o trabalho apóia-se na fundamentação teórico-metodológica da concepção bakhtiniana da linguagem;

Bessa (2007), com sua dissertação “Referência ao discurso do outro: uma análise de problemas de relações de sentido entre discurso citado direto e discurso citante no gênero monográfico”. Em sua pesquisa discorre acerca da referência ao discurso alheio, utilizando como recurso o discurso citado direto, na escritura textual da seção de fundamentação teórica das monografias de conclusão produzidas por estudantes universitários do curso de letras. O estudo é orientado a partir dos pressupostos teóricos de Bakhtin (2004), Revuz (1990, 1998 e 2004), Maingueneau (1996 e 2002) sobre discurso citado/relatado;

Avelino (2006), com seu estudo “O silenciamento no texto jornalístico e a construção social da realidade: uma análise da cobertura da Segunda Guerra mundial pelo jornal A República” (Natal/RN-Brasil). A dissertação faz uma análise do papel da imprensa potiguar durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e tem como objetivo analisar a cobertura do conflito por um dos principais jornais impressos da cidade do Natal (RN/Brasil) – “A República”, hoje sem circulação, evidenciando o silenciamento como estratégia discursiva no texto, em especial, no texto jornalístico. Neste estudo, a autora partiu da análise de notícias publicadas no jornal, que circulou entre 1889 a 1987 com algumas interrupções durante a Segunda Guerra, evento que marcou a cidade do Natal sob diversos aspectos;

Rosado (2007), e seu artigo, “Hunos da nova espécie: um caso ‘bárbaro’ de agendamento”. O trabalho analisa o discurso dos jornais “O Mossoroense”, “Correio do Povo” e “O Nordeste” nos anos de 1926 e 1927, sobre o ataque do bando de Lampião à cidade de Mossoró, tendo como objetivo identificar os elementos de agenda-setting (agendamento) e gatekeeper, isto é, o controle da informação. Para tanto, os aportes teóricos adotados pelo autor foram: O estudo do jornalismo no século XX, de Traquina (2003) e a Análise de textos de comunicação, de Maingueneau (2001).

Em relação aos estudos desenvolvidos sobre a literatura de cordel, destacamos os trabalhos de: Nemer (2005), com sua tese “a função intertextual do cordel no cinema de Glauber rocha”. Em seu estudo a autora centra a discussão no problema da intertextualidade fílmica, tendo como objetivo refletir sobre a apropriação da literatura de cordel em “Deus e o diabo na terra do sol” (1964) e em “O dragão da maldade contra o santo guerreiro” (1969), filmes de Glauber Rocha dedicados à representação do universo social e cultural sertanejo. O trabalho procura verificar o que os referidos filmes retêm da tradição popular do cordel e o modo de expressá-la cinematograficamente.

Já Galvão (2000), em seu estudo teve como objetivo (re)construir o público leitor/ouvinte e os modos de ler/ouvir literatura de cordel, entre 1930 e 1950 em Pernambuco. Na pesquisa, foram utilizadas como principais fontes entrevistas, autobiografias, romances, os

próprios folhetos e outros documentos. A pesquisa teve como suporte teórico-metodológico os estudos sobre história cultural e da leitura, as discussões em torno da cultura popular, as pesquisas que se detêm sobre a relação entre oralidade e letramento e os trabalhos referentes à história oral.

Azevedo (2004), em seu livro “cordel, Lampião e cinema na terra do sol” procura mostrar a importância da literatura de cordel para a cultura brasileira. No livro, essa literatura, através da temática do cangaço, é evidenciada como fonte de inspiração para o cinema e a música.

Oliveira (1981) em sua dissertação “A representação da mulher na Literatura de cordel” aborda a temática feminina. O foco do trabalho está na compreensão imagética da mulher expressa na literatura de cordel. Nos folhetos analisados pela autora, a figura feminina atua como elemento preponderante dos exemplos de honra e virtude: as donzelas, pela preservação da virgindade; de perversão e maldade: meretrizes, as adúlteras.

Observamos que os trabalhos mencionados abordaram como objeto os processos discursivos e suas formas de produção em contextos diversos relacionando-os ora com a comunicação científica dos estudos monográficos, ora com as questões históricas, até mesmo com questões políticas e psicanalíticas, conforme evidencia Lameiras (2003) sobre a subjetividade discursiva. Além disso, alguns estudos enfocam a temática cordelista, e colocam em cena a questão intertextual, por exemplo, do cordel com o cinema.

Nossa pesquisa segue um percurso semelhante ao de Rosado (2007), tendo em vista que será analisado o mesmo acontecimento discursivo; e ao de Nemer (2005), o qual trabalha com duas mídias distintas: o cordel e o cinema. Entretanto, o foco da nossa pesquisa está centrado na análise linguística do discurso empreendido pelos jornais impressos e pelos cordéis, identificando as estratégias argumentativas, os posicionamentos assumidos pelo sujeito enunciador e o processo de construção da notícia, atentando para as especificidades dos gêneros utilizados.

Acreditamos que, desse modo, contribuiremos com a área de estudos linguísticos, desfazendo qualquer pretensão de um discurso midiático neutro, transparente, imparcial, ao revelarmos que, na linguagem, o homem assume sempre posições de sujeito determinadas por suas Formações Discursivas (FD's). Todavia, alertamos que as interpretações aqui produzidas correspondem apenas parte do conhecimento (em construção), sujeito a aprofundamentos, inserções de novos dados e aprimoramento da análise empreendida.

Portanto, perante a explicitação dos nossos questionamentos e objetivos, da citação de alguns trabalhos que já abordaram o tema e dos esclarecimentos sobre o estudo, cabe-nos

apresentar como estruturamos o conhecimento empreendido por esta pesquisa. Nosso estudo é composto por três capítulos, a saber:

O capítulo um – O espaço histórico da literatura de cordel – discorre sobre os folhetos. Traçamos um panorama sobre a gênese dos cordéis brasileiros e a influência lusitana; suas denominações nos diversos países; suas características; as temáticas abordadas (O maravilhoso e o fantástico, a religiosidade, o cangaçeirismo, o demoníaco, os assuntos amorosos e os assuntos de relevância social) com ênfase no tema ‘cangaço’, ou seja, como este assunto é retratado no universo dos folhetos, tendo em vista nosso objeto de estudo.

O capítulo dois – Fundamentação teórica – aborda a apresentação dos pressupostos teóricos que sustentam este estudo. Dentre os diversos paradigmas de pesquisa, optamos por relacionar os estudos da linguagem com base na vertente da Análise do Discurso Francesa (AD) e a teoria da argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), tomando como fundamento de análise o conceito de argumentação e as técnicas argumentativas presentes no discurso a fim de aumentar a adesão do auditório à tese defendida pelo orador. Além disso, trabalhamos certas categorias de análise como: efeito de sentido, formação discursiva e interdiscurso, para tanto, fundamentando-nos em Orlandi (2001).

Tendo em vista o *Corpus* da pesquisa, recorreremos à investigação acerca dos múltiplos olhares sobre o conceito de gêneros. Priorizamos o olhar bakhtiniano (2000), pois enseja uma melhor compreensão nas respostas às questões da pesquisa. Além disso, nossas reflexões estão envoltas na concepção dialógica da linguagem de Bakhtin (1995).

A partir do momento que optamos por trabalhar com a articulação dessas teorias, objetivamos demonstrar que a construção do texto é, paralelamente, condicionada e condicionante em função de valores sociais e ideológicos que se instauram nos signos linguísticos e se estabelecem no discurso, isto é, no dizer. Partindo do entrecruzamento desses pressupostos teóricos, buscaremos identificar, por meio da materialidade do texto a sua imaterialidade.

O capítulo três – o discurso da resistência – está voltado para a apresentação dos procedimentos de análise, a abordagem metodológica da pesquisa, e a delimitação do *corpus*. Além disso, esse capítulo evidencia a interpretação das notícias veiculadas nos jornais e nos cordéis que constituem o universo de apreciação desta pesquisa. Por fim, ao relacionarmos a AD com a teoria da argumentação, buscamos traçar pontos relevantes da análise e apontar um percurso, dentre os vários existentes, que proporcione condições de relação entre prática social e prática discursiva.

Nas considerações finais, retomaremos os conceitos citados nos capítulos anteriores e, paralelamente, procuraremos dar um ‘fechamento’ à interpretação dos dados analisados no capítulo quatro à luz das teorias trabalhadas. Nosso objetivo, nessa parte, é fazer emergir os sentidos possivelmente revelados durante a análise dos textos constitutivos do nosso universo de pesquisa. Visamos também, elucidar as questões de pesquisa apresentadas na introdução da dissertação.

Capitão Virgolino-Ferreira ( Lampião)

Gen. Rodolpho,

Estando eu até aqui  
pretendo ir já foi um  
aviso, ali **Capítulo 2**  
se por oculto resolver mi.  
a mandar, será a importância  
qualquer coisa, o convite  
di Entrada ali parecem não  
vindo esta importância eu  
entrarei, até ali pouco qui adeus  
querer. eu entro e não aver  
muito estrago, por isto si vir  
o drº eu não entro, ali mas  
no resposste logo.

Copº Lampião

Literatura de cordel  
É poesia popular  
É história contada em versos  
Em estrofes a rimar  
Escrita em papel comum  
Feita pra ler ou cantar

## 2 O ESPAÇO HISTÓRICO DA LITERATURA DE CORDEL

Em seu percurso, a oralidade foi responsável, por grandes obras tais como a *Odisséia*, a *Ilíada*, a *Eneida*, entre outras, que, com o auxílio da memória, puderam ser transmitidas a um público, antes mesmo de ‘descansarem’ no signo escrito. Primordialmente a matéria narrativa foi a principal via de associação das ações poéticas criadas pela capacidade humana de divertir, comunicar e instruir os integrantes de diferentes culturas e sociedades diversas. Benjamin (1986) coloca a narrativa como uma forma de transmissão de experiências, em que o “narrador era alguém mais velho que transmitia o seu saber aos mais jovens” (BENJAMIN, p. 197-221). As pessoas reuniam-se, antigamente, para ouvir histórias e aprender com as experiências que elas traziam, e trazem até os dias atuais.

Na Idade Média, a produção, difusão e circulação das notícias eram feitas de forma oral pelos trovadores que, ao mesmo tempo, criavam e entoavam suas trovas. Desse modo, eles divulgavam e transmitiam para seu público ouvinte as histórias, os feitos heroicos de seus antepassados das regiões onde habitavam. Assim, eram relatadas a valentia dos homens e a glorificação dos deuses. Esses poetas viviam de cidade em cidade, nas praças e mercados públicos, e também nas cortes, onde divertiam os reis e seus visitantes.<sup>4</sup>

Após a Idade Média, no final do século XIX e início do século passado, ocorreram grandes transformações na Europa e no mundo. Em nosso país, especificamente, na região Nordeste, verificamos, sobretudo, importantes acontecimentos sócio-econômicos: a introdução industrial em pequena escala, o desenvolvimento dos ofícios e das oficinas artesanais, surgiram os movimentos messiânicos, a Coluna Prestes<sup>5</sup>, o fenômeno do cangaço, as tragédias sociais advindas das secas e enchentes, a abertura das primeiras ferrovias e suas consequências, o desenvolvimento do comércio e da imprensa, entre outras transformações ocorridas. Com o advento da imprensa e sua expansão, as diferentes modalidades de cultura popular também evoluíram. As histórias que eram contadas oralmente, através da literatura oral, adquiriram novas formas de divulgação. Isto é, de literatura popular exclusivamente oral, passou à literatura popular impressa.

Em épocas passadas, os menestréis e jograis passaram a propagar este tipo de literatura nas cidades e regiões por onde andavam. Eles constituíam, juntamente com os trovadores, segréis, romanceiros, cancioneiros, entre outros, uma classe de poetas populares ou artistas ambulantes que declamavam poesias, cantavam, interpretavam e contavam histórias, utilizando-se de recursos mnemônicos, a exemplo, do alaúde,

---

<sup>4</sup> MAXADO, Franklin. **O que é Literatura de cordel?** RJ, Codecri, 1980, p.17.

<sup>5</sup> O ataque de Lampião a Mossoró ocorreu no período da Coluna Prestes.

por excelência. Suas histórias eram poesias impressas em formas de rimas, de trovas, quadras e sextilhas (GOMES, 2007, p. 67).

Essa nova forma de relatar os acontecimentos logo se expandiu por diversos países, recebendo denominações específicas, conforme as particularidades de cada lugar. Na Espanha, ficou conhecida como *literatura de pliegos sueltos* (literatura de folhas soltas); na França, denominou-se de *littérature de colportage*, ou seja, literatura ambulante; em Portugal era conhecida de duas maneiras, *literatura de cegos*, em 1789, D. João V ter promulgado uma lei que permitia à “Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos de Lisboa” vender pequenas brochuras em verso e prosa que tratavam de temas popular, e *literatura de cordel* por ser exposta à venda sob forma de pequenas brochuras penduradas em barbantes ou cordas.

## 2.1 A GÊNESE DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

No Brasil, a origem da Literatura de cordel é revestida de alguns pressupostos históricos cuja atmosfera é obscura. Maxado (1980) e Cascudo (1984) afirmam que a literatura oral, na qual estão situados os cordéis, sofreu influências européias. Todavia, Maxado assegura que foram os índios os pioneiros dessa comunicação, pois os portugueses quando aqui chegaram já encontraram os indígenas com suas lendas e costumes. Para o autor, tanto o índio quanto o português e o africano originaram as manifestações culturais do povo brasileiro. Cascudo ratifica que a literatura oral brasileira se formou a partir de elementos trazidos por essas três raças, entretanto, dos portugueses, vieram os trovadores, que divulgaram canções, adivinhas, provérbios, anedotas, cantos, com a finalidade de informar e formar o povo brasileiro. Assim sendo, somente com a chegada desses povos foi que as formas de comunicação oral desenvolveram-se rapidamente.

Além da herança lusitana, o romanceiro nacional também encontra vestígios na cultura popular dos países hispano-americanos como assevera Diégues Júnior (apud BATISTA, 1997):

É evidente que o romanceiro que nos veio de Portugal não era exclusivamente lusitano; aí tinha chegado por várias fontes. Era assim peninsular, tanto que se divulgou também nas partes de colonização espanhola da América. [...] Também na área de origem espanhola os versos que correspondiam ao português na literatura de cordel igualmente aparecem, do que ainda hoje persistem alguns traços. Na Espanha, a literatura de cordel era chamada de *pliegos sueltos*, o que corresponde à denominação também portuguesa de ‘folhas volantes’ (DIÉGUES JÚNIOR, apud BATISTA, 1977, p.1).



Soler (1995), de acordo com Gomes, enfatiza a ascendência árabe no folclore do sertão brasileiro, elucidando traços daquela cultura na região Nordeste, desde a colonização do Brasil por um processo que aquele autor denomina de “transmigração de costumes do povo europeu” (GOMES, 2007, p. 67).

Por fim, Diégues Júnior (1977) relata em seus estudos que os primórdios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo. Essas narrativas são os conhecidos romances, novelas de cavalaria ou romanceiro popular de origem ibérica. Assim, ouviam-se através do romanceiro popular e das novelas de cavalaria, contadas e recontadas pelos colonos que aqui chegavam, as narrativas tradicionais como: a *História da Princesa Mangalona*, *Carlos Magno e os Dozes Pares da França*, *Oliveiros*, *Ferrabrás*, *A Donzela Teodora*, *A História da Imperatriz Porcina*, *João de Calais*, dentre outras (CASCUDO, 1984, p. 24).

Por influência de Portugal, em nosso país, a expressão cordel passou a ser empregada comumente, porém, Souto Maior (s.d), em seus estudos sobre o tema discorda do termo utilizado uma vez que para ele essa nomeação não condiz com as características regionais do país. Conforme o autor, o vocábulo ‘cordel’, palavra importada, provençal, nunca foi usado pelo nordestino referindo-se a cordão. Na visão do referido autor, o povo materializa sua poesia popular em versos através de folhetos, da mesma maneira que a literatura erudita é materializada por meio de livros. Nesse sentido, ele propõe chamá-la de literatura popular em verso ou literatura popular nordestina.

O Nordeste brasileiro ainda é uma região em que a literatura de cordel se faz presente nos círculos sociais, quer em praças públicas ou nas feiras livres, principalmente nas pequenas cidades do interior. Nessa região tal literatura começou a circular e ser disseminada a partir do século XVI, com a chegada dos colonos. Ela proporcionou um ambiente favorável à implantação e expansão dessa literatura. Com isso, o cordel adaptou-se facilmente, adotando as características culturais e sociais da região, “constituindo-se num conjunto de expressões, sentimentos e idéias”, conforme afirmam pesquisadores do assunto, como Diégues Júnior (s.d) ; Meyer (1980).

No entender de Tavares Júnior (1980 *apud* GALVÃO, 2001), o Nordeste [e também o Norte] fora a região brasileira em que os valores trazidos pelos colonizadores teriam sido aceitos. Endossando a visão desse autor, Meyer (1980) afirma que no Nordeste o costume de contar histórias nos serões familiares, nas fazendas ou engenhos, sempre foi muito vivo:

Contadores de história e cantadores de cantorias sempre tiveram associados ao mundo nordestino, no seu duplo sistema de organização: pastoril, do interior sertanejo – ao qual virá acrescentar-se posteriormente o plantio de algodão-; e agrícola, no mundo fechado da cana-de-açúcar do litoral (MEYER, 1980, p. 7).

No prefácio da obra “Antologia da literatura de cordel” do escritor Sebastião Nunes Batista (s.d), Diégues Júnior esclarece a questão da seguinte forma:

Tudo conduziu para o Nordeste se tornar o ambiente ideal em que surgiria forte, atraente, vasta, a literatura de cordel. Em primeiro lugar, as condições étnicas: o encontro do português e do africano escravo ali se fez mais estável, contínua, não esporadicamente. Houve tempo suficiente para a fusão ou absorção de influências. As condições sociais de formação do Nordeste como que predispueram para que aí pudesse surgir, desenvolver-se e tomar característica própria este tipo de manifestação cultural. Tornou-se assim a área de difusão da literatura de cordel (DIÉGUES JÚNIOR, 1977 p. IV).

Tal percepção sobre o enraizamento dos folhetos no nordeste brasileiro vem confirmar o fato dessa literatura ser considerada a primeira forma jornalística conhecida pelos nordestinos.

Todavia, foi na década de 1940 que ficou registrado o ápice, a fase de ouro da nossa Literatura de cordel. O motivo impulsionador do sucesso e tiragens nas vendas dos folhetos deu-se pela chegada de Getúlio Vargas ao poder: caracteriza-se como uma “época de predomínio da política populista que teve em Getúlio Vargas a sua expressão maior” (SOUSA, 1978, p. 19-22).

Duas décadas após essa literatura decaiu em consequência de fatores como: a expansão do rádio, do jornal e da televisão, sobretudo no interior do nordeste. Entretanto, a partir da década de 1970, verificou-se um novo impulso nessa literatura, teve a sua produção aumentada, fato que despertou o interesse de novos pesquisadores e estudiosos. Esses estudos tinham como objetivo popularizar a cultura nacional, ou seja, “estruturar uma cultura nacional a partir de elementos da cultura popular” (OLIVEIRA, 1981, p. 12).

## 2.2 CARACTERÍSTICAS DO CORDEL

A denominação literatura de cordel foi adotada para classificar o folheto (a forma material da poesia popular nordestina) como produção de uma cultura graças, como visto, à similaridade com a literatura popular que floresceu na Europa durante a Idade Média.

De acordo com Campos (1960) “os folhetos são os mais autênticos transmissores do conhecimento, cujos textos possuem um caráter criador, espontâneo, informativo e

expressivo” (apud OLIVEIRA, 1981, p. 22). Os folhetinistas, de modo geral, versam sobre acontecimentos locais e nacionais. Eles analisam fatos que aconteceram ou ainda estão acontecendo, quer sejam da esfera social, política, religiosa, científica, entre outras. Informam sobre crimes e monstruosidades, secas, enchentes, devastamentos florestais, corrupção, etc. Retratam, também, os costumes, as atitudes, as preferências e os julgamentos do homem nordestino. Os cordéis, conforme Diegues Júnior, “atuam como jornal do sertão, líder de opiniões, interpretador dos acontecimentos do país e do mundo” (s.d, p.22). Desse modo, constituem-se em valiosas fontes de pesquisa, de informações de interesse histórico, etnográfico, linguístico e sociológico.

Neles são registrados feitos heróicos [ou não], dos cangaceiros célebres e dos sertanejos valentes, a vida dos fazendeiros e suas filhas, dos senhores de engenho, além das histórias de amor que retratam as aventuras dos amantes apaixonados e sofredores representados na maioria das vezes por filhas de fazendeiros, senhores de engenho, vaqueiros, pescadores, caçadores, cangaceiros, enfocando a coragem, a bravura e o heroísmo dos namorados. Os assuntos desses poemas são expressos em forma de versos, com estrofes métricas e rimas constantes, geralmente, são escritos em sextilha, septilha e décimas.

As mensagens são elaboradas e transmitidas a um público específico, participam do mundo e das vivências do povo. Imprimem seu modo de vida, seus costumes, crenças e tradições. O poeta, por pertencer a esse grupo, compartilha de tais sentimentos e aspirações, por meio de seus textos. Ele passa a ser um comunicador dos anseios e desejos do povo, ambos se reconhecem muitas vezes nas cantorias e declamações dos versos improvisados ou expressos nos folhetos. Quanto à linguagem, rica em neologismos e simbolismo<sup>6</sup>, individualiza-se como simples e popular, possuindo características próprias do falar sertanejo.

Oliveira (1981), em seu estudo sobre a representação da mulher na literatura de cordel distingue os folhetos com base nos aspectos mais específicos dos temas, assim como os mais frequentes. Desse modo, a autora destaca seis temas recorrentes nesse gênero:

O *maravilhoso e o fantástico* nos quais encontramos as narrativas de encantamento revestidas de elementos mágicos e seres sobrenaturais como dragões, castelos, cavernas. Suas personagens surgem em forma de princesas e príncipes, bruxas, fadas, monstro e fantasmas.

Outra temática predominante na literatura de cordel, a *religiosidade*, aborda assuntos bíblicos, proféticos e milagrosos, além dos atinentes a festas religiosas, beatos, cantos, Padre

---

<sup>6</sup> É o caso dos termos relativos ao demônio. Este aparece na literatura de cordel através de designações como: bicho-preto; cão; feiticeiras; capeta; capirocho; tinhoso; bode; gato serpente; etc. Souto maior, afirma que o uso dos diferentes apelativos ao demônio no Nordeste é consequência da predominância de superstições na região (OLIVEIRA, 1981, p. 15).

Cícero, Frei Damião, a Virgem Maria, as filhas órfãs, obedientes e as mães devotas. Através da religiosidade, ou seja, da fé, o povo nordestino procura encontrar explicações para os muitos fenômenos que ocorrem no cotidiano.

O *cangaceirismo* é tema recorrente na literatura de cordel, sendo consequência da época dos coronéis; constitui um assunto de grande interesse pelos poetas populares que celebram os feitos dos cangaceiros, assegurando, assim, sua sobrevivência na memória do povo.

O *demoníaco* também é muito frequente nos textos da literatura de cordel nordestina. O demônio aparece diretamente nesses poemas através das figuras femininas (as moças desobedientes aos pais, as adúlteras, as prostitutas, as feiticeiras, as cômicas, as cruéis e as que acompanham a moda); dos animais (bode, gato, cavalo, cão, morcego, mosca, sapo, a serpente); ou representado por um cheiro de gás e de enxofre.

Os assuntos *amorosos* retratam aventuras de amantes sofredores, enfocando a coragem, a bravura e o heroísmo dos namorados, como também os de *relevância social*, os quais abordam temas referentes à política, crimes, secas, enchentes, desastres, acontecimentos policiais, guerras, terremotos, festas, costumes e demais eventos.

Considerando-se o volume de abordagens temáticas nessa literatura e suas variadas classificações, verificamos que o cordel registra a realidade tanto de ordem econômica e política, como social e cultural. Cascudo (1939) afirma tratar-se de livros possuidores de preciosos dados sobre cultura geral. São, portanto, fontes de leituras e ensinamentos preciosos dos poetas e/ou cantadores e exercem fundamental importância na produção de suas obras.

## 2.3 O CANGAÇO NA LITERATURA DE CORDEL

Narrado envolto a mitos e lendas, o cangaço constitui um tema de grande interesse para os poetas populares. Fomentado no bojo da política coronelista, esse movimento surgiu devido à junção de fatores sócio-econômicos e naturais.

No final do século XIX e início do século XX, a expansão do capitalismo, acompanhada por um processo de crescente modernização da economia, provocou importantes transformações em todo o mundo. Por toda parte ocorreram mudanças sociais significativas, transformando as antigas formas de convívio social.

Nesse contexto, o deslocamento do centro econômico para o sul do Brasil, agravou as desigualdades sociais do nordeste. O sertão brasileiro, mais particularmente o interior do Nordeste,

passava por uma crise social sem precedentes. Naquela época, era uma região onde predominava a miséria, ignorância e a violência. Segundo Dantas:

A proclamação da república, em 1889, não trouxe mudanças significativas para os sertões do Nordeste. Já passada uma década do importante acontecimento histórico, aquele mundo distante dos grandes centros urbanos continua condenado ao atraso, ao isolamento e a eterna má vontade dos governantes. [...]. O convite ao cangaço, não é demais repetir, está implícito na plena falta de oportunidade de progresso pessoal, na violência herdada no processo de colonização e domínio do indígena, na vasta pradaria pontilhada de esconderijos seguros ou na necessidade de fazer justiça com as próprias mãos (DANTAS, 2008, p.1-5).

Assim sendo, durante o principal período de atuação do cangaço<sup>7</sup> as condições em que se encontrava o sertão nordestino eram desanimadoras. A questão climática da região foi um dos fatores preponderantes para o florescimento do movimento.

A irregularidade e escassez da chuva, que geralmente se estendiam por um longo tempo, caracterizavam o período de grande seca, prejudicando as lavouras e criação bovina. Em vista disso, com o flagelo da seca e a quebra sucessiva das safras ocasionando a miséria da população, acontecia o êxodo de enorme número de trabalhadores, principalmente entre aqueles jagunços dispensados das grandes propriedades, já que as lavouras estavam em crise devido às terríveis estiagens.

O algodão e a cana de açúcar que haviam sido, por muito tempo, primordiais para o desenvolvimento da região, estavam em decadência. A pecuária, por sua vez, consolidou uma forma peculiar de relação entre os grandes proprietários e seus vaqueiros. Entre eles, “estabeleceram-se laços de compadrio (tornavam-se compadres), cuja base era a relação de fidelidade do vaqueiro ao fazendeiro, com este dando proteção em troca da disponibilidade daquele em defender, de armas na mão, os interesses do seu patrão” (QUEIROZ, 1997, p.18).

Observamos, desse modo, que no ‘Polígono da seca’ há a existência de dois cangaços. O primeiro tipo está diretamente ligado aos latifundiários, subordina-se a esses, e acata todas suas vontades e desígnios. “Para o homem do campo, o Coronel é a Lei. Somente Deus, e, mais ninguém pode figurar acima dele. O Coronel dita destinos ao seu talante. O sertanejo humilde e inculto vive debaixo do seu tácio” (DANTAS, 2008, p. 2).

O segundo tipo, o cangaço independente, o qual tem Lampião como seu principal expoente, caracteriza-se pela presença de homens independentes, errantes, bem armados que se organizavam em grupos a fim de realizarem assaltos e saques como forma de obtenção de dinheiro. Além desses assaltos e furtos, normalmente, “realizavam sequestros para pedirem resgates, ou mesmo, exigiam o

---

<sup>7</sup> Organizado em grupos e subgrupos, o cangaço, conforme Gonçalves Ferreira (2005, p.19), tem início a partir da morte de Cabeleira, em 1776 e se finda no dia 27 de maio de 1940, com a morte de Corisco.

pagamento de determinadas quantias apenas ameaçando alguns fazendeiros ou autoridades locais” (QUEIROZ, 1997, p.19).

Tendo em vista o difícil cenário imposto pelas condições climáticas e sociais no sertão nordestino, o qual acarretou na dificuldade de emprego em detrimento das constantes crises econômicas, muitos homens aderiram ao cangaço como refúgio da miséria intensa e única alternativa de sobrevivência. A rigor, reconhecemos que as dificuldades em que se encontravam os sertanejos, provavelmente, favoreceram que entrassem para o cangaço como meio de subsistência. Porém, não podemos deixar de lado “a romantização que era feita em cima do cangaceiro, que deve ter atraído o interesse de muitos homens ávidos por aventura e fama” (CHANDLER, 2003, p. 48). Muitas vezes, os atos praticados pelos conhecidos “bandidos sociais” eram considerados heróicos perante a sociedade, acreditava-se que tais ações eram movidas pela honra, geralmente, em busca de vingança.

Essa visão romântica do cangaceiro como herói popular do nordeste, ganha destaque e prevalece na literatura de cordel. Na visão de Campos (1977 apud AZEVEDO 2004), o poeta popular transforma o cangaceiro em herói por se rebelar contra uma perseguição injusta da polícia, indica evidente reação à aplicação da justiça no interior brasileiro, conforme observamos nas estrofes seguintes:

Quem já não teve notícia  
Do famoso Lampião  
Que andou pelo sertão  
Dando trabalho à polícia?  
De truculência e sevícia  
Por muitos foi acusado,  
Capitão sem ser soldado,  
Ganhava a vida matando  
Mesmo assim, morreu deixando  
A aura d’injustiçado.

Por rixa de pouca monta  
Seu pai foi assassinado  
Para punir-se o culpado  
Esperou tempo sem conta  
Considerando uma afronta  
A lei da impunidade,  
Justiça pela metade  
Ou só para quem tem dinheiro  
Fez Lampião cangaceiro  
Mas não por sua vontade<sup>8</sup>.

Os poetas populares justificam a entrada dos sertanejos para o cangaço, ou melhor, a transformação dos homens simples do sertão em cangaceiros, como consequência das injustiças as quais são submetidos, e, principalmente, a sua obediência ao código de honra. Os autores enfatizam o

<sup>8</sup> CORDEIRO, José. Visita de Lampião a Juazeiro, 1997.

caráter pessoal e psicológico da vingança. Para muitos cordelistas o assassinato do pai obriga Lampião a entrar para o cangaço, sendo esse, o acontecimento decisivo de sua vida.

Baseado nisso, o bandido social contava com o apoio da população, sobretudo dos coiteiros, os quais ofereciam proteção e abrigo nas ocasiões em que os bandoleiros necessitavam. Embora os chamados coiteiros, motivados pela admiração, auxiliassem os cangaceiros, eles se coligavam, também, ao cangaço tanto pelo lucro, pois eram sempre bem pagos pelos serviços prestados, assim como, e principalmente, pelo medo que tinham de sofrer a violência e punições que eram impostas pelo bando a inimigos e desafetos. Curiosamente, ainda havia a aliança entre autoridades locais e os bandoleiros, a fim de que estes se refugassem em determinada região com segurança, conforme narram os trechos seguintes:

[...]

Afinal eu e o Mendes  
Chegamos onde acampava  
Essa força absoluta  
Que o sertão devastava  
A multidão delirante  
Bradava tinotroante  
Ao Lampião aclamava

Sobre o terreiro da casa  
O povo se comprimia  
Lampião dentro da mesma  
Não dava pra quem queria  
Nem mesmo em Santa missão  
Eu vi a população  
Que ali permanecia.

[...]

Dáí da Fazenda Nova  
De Juazeiro arrebalde  
Lampião fez uma carta  
Pedindo à autoridade  
Se ela lhe permitia  
Ele e sua companhia  
Acamparem na cidade

Eu também não perguntei  
Se lhe deram permissão  
Só sei que às nove da noite  
Entrou todo batalhão  
E na casa hospitaleira  
De João Mendes de Oliveira  
Hospedou-se Lampião<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> CORDEIRO, José. Visita de Lampião a Juazeiro, 1997.

Característica marcante da alma sertaneja e da sua literatura, através da abordagem de assuntos bíblicos, proféticos e milagrosos, a religiosidade faz-se presente também na alma do cangaceiro, pois é por meio da fé que o povo nordestino procura consolo para suas emoções. De acordo com Queiroz, “um misto de medo e admiração ao sobrenatural, aos objetos místicos e ao poder que as figuras santas emanam sempre esteve presente na vida do sertanejo” (1997, p. 20), conforme observamos na estrofe seguinte:

Eu não sei que danado é Mossoró,  
Deve ser um nome endiabrado,  
Um monstro fantástico do passado,  
Um feiticeiro maligno desse pó.  
Um gênio, uma fada, um catimbó,  
Esse tal Mossoró não me convém,  
Eu não sei que danado é que ele tem,  
Que eu lá quase perco meu cartaz,  
O povo de lá é doido até demais,  
Mossoró não tem medo de ninguém<sup>10</sup>

Através da religiosidade, da fé ou da simbologia mitológica presente em seres e objetos fantásticos, o povo nordestino busca encontrar explicações para muitos fenômenos que ocorrem em seu cotidiano. E como todo sertanejo sofrido, o cangaceiro não pensa diferente, sendo corriqueira a prática de utilizar objetos ‘santificados’ em seus adereços<sup>11</sup>. Chandler (1986), “já afirmara que a fé de Lampião em Padre Cícero, fazia-lhe pregar retratos do líder religioso em suas roupas. Além dos livrinhos de oração e santinhos guardados em sua carteira, Lampião também usava escapulários, pendurados no pescoço” (apud ARÚJO SÁ, 2008, p. 9).

Para estudiosos como Freud e Durkheim, a religião é fundamental para a existência e funcionamento dos grupos. Segundo Freud, o caráter religioso deriva primariamente das relações de desamparo do ser humano, sendo considerado por ele um fenômeno regressivo, decorrente das reedições mais elaboradas de primitivas relações parentais. Nesse sentido, conforme as reflexões freudianas, o desamparo humano cria a necessidade e o “complexo paterno engendra a fé” (LIMA, 2008, p.50).

Nas palavras de Durkheim (1989, p. 206), a religião é importante para a regularidade da sociedade. Em outros termos, trata-se de uma necessidade que transcende a busca de completude no plano das carências dos sujeitos desejantes, para situar-se como necessária ao próprio funcionamento efetivo da sociedade.

<sup>10</sup> SOBRINHO, José Saldanha Menezes, **Lampião em Mossoró em 1927**. 2ª ed. RN: Pedagogia da Gestão, 2004.

<sup>11</sup> Os cangaceiros acreditavam que a presença de objetos ‘santificados’ em seus adornos garantia o tão almejado ‘corpo fechado’. Para muitos, Lampião era o maior exemplo de homem de ‘corpo fechado’, ele era considerado imortal de “morte matada”. Pelos que acreditam nessa crença, a sua morte é questionada até os dias atuais (MARCOLINO NETO, 2008, p. 15).



## 2.4 MOSSORÓ NA LITERATURA DE CORDEL

A cidade de Mossoró, situada na microrregião salineira do Estado, desenvolveu-se em virtude da sua posição geográfica, da facilidade de obtenção do sal do litoral, e da proximidade da criação de gado na chapada do Apodi. Atualmente, a cidade e as conquistas de sua população são cantadas nos ritmos dos poetas populares:

[...]

No ano de vinte e sete  
Mossoró era potente  
Com grande capacidade  
E de um povo valente  
Nunca baixou a cabeça  
E que você não esqueça  
Do prefeito competente

Mossoró já competia  
Com a capital do estado  
Com o número de habitantes  
Pelo senso confirmado  
Vinte e três mil e trezentos  
Natal tinha trinta e seiscentos  
E crescendo lado a lado.

Era bem desenvolvida  
Com o comércio lisonjeiro  
Tínhamos do país  
Maior parque salineiro  
Firma descaroçadeira  
Grande produção de cera  
Que durava o ano inteiro

A cera de carnaúba  
Com seu formato bruto  
Sempre foi bem procurada  
De um valor absoluto  
Era enorme a produção  
Porque tinha exportação  
Valorizando o produto

Tivemos o ouro branco  
O famoso algodão  
Fez parte da economia  
Aqui do nosso torrão  
Pra pele tinha comprador  
Também era exportador  
Pra todo esse mundão.

[..]

A energia elétrica  
 Que a cidade usufruía  
 Alimentava as indústrias  
 Que em Mossoró se via  
 Com sua iluminação  
 Deixava a população  
 Feliz e com alegria.

Repartições públicas  
 Existiam na cidade  
 Trazendo ao município  
 Emprego de qualidade  
 Sendo umas federais  
 E outras estaduais  
 De grande capacidade

No setor financeiro  
 Tinha o Banco do Brasil  
 Da região era o único  
 Que ao povo serviu  
 Mossoró se orgulhava  
 O seu povo adorava  
 Por já ter o seu perfil.

Mossoró era uma cidade  
 Do país reconhecida  
 Antes era Aracati  
 Que fora desenvolvida  
 A anos anteriores  
 Mas não devendo favores  
 Não ficou compadecida.

Tornou-se a mais rica  
 Por seu desenvolvimento  
 Cada dia se notava  
 Um pouco do crescimento  
 Sua fama cresceu tanto  
 Falavam-se em todo canto  
 Que o nosso lugar é bento.

[...]

Mossoró sendo famosa  
 Não demorou a surgir  
 Boatos nas regiões  
 Para todo mundo ouvir  
 É a cidade do dinheiro  
 De um povo hospitaleiro  
 Quem entra não quer sair.

Os versos apresentados evidenciam o modo como vem sendo construída, ao longo desses anos, a identidade de Mossoró. O cordel fundamenta seu processo discursivo no

contexto sócio-histórico e econômico em que está inserido o seu orador. A fantasia poética, motivada pelo conhecimento da realidade citadina, impulsiona o poeta a criar um mundo ideal. Tudo em Mossoró é abundante e produtivo. A referência aos mossoroenses enfatiza o conforto e a benevolência em que se encontram: [...] “De um povo hospitaleiro/ Quem entra não quer sair”.

Nesse sentido, constatamos a presença da interdiscursividade, uma vez que os versos do poema incorporam o percurso temático e figurativo do folheto “Viagem a São Saruê” de Manuel Camilo dos Santos, conforme observamos nos versos a seguir:

[...]

Avistei uma cidade  
Como nunca vi igual  
Toda coberta de ouro  
E forrada de cristal  
Ali não existe pobre  
É tudo rico em geral.

Uma barra de ouro puro  
Servindo de placa eu vi  
Com as letras de brilhante  
Chegando mais perto eu li  
Dizia: - São Saruê  
É este lugar aqui.

As estrofes do cordel, “Viagem a São Saruê” apresentam a mesma característica utópica: uma cidade bela, rica e pródiga, sendo, portanto, encantada.

A partir dessa relação, fica evidente que o discurso poético, bem como, o midiático, trabalha sob o mesmo ponto de vista de engrandecimento da cidade mossoroense.

Capitão Virgolino-Ferreira ( Lampião)

Gen. Rodolpho,

Estando eu até aqui  
pretendo ir já foi um  
aviso, ali por osinhoris.  
se por acaso **Capítulo 3**  
a mandar, será a importância  
qualquer nas peças, de envito  
di Entrada ali parem não  
vindo esta importância eu  
entrarei, até ali pouco qui adeus  
querer. eu entro e não aver  
muito estrago, por isto si vir  
o drº eu não entro, ali mas  
no resposste logo.

Capº Lampião

O discurso escrito é, de certa maneira,  
parte integrante de uma discussão  
ideológica em grande escala. Ele  
responde a alguma coisa, refuta,  
confirma, antecipa as respostas e  
objeções potenciais, procura apoio, etc.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com base nas reflexões de Bakhtin (2003) de que o uso efetivo da língua se concretiza através de enunciados que surgem nas infinitas relações sociais entre os falantes no interior das diversas esferas da atividade humana, este capítulo dedica-se a estudar a construção da notícia a partir da discussão teórica desse fenômeno. Para tanto, fundamentamos nossa pesquisa no campo teórico da Análise do Discurso, levando em consideração a noção de gêneros do discurso sob a ótica bakhtiniana; na Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) e o uso das técnicas argumentativas.

#### 3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO (AD)

A década de 1960 foi marcada por um redirecionamento nos estudos sobre o texto. O novo olhar estava voltado para a leitura, mais especificamente, a preocupação centrava-se em questões a respeito do significado da leitura. Ou seja, da sua interpretação, “o que ler quer significar” (ORLANDI, 2003). Diante dos estudos linguísticos daquela época que concebiam a língua com um sistema abstrato, ideologicamente neutro, e o sentido entendido como homogêneo excluindo-se, portanto, o sujeito e o seu contexto histórico, Michel Pêcheux propõe uma teoria do discurso que vai além dos limites da dicotomia língua/fala de Saussure. Pêcheux, em meio à supremacia do Estruturalismo, passa a conceber o discurso como objeto teórico, ligando-o ao mundo exterior, colocando em cena o sujeito, o sentido e a história.

Com efeito, esse contexto vai constituir o momento teórico propício para o surgimento da Análise do Discurso Francesa (AD), mais precisamente, para a elaboração do que seja discurso. Assim sendo, levando em consideração que a AD discorda do sentido literal das palavras e adota a concepção de efeitos (multiplicidade) de sentido, através da interação discursiva, estudiosos da língua tentavam compreender não “o que” o texto significa, como visto na análise de conteúdo, mas sim “como” o texto se faz significar, ou melhor, como o texto constitui discursivamente a sua materialidade. Conforme Orlandi (2003), um conhecimento que deve ser obtido a partir do próprio texto, a fim de revelar sentidos aparentemente ausentes e trazer à tona os interesses que movem a construção de certos sentidos e o ocultamento de outros. Segundo, ainda, a referida autora, para estudiosos como Althusser (1965), Foucault (1970), Lacan (2005) e Barthes (1999) e outros pensadores que interrogam sobre o ato de ler e seu significado, “a preocupação com a leitura desemboca no

reconhecimento de que a leitura deve se sustentar em um dispositivo teórico” (Orlandi, 2003, p. 13). Isto é, acontece o que a autora denomina de des-naturalização da leitura.

A partir dessas formulações, o discurso é definido como efeito de sentido entre os interlocutores e sua análise acontece na articulação entre o linguístico e a exterioridade, relacionando o sujeito e o sentido às condições de produção.

Podemos dizer que a AD se faz instrumento de leitura para investigar o texto em sua totalidade cujo objetivo é perceber como os sentidos existentes na sociedade são concretizados em textos pelos discursos. A “AD visa compreender como os enunciados se constroem para dizer o que dizem, como estabelecem os sentidos possíveis numa dada formação discursiva” (OLIVEIRA, 2004, p.178). Por esse prisma, o discurso passa a ser não apenas produção linguística, mas produção social e produção do imaginário.

O campo epistemológico da AD articula-se com três regiões do conhecimento científico: o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, todos atravessados por uma teoria da subjetividade, porém diferenciando-se deles por uma ruptura específica com cada uma dessas regiões do saber. Essa ruptura gera movimento. Para Orlandi (2007), esse movimento, essa diferenciação torna a AD uma disciplina de entremeio.

Em vista disso, além dos estudos pecheutianos terem sido atravessados pela visão psicanalista de Jacques Lacan, em especial, da releitura que Lacan faz de Freud, as suas propostas teóricas foram norteadas, segundo Gregolin (2003), com base nas ressignificações que realizou a respeito de: Bakhtin, Foucault e Althusser, deste último, Michel Pêcheux herdou o conhecimento de ideologia a partir do conceito marxista, uma vez que Althusser faz uma releitura de Marx sobre o assunto. “O trabalho de releitura empreendido por Althusser vai influenciar decisivamente a abordagem pecheutiana das relações entre língua, sujeito e ideologia” (LEITE, 2004, p.121-122).

Nessa perspectiva, o conceito de condições de produção é elaborado por meio da relação entre língua e ideologia. O significado de ideologia, segundo Eagleton (1997):

[...] é por assim dizer um texto, tecido com uma trama de diferentes fios conceituais; é traçado por divergentes histórias, e mais importante, provavelmente, do que forçar essas linhagens a reunir-se em alguma Grande Teoria Global é determinar o que há de valioso em cada uma delas e o que pode ser descartado (EAGLETON, 1997, 15).

Com base nessas reflexões de Eagleton (1997, p. 22), a ideologia tem a ver com a questão de quem está falando o quê, com quem e com que finalidade que as propriedades linguísticas inerentes de um pronunciamento. Na realidade, o sujeito/autor enuncia a partir de

uma posição que corresponde a uma *Formação Discursiva* (FD), que por sua vez, é determinada por uma *Formação Ideológica* (FI). Em outros termos, isto diz respeito aos usos efetivos da linguagem entre determinados sujeitos para a produção de efeitos específicos.

Assim sendo, o sujeito que produz o discurso não é dono de seu dizer, ele não se encontra na origem do seu discurso, pois há um “já dito” que se impõe ao sujeito, caracterizando o seu assujeitamento ideológico. Portanto, a produção do discurso não é determinada por quem fala, mas pela posição que ele adota no interior de FI materializada pela FD. Dessa forma, Pêcheux trabalhou o conceito de FD, ‘emprestado de Foucault’, porém ressignificado, tendo em vista as formulações ideológicas herdadas de Althusser.

Conforme os teóricos da AD francesa, um discurso nunca é em si mesmo autônomo e independente de outros, pois se constrói numa dada conjuntura sempre em relação e reação com discursos anteriores, podendo assumir uma postura contra ou a favor. As ideias de Bakhtin sobre discurso são retomadas por Pêcheux e seu grupo de estudo a partir da discussão sobre a concepção dialógica da linguagem e sobre a heterogeneidade discursiva.

Na visão bakhtiniana, a linguagem é um processo misto, cabendo ao sujeito o ato de fala e ao social a estruturação dessa, enquanto sistema linguístico. Para ele, o individual e o social são indissociáveis. De acordo com Souza, “esta concepção de Bakhtin encontra-se intimamente relacionada com a sua compreensão de como o sujeito constitui-se” (apud AGRA, 2004, p. 13). Para ele, o sujeito é constituído a partir do outro, das palavras que ouve e assimila, o que faz com que o discurso do sujeito seja sempre uma mescla, em que as palavras do ‘eu’ e as palavras do outro fiquem sobrepostas gerando uma fronteira invisível entre o indivíduo e o outro.

Orlandi (1987) entende que ao produzir linguagem, o sujeito encontra-se nela reproduzido e, desse modo, acredita ser a única fonte de seu discurso, quando na realidade o que ele faz é retomar sentidos pré-existentes. Essa ilusão e a ocorrência de esquecimentos necessários são para Pêcheux (1969) o que caracterizam o sujeito como sendo um ser social e ideologicamente constituído, capaz de proferir novos sentidos a partir de ditos já pronunciados.

Assim, temos que o sujeito é uma posição e um efeito do discurso. Na verdade, ele encontra-se no seu modo de dizer, no enunciado e não no centro do discurso, apesar de ter a ilusão de ser uno, de ser a gênese do sentido. Nas palavras de Grigoleto, o sujeito não “é o indivíduo, sujeito empírico, mas o sujeito do discurso que carrega consigo marcas do social, do ideológico, do histórico e tem a ilusão de ser a fonte do sentido. Nesse âmbito, o sujeito é, desde sempre, afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia” (GRIGOLETO, 2005,

p. 1-3). O que para Orlandi significa dizer que “o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas (ORLANDI, 2003, p, 42-43). Pêcheux (1969), denomina essa concepção como efeitos de sentido.

A relação de interação mantida entre os interlocutores é responsável pela construção de sua identidade. Ao se relacionarem, os sujeitos vão construindo suas identidades, reconhecendo-se como atores sociais, aqui entendidos como indivíduos em interação. Quando refletirmos sobre a identificação do sujeito discursivo, faz-se necessário inseri-lo em um contexto sócio-histórico-cultural que influencia e organiza sua produção discursiva com base em condições ideológicas determinadas por este contexto.

Tendo como fundamento tais concepções, observamos que as palavras moldam-se conforme o posicionamento do enunciador, melhor explicitando, elas possuem significados diversos tendo em vista a formação discursiva (FD) em que são produzidas, a partir da formação ideológica (FI) a qual estão ligadas.

No texto, o falante, suporte das formações discursivas (FDs), ao construir seu discurso, investe em estruturas sintáticas, temas e figuras que materializam valores, carências, explicações, justificativas e reflexões existentes em sua formação social. Desse modo, vemos que os processos de construção da linguagem são históricos e sociais, uma vez que é no discurso, parafraseando Orlandi (1999, p.68), o lugar da constatação do modo social de produção da linguagem. Sob esse ponto de vista, segundo Cunha (2004), a especificidade do discurso está em sua materialidade linguística.

### **3.1.1 Mídia e discurso: estratégias retóricas**

Conforme Bakhtin (1992), a língua é fator social vinculada à realidade sócio-histórica do sujeito. Nesse sentido, ela é algo concreto, resultado da manifestação individual de cada falante no ato da enunciação. Desse modo, o filósofo russo atribui à situação enunciativa o caráter de pano de fundo para se compreender e explicar a estrutura semântica de qualquer ato de enunciação, seja oral ou escrito.

Observamos que segundo a ótica bakhtiniana a concepção de língua transcende as concepções tradicionais de linguagem na medida em que coloca em cena a interação verbal como fator preponderante do uso da língua por seus falantes. Diante do exposto, é possível depreendermos que é por meio da enunciação que os humanos interagem entre si, no interior



de certo processo dialógico com papéis sociais bem definidos, a partir de um tempo e de espaço delimitados.

Sob esse ponto de vista, a teoria bakhtiniana, ao inserir o indivíduo em um processo de interação verbal e enfatizar que é na comunicação (enunciação) o lugar onde nasce a intersubjetividade humana, adota a visão de signo dialético, em divergência ao signo linguístico Saussuriano. Enquanto que para Saussure (1969), a língua é um sistema social abstrato, monológico, homogêneo desvinculado da realidade contextual do sujeito, na perspectiva de Bakhtin (1992), o sistema linguístico não é neutro, desprovido de uma ideologia, ele é vivo, dinâmico, relacionado com o contexto e submerso numa ideologia.

A enunciação não é um ato individual, mas social. Ainda para o pesquisador russo, o individual e o social são indissociáveis. “os sentidos existentes na sociedade são concretizados em textos pelos discursos, repassando uma ideologia, o texto é, portanto, a materialidade do discurso” (CUNHA 2004, p.95). Por isso, língua e ideologia são inseparáveis das condições materiais de existência do ato enunciativo e do processo de interação verbal que se manifesta, por meio do discurso, pois “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente, e por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN, 1992, p. 113).

Essa visão da linguagem nos leva a crer que o dialogismo proposto por Bakhtin (1992) é parte inerente da interação social. Nesse sentido, enquanto sujeitos, estamos inseridos numa teia de relações socialmente determinada na qual o ato dialógico, entendido como o espaço de tensão, de confronto entre o “eu e o outro” estabelece, além das relações de sentidos diversos entre índices sociais de valor, estabelece também, outros processos discursivos (dialógicos), é o caso da multiplicidade de vozes que falam paralelamente inseridas no tecido das relações sociais.

Ao refletir sobre o discurso escrito, percebemos que na materialidade textual não há apenas a presença única da voz do seu produtor, mas há vozes plurais que se configuram a partir de perspectivas e pontos de vistas diversos. Em conformidade com Bakhtin, o texto escrito “é parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objetiva potenciais, procura apoio e etc” (1992, p. 123).

Nesse caso, considerando que a enunciação do “eu” está sempre relacionada e condicionada pelo outro, e que o discurso argumentativo somente se estabelece na interação do par “EU-TU” na qual as forças ideológicas dos sujeitos enunciativos se definem e as relações de sentido aparecem, entendemos que os textos escritos os quais compõem nosso

*corpus* apresentam também uma natureza argumentativa. De acordo com Koch, “o homem por meio do discurso, a ação verbal dotada de intencionalidade, tenta influenciar o comportamento alheio ou fazer com que o outro compartilhe suas idéias” (KOCH, 1987, p. 19).

Em se tratando do gênero notícia, universo de nossa pesquisa, verificamos que, convencionalmente, essa produção textual é concebida pela ótica da neutralidade em que ocorre o relato imparcial de fatos e acontecimentos recentes. Em virtude disso, a sua produção e a sua recepção, por exemplo, criam para o enunciador o compromisso de assegurar o valor de verdade do conteúdo proposicional do texto. Para o produtor, a notícia vincula o compromisso de confiança do leitor no valor de verdade do acontecimento relatado nela.

Perante essa definição do gênero em questão, entendemos que sua intenção comunicativa seja informar de maneira imparcial, clara e objetiva; quanto aos papéis conferidos aos sujeitos, imaginamos uma relação distanciada; já a cena enunciativa varia de acordo com o tipo de acontecimento sendo reportado; e, finalmente, em relação às convenções, podemos pensar no texto escrito como produto acabado, cristalizado, objetivo, com forte coesão lexical para evitar redundâncias; entre outros. Conforme esses fatores, o texto noticioso é trabalhado com padronização, obedecendo a regras rígidas impostas pelos manuais de comunicação, com sua estrutura definida (relatar o fato mostrando o que aconteceu, quando e onde aconteceu), por meio de uma linguagem impessoal e formal.

Com os avanços ocorridos nos estudos da linguagem e da comunicação, em especial, com as pesquisas realizadas na área da Análise do Discurso, no campo dos gêneros textuais, e com o surgimento da Teoria do Agendamento postulada por McCombs e Shaw (1972) a qual pressupõe haver uma correlação entre a agenda de mídia e a agenda do público, atualmente, passamos a compreender a produção escrita do texto noticioso não mais como um produto cristalizado, fechado em si, mas como resultado de uma formação ideológica inserida num dado contexto e num determinado espaço discursivo. Desse modo, a notícia deixa de ser mero produto linguístico e passa a ser apreciada através do encontro entre discursos “já ditos”, visto que o seu dizer nasce com base no confronto com outras formações discursivas.

Não obstante, Marcuschi (2002, p. 29) aponta para a impossibilidade de caracterizar os gêneros como “*formas estruturais estáticas*”. Bathia (2000, p. 148), seguindo uma linha de raciocínio semelhante, defende que apesar de um gênero estar, de certa forma, preso a convenções e expectativas linguísticas, ele está sujeito a manipulações por parte de membros da comunidade praticante desde que o domine bem. É o caso das notícias veiculadas nos

jornais da época e na mídia atual sobre a resistência de Mossoró ao bando de Lampião no ano de 1927.

Ao analisarmos o discurso escrito sobre o episódio, observamos traços bem demarcados do discurso persuasivo. Além disso, é importante dizer que tendo em vista que a nossa investigação possui como preocupação discutir o funcionamento da linguagem em uso nas diferentes esferas das atividades sociais, com a finalidade de analisar os recursos argumentativos do discurso. Assim, faremos um percurso teórico sobre a argumentação com o propósito de delimitar importantes pressupostos dessa teoria.

Optamos pela TAD por percebermos que os discursos que compõem nosso *corpus* representam o posicionamento dos oradores, materializado nas suas formações discursivas. Por sua vez, ao tomar determinadas posições, esses sujeitos recorrem, nem sempre de modo consciente, às estratégias argumentativas para defender um ponto de vista e provocar a adesão dos interlocutores. Assim, preocupamo-nos em ler esses discursos como analistas, investigando os efeitos de sentido sugeridos por essas estratégias na construção do texto com o intuito de obter a adesão do auditório.

Todavia, antes de nos atermos a discussão sobre argumentação, é necessário tratarmos, de forma breve, a questão da Retórica, já que ela se constitui como ferramenta primordial para o entendimento do discurso argumentativo, uma vez que os estudos sobre a argumentação surgiram no bojo daquela disciplina.

A retórica floresceu na democracia ateniense. Ela se configura, desde a antiguidade clássica, como a arte de persuadir pelo discurso, capaz de levar um auditório específico a compartilhar a crença sobre aquilo que está sendo proferido. Assim, o poder da persuasão sobre o ouvinte ganhou maior importância e passou a buscar efeitos calculados. Essa eloquência transformou-se rapidamente em objeto de estudo.

Górgias<sup>12</sup> voltou-se para o estudo do poder persuasivo, “desenvolvendo habilidades técnicas de adaptação do discurso ao auditório (kairós), que envolviam a escolha das argumentações, os meios de prova empregados e o estilo utilizado” (TORDESILLAS, 1986, p. 33-34). O valor de uma argumentação era estudado dentro de um contexto de opinião (doxa), e não se referia a qualquer ciência (episteme). Sua retórica é uma espécie de técnica do falar bem, devendo o orador encantar seus ouvintes para, assim, conduzi-los aonde desejar.

---

<sup>12</sup> Os sofistas foram os primeiros filósofos do período socrático. Esses se opunham à filosofia pré-socrática dizendo que estes ensinavam coisas contraditórias e repletas de erros que não apresentavam utilidade nas polis (cidades). Dentre os sofistas, pode-se destacar: Protágoras, Górgias, Hípias, Isócrates, Pródico, Crítias, Antifonte e Trasímaco, sendo que destes, Protágoras, Górgias e Isócrates foram os mais importantes. Estes, assim como os outros sofistas, prezavam pelo desenvolvimento do espírito crítico e pela capacidade de expressão.

Foi também na Grécia que a retórica começou a ser criticada devido à acusação de ser empregada com fins escusos pelos sofistas, filósofos que a usavam para manipular a opinião pública, levando-a a alinhar-se às suas posições. Um dos críticos da retórica foi Platão. Ele denominou de “falsa adulação” a retórica de Górgias. Para Platão, a retórica só era aceitável se estivesse a serviço de uma causa honesta e nobre.

Entretanto, apesar das fortes críticas, a arte retórica tornou-se objeto de interesse de Aristóteles. Ele definiu-a como um conjunto de estratégias capaz de organizar o discurso persuasivo. Assim sendo, desde a lógica aristotélica o estudo da argumentação tem se baseado na tradicional análise da forma e da inferência argumentativa independente do seu conteúdo.

De acordo com Aristóteles, o orador deve centrar seu discurso na busca de argumentos que se subdividem em três pilares fundamentais: *o ethos*, *o phatos* e *o logos*. O *ethos* é a postura assumida pelo orador a fim de garantir a credibilidade do auditório; o *phatos* está vinculado às emoções, aos sentimentos e aos efeitos de sentido que o orador deve despertar no seu público (auditório) através do seu modo de dizer e o *logos* está relacionado à tese, a representação do raciocínio lógico através do qual se convence o público de uma verdade, enfim, “consiste no exame de como os argumentos lógicos funcionam para nos convencer de sua validade” (LEACH, 2003, p. 302).

Em relação às perspectivas atuais, os estudos retóricos receberam nova roupagem graças, sobretudo, aos estudos de Perelman e Tyteca (1996). A chamada ‘Nova Retórica’ distancia-se do racionalismo cartesiano, pois enquanto ela não acredita na univocidade da linguagem, mas no pluralismo dos valores morais e das opiniões, aquele considera a evidência como marca da razão, e o verossímil como algo falso, concedendo apenas a demonstração lógica o estatuto de veracidade.

Em outros termos, os atuais estudos sobre a argumentação no discurso acreditam que é no campo da verossimilhança, do plausível e dos diversos pontos de vista que se assenta a base da argumentação. Dessa forma, Perelman e Tyteca (1996), ao tratarem do envolvimento na argumentação, asseguram que:

[...] ambos, o cético e o fanático, desconhecem que a argumentação visa uma escolha entre possíveis; propondo e justificando a hierarquia deles, ela tende a tornar racional uma decisão. Fanatismo e cepticismo negam essa função da argumentação em nossas decisões (PERELMAN e TYTECA, 1996, p.70).

Nessa perspectiva, a argumentação prioriza a reflexão, o pensamento que não obriga o interlocutor a acatar a verdade, porém oferece a ele a possibilidade de aceitar ou refutar a tese

apresentada que, por sua vez, não se preocupa com a sua verdade ou falsidade, todavia com a decisão mais justa. Logo, a Teoria da Argumentação distancia-se da Retórica Antiga porque não procura apenas convencer o outro, outrossim, atenta a um trabalho inicial de investigação.

Apesar desse entendimento, é importante ressaltarmos que não houve um afastamento total. A Nova Retórica conservou e reintroduziu o conceito de audiência da Retórica Clássica. Perelman e Tyteca (1996) utilizaram como modelo os argumentos judiciais e focaram sua atenção na troca entre os papéis dos coenunciadores.

A concepção deles é, dessa forma, uma típica teoria centrada na audiência e, por esta razão, a relação com a retórica antiga é bastante estreita. Para essas teorias, todo ato discursivo é direcionado a um público. Todavia, à noção de auditório acrescenta-se a reflexão sobre o auditório particular, que é aquele situado temporal e espacialmente, constituído por um grupo particular, delimitado. O enunciador, ao se adaptar a determinado interlocutor, apóia-se em teses que, ao menos em princípio, podem diferir ou mesmo opor-se a teses admitidas por outros públicos.

Essa perspectiva herda e ao mesmo tempo amplia a noção de auditório da antiga retórica, haja vista que contrariamente a essa visão, a Nova Retórica não se limita a questão de adaptar o discurso a fim de agir eficazmente sobre um público ignorante, mas interessa-se por todos os tipos de espectador, desde os mais leigos até os mais específicos, especializados.

Desse modo, Perelman e Tyteca esclarecem que o objetivo de sua teoria é o “estudo das técnicas discursivas permitindo provocar ou aumentar a adesão das mentes às teses que se apresentam ao seu assentimento” (1996, p.4).

Além do conceito de auditório, outro ponto comum entre ambas é que tanto a Antiga Retórica, assim como a Nova, fundamentam-se na dialética para construção de seus argumentos. Nesse contexto, “a dialética é, pois, um jogo cujo objetivo consiste em provar ou refutar uma tese respeitando-se as regras do raciocínio” (REBOUL, 1998, p. 32).

O conceito aristotélico desse termo é mais bem compreendido como a arte da interrogação por meio da discussão crítica. Sendo assim, uma forma de submeter às ideias a uma prova crítica com o intuito de expor e eliminar as contradições de uma posição. Aristóteles enfatiza o elemento argumentativo, os meios de prova, o raciocínio empregado, o silogismo aproximativo, até então deixado à margem em favor da produção de emoção no auditório, e desenvolve uma sólida teoria retórica fundamentada nos princípios da argumentação.

Segundo Abreu (2001, p. 25), “argumentar é a arte de convencer e persuadir”. Isto é, de acordo com esse autor, convencer é falar à *razão* do outro, demonstrando, provocando; persuadir é falar à *emoção* do outro, sensibilizando-o a agir:

Convencer é construir algo no campo das ideias. Quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós. Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. Quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize (ABREU, 2003, p. 25).

Para realizar essa distinção entre os termos *persuasão* e *convencimento* Perelman e Tyteca (1996) utilizam como critério o conceito de auditório, o qual se destina a argumentação.

Propomo-nos chamar de persuasiva a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar convincente àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional. [...] É, portanto, a natureza do auditório ao qual alguns argumentos podem ser submetidos com sucesso que determina em ampla medida tanto os aspectos que assumirão as argumentações quanto o caráter, o alcance que lhes serão atribuídos. [...] Nosso ponto de vista permite compreender que o matiz entre os termos convencer e persuadir seja impreciso e que na prática, deva permanecer assim (PERELMAN e TYTECA, 1996, p. 31-33).

Observamos que quando se argumenta, procura-se defender uma tese em detrimento de outras. O orador quer convencer o ouvinte, numa interação dialógica, quanto à plausibilidade de sua tese.

Abreu assegura que “ao iniciar um processo argumentativo visando o convencimento, não devemos propor de imediato nossa tese principal, a ideia que queremos ‘vender’ ao auditório” (2001, p.45). Na visão desse autor, o orador deve apresentar inicialmente a seu auditório a chamada “tese de adesão inicial”, pois caso o auditório concorde com ela, fica fácil partir para a tese principal.

Nesse sentido, o ato de argumentar somente é possível, conforme Perelman e Tyteca no campo em que existe a liberdade de adesão. Resumindo, toda argumentação, como expresse, possui como fim a adesão dos interlocutores às teses do orador, porém, a eficácia da persuasão está na capacidade de promover uma ação no interlocutor, ou, pelo menos, uma disposição para a ação; conforme asseveram Perelman e Tyteca (1996):

[...] uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou

de abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno (PERELMAN e TYTECA 1996, p. 50).

Os acordos entre orador e auditório podem ocorrer de diversos modos. Enfatizaremos, nesse momento, apenas três deles, por acreditarmos que são importantes no processo de análise dos discursos materializados nos jornais impressos de 1927 e reenquadrados nos folhetos de cordel publicados na contemporaneidade sobre o episódio de Lampião em Mossoró. O que nos permite abordar no estudo: *os fatos, as presunções e os valores*.

Em relação aos *fatos* Perelman e Tyteca (1996, p.75) esclarecem que “a adesão do fato não será, para o indivíduo, senão uma adesão subjetiva a algo que se impõe a todos”. Isso acontece, pois os *fatos* são objetos de acordo pertencentes ao real, promovendo o acordo de muitas pessoas diante de dados que se referem a uma realidade objetiva, possibilitando, portanto, um acordo com o auditório universal. Com isso, a utilização do fato como argumento, assegura ao orador a adesão do auditório.

As *presunções*, por sua vez, também são consideradas objetos de acordo, todavia, em oposição aos *fatos*, a adesão dos interlocutores não acontece da mesma forma, ela não é máxima, uma vez que as *presunções* são consideradas suposições, opiniões que se fundamentam naquilo que é verossímil. Já os *valores* são objetos de acordos que atingem grupos particulares, ou seja, o orador parte de valores reconhecidos dentro de auditórios particulares, para, a partir desses valores, motivar os ouvintes a realizarem certas escolhas. “Assim, o estudo dos diversos auditórios particulares teria grande valia ao orador que pretende ser eficaz em sua argumentação” (ALVES, 2005, p. 48).

Os valores, segundo Perelman e Tyteca (1996) subdividem-se, ainda, em concretos, como, aqueles que são vinculados a um objeto particular, a exemplo de Mossoró, Brasil, pessoas ou um ente vivo; e, abstratos que são os valores sobre justiça, igualdade, entre outros. É importante ressaltarmos que a argumentação fundamenta-se e interliga esses dois tipos.

Além dos valores, observamos a existência de outras estratégias argumentativas que visam convencer e persuadir os interlocutores. É o caso, por exemplo, da escolha de determinadas formas verbais que constituem o cotidiano do auditório e de certas modalidades de expressão. Em relação aos modalizadores, Koch revela-nos que eles são:

“[...] elementos linguísticos ligados diretamente ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores de intenções, sentimentos e atitudes do locutor em relação ao seu discurso [...]. Assim sendo, eles apresentam argumentatividade inscrita no uso da própria língua” (KOCH, 1999, p. 138).

Citamos como exemplo de modalizadores, o uso de adjetivos, pronomes pessoais e verbos conjugados em primeira pessoa.

Outra estratégia argumentativa utilizada no convencimento que possui grande importância retórica é a *modalidade interrogativa*, haja vista que, ao ser utilizada, supõe um acordo implícito com o auditório sobre o objeto. Isso significa que, quando o orador se dirige a um auditório por meio de questionamentos, ele pressupõe uma resposta desse público, que por sua vez, espera a adoção a sua tese. É o caso do seguinte verso: “*Mossoró que (...) aboliu a escravatura, Por que temer a bravura do bando de Lampião?*”. Nos versos em destaque, o orador faz uso da modalidade interrogativa buscando um posicionamento do interlocutor diante da tese apresentada, com o intuito de estabelecer uma aproximação, um acordo com esse público.

Portanto, compreendemos que as técnicas argumentativas podem ser diversas, o que irá determinar a escolha de uma em detrimento da outra é a característica particular do auditório, e conseqüentemente, o modo como o orador irá utilizá-las, ou seja, a competência comunicativa do orador em apreendê-las.

### 3.1.2 Técnicas Argumentativas

A nova retórica de Perelman e Tyteca surge como um desenvolvimento da dialética aristotélica, que se constitui através de processos de argumentação articulando-se a partir de acordos estabelecidos entre o orador e seu auditório, em que o orador procura convencer e persuadir o interlocutor acerca de seu ponto de vista.

Nesse sentido, os estudos retórico-argumentativos evidenciam várias técnicas ou estratégias argumentativas que são utilizadas pelo orador no intuito de conseguir a adesão dos interlocutores a tese defendida. Assim sendo, entendemos que as técnicas argumentativas são os aparatos linguísticos (discursivos) encontrados pelo orador, inconscientemente ou não, para a defesa de sua tese. Estas estratégias, no campo da Nova Retórica, estão distribuídas em quatro grupos: os argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real, os argumentos que fundam a estrutura do real e os argumentos por dissociação das noções.

- Os *argumentos quase-lógicos* são definidos como aqueles que se aproximam dos raciocínios da lógica formal (dos raciocínios incontestáveis) a qual utiliza uma linguagem unívoca. Entretanto, deles se diferenciam por fazerem uso de uma linguagem natural, sujeita as circunstâncias do meio social, e, por conseguinte, à interpretações variadas. Desse modo, é válido ressaltar que estes argumentos por apresentarem um caráter não-formal, visto que



hibridizam lógica e interpretação “tiram atualmente sua força persuasiva de sua aproximação desses dois modos de raciocínio incontestáveis” (PERELMAN, 1996, p.219).

Dentre os argumentos quase-lógicos temos: os argumentos de contradição e incompatibilidade; os argumentos de identidade e definição; a regra de justiça; os argumentos pela análise e tautologia; os argumentos de reciprocidade; de transitividade; a inclusão da parte no todo, como também, a divisão do todo em suas partes; os argumentos de comparação; a argumentação pelo sacrifício e, as probabilidades. Todavia, versaremos, somente, sobre aqueles que estão presentes em nossa análise.

Os *argumentos de identidade e definição*: a identificação dos diversos elementos que são objetos discursivos é, conforme Perelman e Tyteca (1996), uma das técnicas essenciais da argumentação quase-lógica, uma vez que buscam evidenciar elementos comuns em um mesmo discurso. Nas palavras dos autores, “[...] Todo uso de conceitos, toda aplicação de uma classificação, todo recurso à indução implica uma redução de certos elementos ao que neles há de idêntico ou intercambiável” (PERELMAN E TYTECA, 1996 p. 238). Os procedimentos de identificação são classificados, ainda, em completos (identidade completa) ou parciais.

As *definições* correspondem ao exemplo mais característico de identificação completa. Elas são argumentos que visam identificar a definição com o objeto definido, ou seja, identificar o “*definiens* com o *definiendum*”. Perelman e Tyteca distinguem as definições em quatro espécies: as definições normativas; as definições descritivas; as definições de condensação e as definições complexas. Contudo, destacamos em nosso estudo, aquelas denominadas por Abreu (2001), de *expressivas*, por serem uma técnica argumentativa que defende opiniões (pontos de vista).

A *regra de justiça*, incluindo-se no rol dos argumentos de identificação parcial justifica-se por oferecer a todos os seres ou situações, pertencentes a uma mesma categoria, o tratamento idêntico.

Os *argumentos de comparação* preocupam-se em comparar realidades entre si. Esses argumentos, geralmente, apresentam-se como constatações de fato, e estão mais suscetíveis a serem provados que as analogias e os juízos de valor. Além disso, um fator importante inserido nesse tipo de argumento é a escolha dos termos da comparação, os quais devem estar adaptados ao auditório que se deseja influenciar, considerando que tal adaptação pode ser um elemento fundamental na eficácia da argumentação. Nesse sentido, “a própria idéia de escolha, de boa escolha, implica sempre comparação” (PERELMAN e TYTECA 1996, p. 280).

- Os *argumentos baseados na estrutura do real* são aqueles que visam “estabelecer uma solidariedade entre juízos já admitidos e outros que se procura promover” (PERELMAN e TYTECA 1996, p.297). Esses argumentos caracterizam-se por apresentarem pontos de vista sobre a realidade ou por pretenderem dar uma interpretação da realidade. Nesse grupo, existem os argumentos que se ligam por *sucessão*, que são explicados através da relação causa e efeito; e aqueles que se ligam por *coexistência*, atuam na ligação de uma pessoa a seus atos.

Para os autores da ‘Nova Retórica’, o vínculo causal, dentre as técnicas argumentativas, é o que possui função essencial na argumentação, pois tanto provoca efeitos numerosos quanto variados, permitindo argumentações de três tipos:

[...] as que tendem a relacionar dois argumentos sucessivos dados, entre eles, por meio do vínculo causal; as que, sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que pôde determiná-lo; e, as que, sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar (PERELMAN e TYTECA, 1996, P.300-301).

Outro argumento que é concebido, também, através da *ligação de sucessão*, é o *argumento pragmático*, o qual consiste em avaliar um ato ou evento por meio de suas consequências favoráveis ou desfavoráveis. Esse tipo de argumento realiza a transferência de valor da causa para o efeito, ou vice-versa, de forma natural, pela simples ideia de essência.

De acordo com Perelman e Tyteca, “o vínculo entre termos, mormente quando se trata de pessoas, é fornecido não pela relação causal, mas por uma relação de coexistência, pela ideia de essência” (PERELMAN e TYTECA, 1996 p.302-303). Com isso, o argumento pragmático desenvolve-se sem problemas, pois a transferência de valor entre os elementos da cadeia causal efetuam-se mesmo sem ser pretendidos. Todavia, essa técnica somente se desenvolve por meio de um acordo entre os interlocutores sobre o valor das consequências.

Em relação aos argumentos com ligações de coexistência, dizemos que são os que relacionam uma essência com suas manifestações. Ou seja, são aqueles que ligam uma pessoa a seus atos, um indivíduo ao grupo do qual ele faz parte. Perelman e Tyteca asseguram que, “a construção da pessoa humana, que se vincula aos atos, é ligada a uma distinção entre o que se considera importante, natural, próprio do ser de quem se fala, e o que se considera transitório, manifestação exterior do sujeito” (PERELMAN e TYTECA, 1996, p. 334). Assim sendo, ao fazer uso da relação *ato-pessoa* ou vice-versa com o intuito de argumentar, o orador procura evidenciar que as pessoas podem ser interpretadas com base em seus atos, como também, os atos podem ser interpretados a partir da concepção que se tem de pessoa.

Acerca da concepção de pessoa, cumpre-nos frisar a sua essência variável, a sua capacidade de transformar a si e a seus atos. Em outros termos, as pessoas não são completamente estáveis, elas são capazes de modificar-se a partir das transformações de seus atos, uma vez que essa classificação é transitória.

O *argumento de autoridade* é outra técnica que se inclui no grupo dos argumentos que se baseiam na estrutura do real, através das ligações de coexistência. Essa técnica justifica-se por sua fundamentação na ação ou juízos (opiniões) de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, que gozam de certo prestígio social como meio de prova de uma tese. No entanto, “essa autoridade deve ser evidentemente aceita pelo auditório para que ele, por sua vez, aceite como verossímil o que lhe é proposto” (BRETON, 2003, p.77).

Considerando, ainda, as relações entre o ato e a pessoa, outra técnica que possui grande importância no processo argumentativo, é a do *discurso como ato do orador*. A posição e a imagem que o orador representa irão influenciar diretamente os efeitos de sentido provocados pelo discurso. Assim, o *ethos*, a imagem do orador construída perante seu auditório, interfere no modo como interpretamos o discurso que poderá ter mais de um significado dependendo do prestígio de quem o proferiu. Dessa forma, “o orador deve inspirar confiança; sem ela seu discurso não merece crédito” (PERELMAN e TYTECA, 1996, p. 362). Tendo em vista que o ato argumentativo “envolve uma tese (*logos*) a ser defendida pelo orador, a imagem que esse orador faz dos interlocutores/auditório (*pathos*) e para o qual dirige seu discurso; e, ainda, a sua própria imagem (*ethos*), visando à credibilidade” (SOUZA e COSTA, 2009, p.3), podemos afirmar que o *ethos* influencia na argumentação e nos efeitos de sentidos e interpretações provocadas por seus discursos. Portanto, “as mesmas palavras produzem um efeito completamente diferente, conforme quem as pronuncia” (PERELMAN e TYTECA, 1996, p. 363).

- *Os argumentos que fundamentam a estrutura do real* são aqueles que partem de um ato ou evento particular para se chegar ao todo, a generalizações. Esses argumentos estão subdivididos, em dois tipos: aqueles em que as ligações fundamentam o real pelo particular, como o exemplo, a ilustração e o modelo; e os que contemplam o raciocínio por analogia e a metáfora a qual pertence ao raciocínio analógico. Versaremos apenas sobre a metáfora.

A metáfora, segundo Breton (2003, p.135), “é um argumento quando ela é colocada a serviço da defesa de uma tese ou opinião”. Perelman define o mesmo termo como, um tropo, “uma mudança bem sucedida de significação de palavra ou de uma locução” (PERELMAN e TYTECA, 1996, p. 453).

### 3.2 GÊNEROS DO DISCURSO: múltiplos olhares

A discussão acerca dos gêneros sempre foi um assunto bastante difundido entre os estudiosos. Em nossa pesquisa, essa teoria se faz presente, assim como a Teoria da Argumentação e a Análise do Discurso, porque investigamos o processo de construção da linguagem nos jornais impressos e nos cordéis de acontecido, adotando uma abordagem dialógica da linguagem. Nesse sentido, tal teoria embasa a nossa análise dos discursos presentes nesses campos da sociedade, por isso procuramos enxergar na confluência desses suportes teóricos uma abordagem sobre o discurso. Isso se deve ao fato de compreendermos que todo ato discursivo representa as posições tomadas por seus produtores, que são sujeitos inseridos em esferas sociais.

#### 3.2.1 Considerações sobre gêneros do discurso (GD)

Os primeiros estudos a respeito dos gêneros remontam à antiguidade clássica, sob a forma de gêneros literários. Nesse período, encontramos diversas classificações para os variados textos que circulavam na sociedade ocidental. Platão, por exemplo, divide os textos literários em três espécies: *lírico, épico e dramático*, os quais são estudados até os dias atuais nas aulas de literatura. Além desses, destacamos, ainda, nessa época, a tradicional distinção realizada em torno dos gêneros teatrais gregos: *a tragédia e a comédia*. Outra classificação difundida na antiguidade, refere-se à concepção aristotélica e seus estudos realizados na antiga retórica, cujas preocupações que permeiam a questão dos gêneros, vinculam-se a habilidade de convencer e persuadir por meio da oratória, da eloquência, da arte do bem falar.

Nessa perspectiva, na Antiguidade, as discussões sobre a classificação dos textos em determinado gênero, refletiam preocupações de ordem literária ou retórica.

Estudos contemporâneos sobre os gêneros têm apresentado percursos teóricos e metodológicos diversos. Eles são estudados a partir de olhares múltiplos. Trata-se, portanto, de uma discussão que envolve várias áreas do conhecimento, e que, ao ser transportado de um campo para outro recebe uma nova roupagem, um novo sentido dependente da teoria adotada, da concepção de língua e linguagem e do direcionamento linguístico apontado.

Essa escolha epistemológica, que se delineia desde as abordagens estruturalistas até as pragmático-discursivas, vem sendo um problema que evidencia ainda mais a complexidade do conceito de gênero, uma vez que, em certo momento fala-se em gêneros textuais em outro, em

gêneros do discurso ou discursivos, além de tal construto está ligado a denominações como: *tipologia textual*, *tipologia discursiva*, *modalidades textuais*, *modalidades discursivas*. Sobre essa questão Bronckart (1999) aponta para esse universo de classificações, que gera uma confusão de ordem terminológica na forma de abordar e conceber o gênero.

Todavia, independente da escolha epistemológica, cumpre-nos frisar que as pesquisas atuais em torno do gênero, têm abandonado as convenções formais, antes atreladas apenas aos estudos literários, centralizado somente nos aspectos de classificação de estruturas, e vêm deslocando-se para o eixo central dos estudos de dimensões sociais, funcionais e pragmáticas da atividade humana, ou melhor, às esferas de utilização da língua.

Esse redimensionamento na abordagem de gênero possui como pensamento fundador a teoria do semiólogo russo Bakhtin ([1979], 1997, 2000). Ele revitaliza a teoria dos gêneros, a partir de uma perspectiva linguística em que a ênfase não reside mais na abordagem dos estudos literário e retóricos da Antiguidade, mas ancora-se em uma abordagem dialógica da linguagem, em que os gêneros estão ligados a contextos sócio-históricos particulares nos quais as pessoas estão envolvidas. Assim, podemos dizer que todos os textos, seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita são inseridos em um determinado gênero.

### **3.2.2 Gêneros: postulados bakhtinianos**

Enquanto as abordagens estruturalistas e cognitivistas apóiam-se em um contexto de análise de textos voltados para a estrutura, ou seja, preocupam-se em perceber como os textos organizam-se em seu aspecto formal, desconsiderando as condições sociais, os aspectos extralinguísticos que envolvem a construção das unidades textuais, as abordagens discursivas e enunciativas privilegiam o enfoque dado ao texto a partir da concepção sócio-interacionista da linguagem.

É situando o texto como produto das relações culturais, sociais e históricas em que foi produzido. Bakhtin (2000) aborda o processo complexo da comunicação verbal, incluindo a problemática dos gêneros do discurso.

Refletir sobre o conceito de gêneros do discurso nessa abordagem, requer compreender a língua através das situações reais de uso concretizadas pela gama de textos que circulam na sociedade e que são representados pelos gêneros do discurso. Para o autor, a língua em uso efetua-se veementemente em forma de enunciados que atendem a fins específicos de manifestação da língua. Em termos bakhtinianos:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. [...] O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos, gramaticais, mas também e, sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Em vista dessa natureza de unidade real, em que o enunciado é percebido como manifestação da língua em uso, os gêneros do discurso são definidos pelo filósofo como “tipos relativamente estáveis de enunciado” (BAKHTIN, 2000, p. 279) relacionados ao contexto sócio-histórico, refletindo as condições específicas e as finalidades de cada esfera da atividade humana. Nesse aspecto, a escolha de utilização de um gênero em vez de outro é determinada a partir das atividades humanas particulares sejam elas jornalística, educacional, jurídica, religiosa, entre outras. Isso ocorre porque gêneros são constituídos conforme as mais variadas atividades sociais e culturais da humanidade. Significa dizer que falamos e agimos socialmente através de gêneros, o nosso discurso é delineado pelas atividades que desempenhamos, por nossas práticas de linguagem e pelo nosso fazer cotidiano.

O sujeito quando produz um enunciado está fazendo-o com a finalidade específica do contexto no qual está inserido. Nesse prisma, os gêneros representam propósitos comunicativos dos falantes.

Na perspectiva bakhtiniana, as atividades humanas emergem de variados gêneros que se estabilizam e evoluem no interior de cada atividade. Ao reconhecer essa heterogeneidade dos gêneros do discurso existentes, Bakhtin (2000) segmenta-os em primários e secundários. Os chamados gêneros primários são aqueles que emanam das situações de comunicação verbal espontânea. Por essa razão e por sua informalidade, dizemos que nos gêneros primários, entre seus interlocutores, há uma comunicação imediata. Como nos enunciados da vida cotidiana: na linguagem oral, diálogos com a família, reuniões de amigos, entre outros. A respeito do discurso cotidiano Bakhtin defende que ele se molda em formas da língua que o ser humano domina antes mesmo de começar a estudar as regras gramaticais, aí reside sua importância na geração dos gêneros secundários.

Em contrapartida, os gêneros secundários circulam em situações sociais de atuação de ideologias institucionalizadas. Eles surgem em circunstâncias de uma comunicação mais complexa e evoluída, principalmente escrita (artística, científica, sociopolítica). Contudo, os gêneros secundários, durante seu processo de formação, incorporam e reelaboram os gêneros primários, constituindo-se a partir deles nas diferentes condições de comunicação

sociodiscursiva. Essa absorção e consequente transmutação de um ou vários gêneros antigos em um novo constitui-se, segundo Todorov (1980), no processo de geração de novos gêneros. Com isso, podemos afirmar que os gêneros evoluem continuamente, transformando-se.

Desse modo, compreendemos os gêneros, através da ótica bakhtiniana, como construtos complexos que se moldam enquanto formas estáveis, partilhadas socialmente, caracterizados por sua forma, seu conteúdo temático, e, principalmente, seu estilo, pois, segundo o autor, “quando há estilo há gênero” (BAKHTIN, 2000 p. 286-289). Do ponto de vista composicional, o estilo não é apenas uma marca para determinado gênero, mas indissociável dele. Bakhtin (2000) expressa, pois, que os gêneros do discurso estão aptos a refletirem o estilo individual de quem fala ou escreve que é percebido na multiplicidade de temas.

### 3.2.3 Gêneros: a escola de Genebra

O arcabouço da escola de Genebra, a respeito da teoria de gêneros, em especial, Bronckart (1999), Schneuwly e Dolz (1997), é inspirado na concepção de linguagem interacionista sócio-discursiva de Bakhtin e Vygotsky. Nessa concepção, a abordagem está centrada na variedade de textos e na interação que estes mantêm com os fatores histórico-sociais de produção. Nela, os textos são materializados em gêneros como ferramentas para o ensino. Eles são entendidos como elementos mediadores das atividades de linguagem, conceito o qual articula as práticas sociais e os objetos de ensino.

Os postulados dessa vertente voltam-se totalmente para a prática pedagógica; suas questões acerca da linguagem e do discurso estão diretamente envolvidas na aprendizagem, visando os estudos de produção de texto, formar pessoas aptas a usar a linguagem escrita nas diversas esferas sociais em que estão inseridas.

Segundo Bronckart (1999), a linguagem relaciona-se a questões sócio-psicológicas. Com isso, ela é estudada numa perspectiva em que “os textos são produtos da atividade humana e estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento nas formações sociais” (BRONCKART, 1999, p. 72).

Nesse sentido, cada pessoa constrói o seu texto em função de suas intenções comunicativas. Tais textos são denominados pelo autor de gêneros textuais ou gêneros de texto. Ao escolher a expressão *gênero de texto*, em vez de gênero do discurso, como o faz Bakhtin, Bronckart (1999) evidencia a relação estabelecida entre texto e gênero, asseverando que “todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um

gênero”(BRONCKART, 1999, p.72). Conforme o autor, os gêneros são múltiplos e infinitos, tendo em vista a inter-relação com as atividades humanas, enquanto que os segmentos linguísticos, isto é, os tipos de discurso são finitos e passíveis de serem identificados perante critérios linguísticos específicos.

Para Dolz e Schneuwly (1996), os gêneros são considerados atividades historicamente construídas com o intuito de realização das ações de linguagem. Assim, de acordo com esses estudiosos, a conceituação de gênero, conecta os aspectos sociais, históricos e culturais externos aos aspectos internos da linguagem, as capacidades cognitivas do sujeito. Desse modo, os gêneros são usados pelos enunciadores em situações habituais.

### 3.2.4 Gêneros: postulados de Marcuschi

A perspectiva adotada nos estudos de Marcuschi (2002) para os gêneros baseia-se numa abordagem em que a língua é concebida como uma atividade de caráter social, histórico e cognitivo. Nessa postura, o autor entende que a comunicação verbal somente é possível por meio de algum gênero. Desse modo, Marcuschi defende que “os gêneros textuais constituem-se como ações sócio-discursivas, para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo” (MARCUSCHI, 2002, p. 22).

No arcabouço de seus estudos, o autor procura esclarecer a distinção entre tipos textuais e gêneros textuais, de forma que tipos textuais, diferentemente da concepção de Bronckart (1999), designa sequências de natureza linguística como: narração, descrição, argumentação, injunção e exposição, as quais são materializadas nos gêneros textuais, consideradas como “construtos teóricos definidos por propriedades intrínsecas”, enquanto que os gêneros “são realizações linguísticas concretas, definidas por propriedades sócio-comunicativas” (MARCUSCHI, 2002, p. 22-23). Conforme esse entendimento, “os gêneros textuais fundem-se em critérios externos: sócio-comunicativos e discursivos, e os tipos textuais fundem-se em critérios internos: linguísticos e formais” (MARCUSCHI, 2002, p. 34).

Além da distinção entre tipos textuais e gêneros textuais, outra noção discutida por Marcuschi em seus estudos, é a expressão *domínio discursivo*, que corresponde as grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam. É importante perceber que os domínios não são entendidos pelo autor como os textos ou os discursos propriamente ditos, mas são instâncias de produção discursiva. Assim, propiciam o nascimento de discursos específicos, a exemplo, do jornalístico, do jurídico, entre outros, uma vez que estas atividades



não se configuram num gênero particular, mas originam vários deles. Por exemplo, no domínio jornalístico, temos a notícia, a reportagem, o editorial, o artigo de opinião, e assim por diante.

Assim como a questão do domínio discursivo, outro ponto fundamental na abordagem marcuschiana acerca da concepção de gêneros está ligado à noção de suporte em que determinado gênero surge. Segundo Marcuschi (2003, p.11), o suporte é “imprescindível para que o gênero circule na sociedade e de algum modo influencia na natureza do gênero suportado”, todavia, é válido frisar que o suporte não determina o gênero. Na realidade, “o suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto (MARCUSCHI, 2003, p. 11).

À luz da compreensão marcuschiana, entendemos o termo *suporte* como sendo o espaço físico ou virtual em que determinado gênero se configura, torna-se concreto. Em suma, o suporte de um gênero é formato físico específico; é o canal em que determinado gênero é materializado como texto.

Levando em consideração a afirmação de Bakhtin, de que os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciado” (BAKHTIN, 2000, p. 279) relacionados ao contexto sócio-histórico, refletindo as condições específicas e as finalidades de cada esfera da atividade humana. Marcuschi (2002) traz à cena o aspecto híbrido dos gêneros, que embora certo gênero apresente um formato, ele assume a função de outro, por exemplo, uma crônica escrita em forma de receita. Esse processo de hibridização em que há o predomínio da função sob a forma na determinação de um gênero o autor denomina de *intertextualidade inter-gênero* (*intergenericidade*).

Sendo assim, desemoldurar o gênero de sua moldura habitual e enquadrá-lo em uma nova perspectiva, nos auxilia para que enxerguemos com mais clareza os propósitos daquele gênero, pois, conforme descreve, Marcuschi (2002, p. 32), “os gêneros são, em última análise, o reflexo de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura”.

### 3.3 O GÊNERO NOTÍCIA E A QUESTÃO DA PALAVRA SOB A ÓTICA BAKHTINIANA

Desde os gregos, uma preocupação constante que persegue a mente humana, é a indagação que atravessa gerações sobre o nosso acesso à realidade e pelos modos de construção do conhecimento. Em outros termos: como aprendemos e apreendemos algo como

sendo algo? De acordo com Marcuschi (2007, p. 82), as soluções encontradas variaram imensamente, desde os sofistas, para os quais era impossível o conhecimento, até os nossos dias, quando se postula que a ação comunicativa é uma das bases para a construção do conhecimento e produção de sentido. A construção do conhecimento é, essencialmente, uma produção discursiva.

Nessa perspectiva, o texto, mais precisamente, o discurso jornalístico, em especial, o noticioso, vem permanecendo mais que nunca na agenda de análises linguísticas, sociológicas, etnográficas e de estudiosos dos fenômenos midiáticos que têm procurado, em diferentes épocas, definir precisamente o que é notícia, e seu grau de influência na sociedade.

O discurso midiático revela-se ‘ilusoriamente’ como neutro e objetivo, assumindo uma posição de realidade completa e absoluta, livre de subjetivações, procurando enfatizar os relatos dos acontecimentos por uma única lente, dessa maneira, estabelecer um sentido único, dominante. Dessa forma, a notícia jornalística quase sempre é compreendida como um texto expositivo no qual os fatos se apresentam por ordem de relevância.

Todavia, apesar da comunidade jornalística partir da importância dos fatos que devem alcançar seus leitores e/ou ouvintes, e conseqüentemente, definir o grau de noticiabilidade a partir de critérios de valoração capazes de catalisar a atenção do público, a notícia, não deve ser pensada apenas como um conjunto de informações explícitas na materialidade linguística do texto, mas como um espaço necessário para a articulação discursiva, a fim de empreender os sentidos edificados sem se deter a aspectos puramente estruturais. Nesse sentido, é preciso ultrapassar os limites textuais e considerar os fenômenos contextuais, sociais e ideológicos imprescindíveis e reveladores da construção semântica do texto jornalístico, o que implica dizer, segundo Gomes (2007, p. 7), “que o discurso da mídia revela particularidades que estão além da notícia”.

Nessa ótica, a palavra assume papel primordial, pois é a partir dela que o sujeito se constitui e é constituído. Essa, compreendida como signo ideológico é parte integrante de uma realidade seja ela social ou não. Com isso, a palavra, em situação de uso, é um espaço de produção de sentido. Dela emergem as significações que, conseqüentemente, se fazem no espaço criado pelos interlocutores em um contexto sócio-histórico dado. Por ser espaço gerador de sentido, controla e é controlada, por meio dos mecanismos sociais.

A palavra está imersa numa situação social determinada e carrega consigo conteúdos e sentidos ideológicos subjetivos. Diante disso, há o que chamamos de determinismo social, ou seja, dependendo do interlocutor, da situação de uso, o falante determina qual a melhor palavra a ser utilizada.

Como afirma Bakhtin (1981 p. 113), as palavras que se pronunciam ou são inscritas numa materialidade linguística, são verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais e produzem reações de ressonâncias ideológicas.

O autor, em seus estudos, observa que as palavras penetram literalmente em todas as relações entre os indivíduos. Elas são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais, em todos os domínios. Para ele, nesse aspecto, a palavra constitui o indicador mais sensível de todas as transformações sociais. “Realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico e, portanto, também signo linguístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados” (BAKHTIN, 1988, p. 113).

A partir de tais considerações, é possível entender que a palavra adquirida no meio sócio-institucional e internalizada pelo sujeito, retorna ao seio da sociedade por processos de interação, porém, numa forma diferenciada, alterada. Apresenta marcas ideológicas que denunciam as suas condições de produção, em razão de elementos sociais e históricos, pelas quais perpassam tanto os sujeitos envolvidos quanto as próprias palavras. Entretanto, somente ao acontecimento enunciativo será atribuído sentido, e as palavras, assim produzidas, carregarão valores.

Com base nesse entendimento, percebemos que quando o sujeito narrador prioriza relatar uma coisa ‘x’ ao invés de ‘y’ ele, consciente ou não, vê, à maneira de Bakhtin, a palavra como algo que mostra e oculta, que veste e ao mesmo tempo desnuda algo.

Capitão Virgolino-Ferreira ( Lampião)

Gen. Rodolpho,

## Capítulo 4

### O DISCURSO DA RESISTÊNCIA

Estando eu aqui  
pretendo ir já foi um  
a viso, ali por os honros.  
se por acaso resolver mi.  
a mandar, será a importância  
qualquer nos pedi. Eu  
di Entrada ali parece  
vindo esta importância  
entrarei, até ali pouco qui adeus  
querer. eu entro e não  
muito estrago, por isto  
só de eu não entro,  
no resposste logo.

Capitão Lampião

Quando o poeta imagina  
De escrever uma história  
Tem que ir de acordo ao povo  
Para obter vitória  
Que seja um sofrimento  
Ou um acontecimento  
Tem que forçar a mimória  
Exemplo ou profecia  
De luta ou de gracejo  
De amor ou falsidade  
Se aproveita o ensejo  
Também de uma reportagem  
De cheia, fome, estiagem  
E briga de cangaceiro

[...]

Folhetos é reportagem  
Folhetos é distração  
É uma literatura  
E é comunicação  
Alegria do poeta  
Mas gente ruim interpreta  
Por uma contravenção

JOSÉ BORGES

## 4 O DISCURSO DA RESISTÊNCIA

### 4.1 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Historicamente, quando observado o percurso da Linguística Aplicada (LA) no âmbito dos estudos da linguagem, vemos que o seu nascimento ocorreu como uma subárea do conhecimento da Linguística tradicional. A LA era concebida como uma aplicação das teorias da Linguística dita teórica, sobretudo no que se refere ao ensino de línguas, principalmente estrangeiras. Em outras palavras, as discussões acerca da LA reduziam-se ao aplicacionismo puro e simples de conhecimento de uma área sobre outras. Nessa perspectiva, ela não possuía autonomia, nem tão pouco, identidade própria. Segundo Signorini (2004, p. 8), seu contexto de atuação limitava-se aos resultados de pesquisa apenas em relação ou principalmente, a mera aplicação de conhecimentos já existentes, como no caso das chamadas “gramáticas pedagógicas”, que como lembra a autora, reduziam-se à descrição do sistema de línguas produzidos pela Linguística.

Atualmente, os termos em que se colocam as discussões sobre a legitimidade dos procedimentos de investigação da LA, não têm mais como referência única os princípios científicos clássicos, representados pelos padrões de investigação praticados pela Linguística-mãe. O que se defende hoje em LA é sua nova postura ante a pesquisa e a delimitação de sua área de atuação. Em outros termos, “a legitimidade que se busca agora é justamente a de uma prática científica de investigação do diverso, do complexo e do instável ou provisório, a exemplo do que ocorre em outras áreas do conhecimento” (SIGNORINI e CAVALCANTI, 2004, p. 8).

Com a redefinição e o deslocamento que se têm produzido nos percursos investigatórios no campo da LA, em sua forma mais recente, a qual, em concordância com Signorini (2004, p. 101), tem buscado cada vez mais a referência de uma língua real, ou seja, uma língua falada por falantes reais em suas práticas reais e específicas. Numa tentativa justamente de não arrancar o objeto da tessitura de suas raízes, e também no sentido de atender aos objetivos propostos para a realização desse trabalho, caracterizamos a nossa pesquisa, no que se refere à natureza dos dados, de base qualitativa, visto que este tipo de estudo preocupa-se, conforme Gonsalves (2003, p. 68), com a “compreensão e a interpretação do fenômeno”, consideramos, sobretudo, o seu significado para os estudos da linguagem, exigindo, assim, uma abordagem interpretativista na apresentação e análise, pois o acesso ao fato, segundo Moita Lopes (1994, p. 331), deve ser feito de forma indireta através da

interpretação dos vários significados que o constituem. Desse modo, ao realizar a investigação sobre como as estratégias argumentativas presentes nos discursos dos cordéis relacionam-se com o posicionamento ideológico e os efeitos de sentidos sugeridos, estamos empreendendo uma análise de cunho interpretativista, de forma a proporcionar mais de uma leitura possível dos significados presentes nas formações discursivas sobre o episódio.

Do ponto de vista dos procedimentos de coleta e das fontes de informação, podemos afirmar que se trata de uma pesquisa de caráter documental, ou no dizer de Gil (1999, p. 66), de “fonte de papel”, tendo em vista que se faz uso essencialmente do documento escrito (textos noticiosos e folhetos de cordel), que não recebeu ainda um tratamento analítico adequado pelo pesquisador.

No percurso de nossa análise, recorreremos tanto à descrição quanto à interpretação do objeto de estudo. Primeiro, porque é preciso compreender não somente os aspectos jornalísticos das nossas fontes de informação, mas, e principalmente, a concepção de linguagem imbricada por elementos que estão nas ‘entrelinhas’ do discurso. Segundo, porque busca explicar a influência da mídia sobre seu público como parte do processo de construção social daquela realidade específica. Consequentemente, só falaremos de notícias enquanto recortes da realidade, e não como sua representação fiel.

Diante desses procedimentos, utilizamos como dispositivos de análise, a formação discursiva, atrelada ao posicionamento do sujeito. Bem como, às estratégias argumentativas atreladas às posições assumidas pelo enunciador na expectativa de serem aderidas pelo interlocutor.

#### 4.2 A COLETA E A SELEÇÃO DO *CORPUS*

Decidimos analisar a construção da notícia escrita em verso e prosa e sua influência na construção da realidade social porque acreditamos que ela é uma ferramenta fundamental na interação das diferentes esferas de uso da linguagem, e consequentemente, das diferentes esferas da atividade humana. Assim, de acordo com Machado (2005):

Trata-se de um processo, não de substituição de uma forma discursiva por outra e da conseqüente polaridade, mas da evolução das próprias práticas significantes de sistemas comunicativos que emergem das interações dialógicas, ainda que cada uma delas tenha seu campo de significação muito preciso (MACHADO, 2005, p. 154).

A delimitação do *corpus* da pesquisa obedeceu às questões e aos objetivos do trabalho, correspondendo à fase de exploração do material. Em virtude das fontes de estudo na pesquisa documental serem diversificadas e dispersas, nossos dados foram coletados em locais diversos. Inicialmente na coleção dos jornais de Mossoró, pertencente ao acervo do Museu Lauro da Escóssia, mais precisamente, os exemplares dos anos de 1927; em seguida, nos painéis do Memorial da Resistência de Mossoró, e especialmente, no acervo da biblioteca particular de Geraldo Maia do Nascimento, membro da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço (SBEC).

Nesses espaços, tivemos acesso tanto aos jornais, como aos folhetos, assim como a filmes, documentários e entrevistas com pessoas da época, inclusive os coiteiros<sup>13</sup> de Lampião. Todavia, tendo em vista o nosso universo de análise (jornais impressos e os cordéis), esses três últimos não farão parte da nossa dissertação.

Durante a etapa da coleta, constatamos o estado precário em que se encontra a coleção dos jornais pesquisados: textos apagados, jornais facelados, incompletos, páginas rasgadas, riscadas e amareladas pela ação do tempo, dos insetos, do mofo, e o pior, pelo próprio descuido de quem faz uso do material, seja para pesquisa ou por curiosidade, entre outros aspectos. Obtivemos mais sucesso no acesso às nossas fontes de informação na biblioteca do pesquisador Geraldo Maia. Realizamos a coleta de todo material no dia 16 de janeiro de 2009.

#### 4.3 ANÁLISE DO *CORPUS*

A presença da imprensa em Mossoró tornou-se fator decisivo. Diante disso, os relatos são atualmente conhecidos e reconhecidos como documentos comprobatórios da presença de Lampião e seu bando no nordeste brasileiro. A cidade de Mossoró, especificamente, nas primeiras décadas do século XX, já dispunha de veículos comunicacionais como os jornais: “Commercio de Mossoró”; “O Mossoroense”; “O Nordeste” e o “Correio do Povo”. Com isso, as fontes de informação desse período foram essenciais na construção semântica dos relatos sobre os acontecimentos decorrentes das ações dos cangaceiros.

Essas fontes confundiam-se com as autoridades locais, ou melhor, representavam os interesses dos governos estaduais e municipais, e dos elementos de prestígio social,

---

<sup>13</sup> **O coiteiro era o** indivíduo que fornecia proteção aos cangaceiros. Arrumava alimentos, fornecia abrigo e informações. O nome coiteiro vem de coito, que significa abrigo. Quanto menor o poder político e financeiro do coiteiro, mais ele era perseguido pelas forças policiais, pois era uma valiosa fonte que poderia revelar o paradeiro de grupos de cangaceiros. Existiram coiteiros influentes: religiosos, políticos e até interventores.

industriais, comerciantes, empresários, fazendeiros, entre outros. Dessa forma, as figuras mais expoentes do poder controlavam todo o discurso veiculado pela imprensa.

A seguir, realizaremos, neste capítulo, as análises dos gêneros selecionados para compor o *Corpus* desta pesquisa. Com o intuito de sistematizar a nossa análise, e tendo em vista, a nossa intenção de pesquisa explicitada na introdução do estudo, iniciaremos com a apreciação da notícia sobre o episódio ora estudado no jornal impresso; em seguida, abordaremos o (re)enquadre dado ao discurso noticioso a partir dos cordéis de acontecido.

É importante ressaltarmos que a descrição dos discursos presentes nas esferas poética e jornalística terá indicações numéricas, e suas abordagens far-se-ão a partir da observação dos seguintes aspectos: as técnicas argumentativas utilizadas e as correlações entre essas, suas teses, os efeitos de sentido desejados e o gêneros do discurso em questão.

#### 4.4 A NOTÍCIA NA IMPRENSA

A batalha de Mossoró ganhou destaque local e nacional nos noticiários da época. As manchetes dos principais jornais do Rio de Janeiro, Recife, Natal e Paraíba dedicaram-se exclusivamente ao tema. Dentre os jornais locais, a segunda edição do jornal “Correio do Povo” do dia 19 de junho de 1927, anunciava em destaque a seguinte manchete:

##### 4.4.1 Notícia 1

**AVÉ! MOSSORÓ! Maior grupo de cangaceiros do Nordeste, assalta nossa cidade, sendo destruído após horas de renhida luta! À manchete seguem-se os subtítulos: A bravura dos nossos civis! As trincheiras heróicas. Os bandidos são chefiados por LAMPEAO, SABINO, MASSILON e JARARACA. Como morreu o bandido COXÊTE e como foi ferido e aprisionado JARARACA, o maior sicário do nordeste – Notícias e notas diversas.**

Após a manchete o jornal publicou em sua primeira página a seguinte notícia:

- 1 *A nossa ordeira, pacata, laboriosa e nobre cidade foi atacada e assediada pelo maior*
- 2 *numero de bandidos do nordeste, sob a chefia de Lampeao, Sabino, Massilon*
- 3 *jararaca, chefes de cangaceiros que se colligaram a effeito a empreitada terrível e*
- 4 *sinistra de saquear Mossoró, a mais opulenta e rica cidade do Rio Grande do Norte.*



5     *A imensa fama e o seu amor ao trabalho, á paz e á ordem despertaram no espírito*  
 6     *de feras daquelles bandos, apetites vorazes de sangue e de sangue.*  
 7     *Os seus planos miseráveis, porém, foram frustrados. A população civil em cooperação*  
 8     *com a polícia mostrou e afirmou a pujança de um Mossoró também aguerrido e*  
 9     *marcializado, indômito e formidável de armas na mão, nas trincheiras e nas ruas.*  
 10    *Exceção das famílias que foram postas em lugares seguros, os homens de valor*  
 11    *tomaram posições de combate em todos os quatro ângulos da cidade. Era a defesa*  
 12    *não só da potência comercial e industrial, mas, sobretudo da honra, do sagrado nome*  
 13    *mossoroense.*  
 14    *Foram quatro horas de luta heróica onde se cimentou com galhardia maravilhosa o*  
 15    *tempo sacrossanto do novo poder que se levantou com um final de glórias e louros a*  
 16    *atestar, pelos tempos em fora, a pujança do povo de Mossoró. Triunfou o direito*  
 17    *sobre o crime, o dever sobre a violência, a ordem sobre a desordem e o heroísmo*  
 18    *sobre a covardia!*  
 19    *A honra da pacata e obreira colméia riograndense foi, salva pelo heroísmo sobre a*  
 20    *covardia! Ave! Mossoró! (Correio do Povo, 19 de junho de 1927, p.1).*

O orador estrutura seu discurso no engrandecimento e louvor aos heróis da resistência e escárnio do grupo de cangaceiros. Nessa perspectiva, o discurso relacionado à defesa da cidade centra-se integralmente em focar os esforços das autoridades, em especial, do governo estadual, e destacar, principalmente, suas ações solidárias, mostrando, assim, um governo eminentemente preocupado com a defesa do território, sendo, portanto, merecedor de eternos agradecimentos.

Enveredando pelo caráter manipulatório da mídia, que faz uso do jogo de vozes, e desse modo, joga com estereótipos e apagamentos na construção de identidades, observamos que a questão da subjetividade perpassa todo o discurso da notícia, uma vez que o contexto linguístico, como já explicitamos, direciona-se para enfatizar o dizer do poder vigente. Nesse sentido, vemos assumido explicitamente pelo jornal, o discurso político- ideológico do governo local.

Nessa perspectiva, percebemos que o jornal, veículo da mídia impressa de caráter objetivo, torna-se predominantemente subjetivo, visto que o sujeito enunciador inclui-se no discurso como membro da comunidade mossoroense.

O título da manchete chama a atenção do auditório (leitor) para que se concentre no objeto do discurso: ele orienta o ‘caminho’ que o público irá percorrer no discurso. No título,

o orador apresenta seu alvo de críticas: os cangaceiros, e seu alvo de devoção, a cidade, por meio do vocativo religioso “*Ave, Mossoró!*”, e seu povo: “*A bravura dos nossos civis!*”. Nessa perspectiva, constatamos que o título apresenta palavras-chave do discurso, pois, a escolha das palavras que o compõem aponta para uma construção semântico-discursiva que irá defender um ponto de vista.

O procedimento e a criação do título têm caráter persuasivo, pois aponta e contextualiza o conteúdo discursivo. Guimarães (1990), afirma que o título constitui índice caracterizador ou modalizador do objeto do discurso, ou seja, ele é um resumo mais que condensado do teor discursivo. Assim, o leitor por meio dele, prevê o tom do discurso textual.

Além disso, devemos atentar para o fato de o discurso da resistência aparecer vinculado ao discurso religioso. Percebemos que a articulação desse discurso sugere como efeito de sentido a canonização da cidade, uma vez que “*Ave! Mossoró!*” nos remete à concepção doutrinária do catolicismo, por meio da alusão a oração da Virgem Maria, como argumento utilizado pelo orador no reforço da tese da qualificação positiva da cidade, materialmente visível no corpo do discurso.

Para iniciar seu processo discursivo, o orador constrói nas primeiras linhas do texto o ethos da cidade, ou seja, ele cria uma imagem positiva de Mossoró com o intuito de conseguir a adesão do auditório para a tese defendida.

Ainda no que se refere ao discurso religioso, podemos estabelecer uma relação dialógica entre esse e o modo como o discurso da resistência foi empreendido pelo jornal. Quando o orador traz à cena a cidade personificada e santificada por meio da exaltação e do patriotismo, percebemos sutilmente uma relação interdiscursiva entre ambos. Mossoró sobrepõe-se a imagem da Virgem cheia de graça. Da mesma forma que Maria, a cidade mossoroense também é detentora de graças através do seu progresso. Sendo bendita entre todas as cidades do Rio Grande do Norte, assim como a santa, também gerou frutos benditos [7 a 10].

Embora não tenhamos realizado um trabalho de recepção junto aos leitores afetados pelos discursos dos jornais impressos e dos cordéis de acontecido, afirmamos, conforme a memória coletiva do episódio, retratada nas análises, de que o discurso religioso, adaptado às intenções comunicativas do texto, deixa transparecer mais uma estratégia argumentativa que se fundamenta nos valores da liberdade e da honra previamente aceitos pelo auditório para reforçar a necessidade de defesa do território.

Nessa rede de diálogos que o texto oferece, verificamos outra técnica encontrada na notícia e que finaliza o texto de maneira enfática, é a técnica da repetição marcada

linguisticamente pelo vocativo de louvor na referência à cidade para tornar mais presente na memória dos interlocutores a ideia que se pretende a adesão. Nesse caso, “[...] A repetição constitui a técnica mais simples para criar tal presença (no leitor) do ponto de que se quer chamar a atenção” (PERELMAN E TYTECA, 1996, p. 164). A utilização dessa técnica torna claro, também, para o público, o posicionamento assumido pelo produtor da notícia.

#### 4.4.2 Notícia 2

A edição do jornal “O Nordeste” do dia 24 de junho de 1927, veiculou a seguinte manchete:

**O bandido Lampeão e seu grupo: Terríveis contingências – Assalto a esta cidade – A nossa vitória – Continuamos em pé de guerra – Lampeão derrotado.**

Essa edição começou a noticiar os preparativos para o conflito. Ao longo do texto, em especial, por narrar o conflito, encontramos pequenas manchetes que apareciam como uma espécie de alusão a notícia principal: “*Os bandidos surgem em São Sebastião*”; “*Retiradas das famílias. O povo se arma*”; “*Ultimatum, de Lampeão ao governo do município*”; “*O bando se aproxima...*”, e, somente na terceira página do jornal vem a narração do conflito.

#### *Começa a luta*

1      *Foi um tiroteio formidável de parte a parte! As feras investiam e procuravam abri*  
 2      *passagem. As trincheiras avançadas resistiam galhardamente. A do Coronel*  
 3      *Saboyinha, para não nos referirmos já a outras, de acção igualmente brilhante, por*  
 4      *terem aquellas sustentados o ímpeto, desempenhavam-se galhardamente. A trincheira*  
 5      *da barragem, sob o commando do Tenente Abdom, abria fogo. O bando se tinha*  
 6      *dividido. Era preciso estar em toda parte, vigilante, activo, embora corresse perigo a*  
 7      *vida, que poderia ser atingida pelo fogo dos nossos próprios amigos.*  
 8      *Cangaceiros surgem ao lado da Matriz, nas immediações do Telégrafo Nacional, e*  
 9      *somem-se! Ah! O fogo rompeu pela trincheira dessa repartição. A torre attendia já a*  
 10     *todos os lados, perscrutando, atirando. A trincheira do Colégio Diocesano estava a*  
 11     *postos, tiroteando também. A praça da matriz era uma fortaleza!*

12 *Os officiaes da Polícia Estadual, Tenente Laurentino, delegado de Polícia, Abdon*  
 13 *Nunes e Ten. João Antunes, da cavallaria, eram incansáveis e bravos, attendendo aos*  
 14 *postos mais fracos organisando a vigilância, patrulhando e Policiando as ruas, no*  
 15 *intuito de surpreender algum bandido que se insinuasse nos locaes mais desertos.*  
 16 *Há actos de verdadeira temeridade em toda parte, os quaes calamos para não*  
 17 *commetter injustiças.*  
 18 *Todos se mostram valorosos e dignos grandes e pequenos, ricos e pobres, autoridades*  
 19 *e não autoridades. Os padres acompanham o movimento de defeza com*  
 20 *extraordinário sangue frio.*  
 21 *Em toda parte, por todos os lados, todos andavam activos. Os bandidos recuavam,*  
 22 *voltam ousadamente à carga e são novamente repellidos. Deixam mortos e feridos e*  
 23 *organizam a fuga. É de notar que, no início do ataque, as sombras do nevoeiros se*  
 24 *desfazem e a chuva cessa apenas deixando no ambiente uma temperatura agradável*  
 25 *de uma tarde de inverno. Cessado o forte tiroteio, irrompe pelas ruas, o povo em*  
 26 *delirantes brados de vivas a Mossoró, ao Prefeito, ao Presidente do Estado, ao chefe*  
 27 *de Polícia, aos nossos soldados, desafiando Lampeão e os seus sequases: Sabino,*  
 28 *Massilon e toda caterva de bandidos que fugiam diante de nossas armas victoriosas,*  
 29 *sem o derrame de uma só gotta de sangue do povo citadino.*  
 30 *Reinava grande pavor entre algumas poucas famílias que não se haviam retirado:*  
 31 *mas o estrépito dos vivas penetrava o coração de todos como um ardente sopro de*  
 32 *victalidade inaudita. Gloria a terra de Baraúna, o herói de Payssandú!*  
 33 *Toda a noite de segunda-feira foi de febril actividade; tiroteios aqui e acolá,*  
 34 *descargas, etc. Foi uma hora de fogo renhido e cerrado!*

Tendo em vista que “as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção da sua visão de mundo, da sociedade, etc” (TRAQUINA, 2005a, p. 162), observamos que a notícia publicada pelo jornal é explicitamente marcada por informações que trazem em sua constituição elementos sógnicos (recursos) que representam um meio de manutenção do discurso político-social dominante. A subjetividade, como explicitada na primeira notícia analisada, permeia todo o discurso.

Nessa notícia, o sujeito enunciador ao afirmar na linha [28] que os “bandidos fugiam diante de nossas armas vitoriosas”, se inclui no discurso como um personagem pertencente ao

universo narrado, ou melhor, ele se insere na população que lutou na resistência contra bando de Lampião.

Desse modo, podemos dizer que, de acordo com o ângulo em que a notícia é revelada ao auditório, observamos a semelhança entre a sua estrutura e a estrutura dos editoriais jornalísticos, notadamente, no que concerne à tomada explícita de posição sobre um determinado acontecimento. A narrativa do conflito, assim como os editoriais vem sem a presença de uma assinatura, expressando o ponto de vista do periódico, e “sem a obrigação de se ater a nenhuma imparcialidade ou objetividade” (PERFEITO, 2007, p.4).

O enunciador inicia seu discurso a partir da apresentação do assunto (começa a luta) expondo fatos que descrevem a realidade do conflito sob sua ótica. A sequência de eventos que compõe o gênero notícia apresenta a história em forma de lide<sup>14</sup>, isto é, procura desenvolver os elementos do relato, colocando em ordem os elementos do enunciado (o que, quem, onde, quando, como e por que). Em contrapartida, observamos uma exploração do conflito dramático. A relação entre as personagens, as enumerações de lugares e de ações da trama conferem a narrativa uma leitura de construção artística, atribuindo ao discurso um caráter literário.

No âmbito da argumentação, destacamos no discurso a presença de recursos, como os modalizadores, por exemplo, que direcionam o posicionamento do enunciador a respeito do fato enunciado. Os modalizadores, segundo Koch (1999), apresentam argumentatividade no uso da própria língua. Desse modo, concebemos esses tipos de recursos como “elementos linguísticos ligados diretamente ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores de sentimentos e atitudes do locutor em relação ao seu discurso” (KOCH, 1999, p. 138). Como exemplo desses recursos, encontramos na notícia os pronomes na primeira pessoa do plural, os advérbios, os adjetivos e expressões com valor de adjetivos.

No que diz respeito aos adjetivos ou expressões com valor de adjetivo, podemos dizer que eles são extremamente modalizadores, pois qualificam verbalmente o que às vezes é apenas uma imagem, formalizando um conceito de verdade, dando um valor apreciativo ou depreciativo.

Com o uso desses qualificadores, o orador passa a indicar um modo de ser do substantivo, atuando como um predicativo. Nesse processo, os recursos trabalhados operam no sentido de atribuir um significado semântico determinado aos substantivos, “cidade e

---

<sup>14</sup> Palavra aportuguesada do inglês *Lead* é a “cabeça” da notícia. Significa dizer que, o lide funciona como um sumário da notícia jornalística apontando as informações mais importantes do texto. O lide corresponde ao primeiro parágrafo de uma notícia jornalística impressa.

povo”. No viés discursivo, o uso desse mecanismo opera como estratégia argumentativa que ultrapassa as fronteiras da estrutura sintática e do significado semântico e articula os sentidos em um campo que interagem linguagem e sociedade, portanto, ideologias.

A exarcebação e sacralização da cidade e de seus heróis implicam na satanização da figura de Lampião e seu bando [13; 25 a 29]. Paralelamente, a exaltação da cidade e de seus defensores. Os textos acentuam as características e feitos mais brutais dos cangaceiros, com o intuito de associá-los à categoria do mal, da perversão, o que de fato culmina na demonização desses personagens.

Nessa perspectiva, atrelada aos modalizadores está à técnica da definição expressiva para embasar a posição ideológica do orador a favor da resistência e contra a empreitada do bando de cangaceiros. O sujeito enuncia de uma formação discursiva e de um lugar social de defensor da cidade [7 e 28].

Além disso, devemos atentar que a associação do fato (invasão) a ação da resistência em (a), nas primeiras linhas do texto [1 a 7], gera *frames* (esquemas) que irão orientar a construção dos modelos mentais a partir do foco de interesse do enunciador e de que ângulo ele quer que observemos o objeto, direcionando a opinião pública para um posicionamento contrário à invasão e favorável à resistência.

#### 4.5 A NOTÍCIA NOS CORDÉIS DE ACONTECIDO

Os folhetos escolhidos para a caracterização do (re) enquadre dado ao gênero notícia a fim de perceber os eventos discursivos sobre o episódio de Lampião em Mossoró-RN, no ano de 1927 trazem em seus títulos referência ao discurso principal através de subcategorias como: *vitória; heroísmo combate, e ataque*, que convergem para a categoria central da *resistência* atribuída a cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte e assumida pela população local.

Assim sendo, a análise dos diferentes folhetos que compõem nosso *corpus* revela que apesar de apresentarem algumas variações, as narrativas desenvolvem-se a partir de duas temáticas essenciais. A invasão e saque da cidade pelos temidos cangaceiros de Lampião; e a resistência dos bravos de Mossoró cujas personagens representadas pela cidade e por seus moradores dotados de qualidades, de força, bravura, honradez e bondade, enfrentam o cangaceiro Lampião e seu bando caracterizado como homens ruins, perversos e criminosos.

De acordo com Perelman e Tyteca (1996, p. 73), as premissas são as teses utilizadas pelo orador que servirão de fundamento à sua construção discursiva, com a adesão de seus ouvintes às proposições iniciais. Nesse sentido, nos cordéis analisados, o orador ao representar o bando de cangaceiros como nômade, como homens impiedosos que afrontam o Estado, a propriedade, as famílias, e se aliam a um patrono local contra outras lideranças familiares, preocupa-se em destacar e reforçar a tese principal da resistência e bravura da cidade (Mossoró é resistente, Mossoró é corajosa), que já goza de aceitação dos leitores.

Os espaços de resistência caracterizam-se nos jornais e cordéis por assumirem, em primeira instância, uma expressão *local*. Isso somente é possível porque os enunciadores encontraram no discurso local seus elos mais fortes de resistência. Desse modo, observamos nos discursos analisados a ligação entre o acontecimento veiculado, a história e a construção da realidade por meio do discurso ideológico de vozes marcadas pelo poder.

A seguir, evidenciamos a análise da notícia nos cordéis selecionados para o (re)enquadre do episódio.

#### 4.5.1 cordel 1

O folheto a seguir inicia seu processo discursivo com base na relação entre a história e o fato noticiado. O primeiro conjunto de versos do cordel evidencia o processo histórico para narrar o acontecimento proposto no título do folheto (ver anexo D). Essa ideia é reforçada nos versos [08 e 09] da estrofe seguinte. Nesse sentido, ambos revelam a (inter) relação entre o fato histórico e o seu registro na esfera poética, evidenciando que o *discurso da resistência* é construído historicamente.

- 01 Sabe-se que a 13 de junho,
- 02 Do ano de vinte e sete,
- 03 Nossa Mossoró guerreira,
- 04 Brava, heróica que compete,
- 05 Nos deixou para a memória
- 06 Um fato de sua História
- 07 Que ao futuro se remete.
  
- 08 Trata-se da resistência
- 09 Ao grupo de Lampião,
- 10 Estrategista e valente,
- 11 Para o povo, assombração;
- 12 Pois Virgulino Ferreira
- 13 Liderou sem brincadeira
- 14 O cangaço do sertão.

Em uma análise argumentativa das estrofes citadas, observamos que o enunciador inicia seu processo discursivo utilizando a tese principal (Mossoró é combatente; Mossoró é lutadora) que já é aceita pela população, fundamentada por meio de modalizadores (guerreira, brava, heróica). Desse modo, o enunciador constrói o *ethos* da cidade mossoroense. Ele apresenta a cidade personificada como um sujeito forte que luta. Em contrapartida, Lampião é um ser sobrenatural, maligno, que aterroriza a população. É curioso destacarmos que o orador ao referir-se à figura de Lampião, o faz na voz do outro, isentando-se de qualquer declaração. Todavia, o orador deixa transparecer seu ponto de vista sobre os sujeitos definidos, ou seja, ele utiliza a *técnica argumentativa da definição expressiva*.

Nessa abordagem, o sujeito orador, ao qualificar Mossoró como *guerreira, brava, heróica*, revela inconscientemente ou não sua postura ideológica ligada ao discurso dos poderes políticos e elitistas locais vigentes na época, inserindo-se em uma formação discursiva que fala do lugar social, o qual se inclui e acredita nesse discurso, destacado verbalmente pelo pronome “Nossa”. Dessa maneira, ele dirige-se a um auditório particular (a população mossoroense) que concebe os sujeitos apresentados dessa forma.

A posição do orador assemelha-se à do jornal “Correio do Povo” do dia 19 de junho de 1927:

A nossa ordeira, pacata, laboriosa e nobre cidade foi atacada e assediada pelo maior numero de bandidos do nordeste, sob a chefia de Lampeao, Sabino, Massilon e jararaca, chefes de cangaceiros que se colligaram a effeito a empreitada terrível e sinistra de saquear Mossoró, a mais opulenta e rica cidade do Rio Grande do Norte. A immensa fama e o seu amor ao trabalho, á paz e á ordem despertaram no espírito de feras daquelles bandos, apetites vorazes de sangue e de sangue.

Além de ser historicamente constituído, o discurso da resistência aparece marcado pelo caráter de dialogicidade, de múltiplas vozes presentes em um mesmo discurso [16]. Todo discurso é produzido a partir de outro discurso de maneira que “os sentidos são sempre referidos a outros sentidos e daí tiram sua identidade” (Orlandi, 1996, p.31). Fato que aparece reforçado na estrofe a seguir:

15 No Rio Grande do Norte,  
16 Conforme os livros que li,  
17 Facínoras de Lampião  
18 Atacaram Apodi,  
19 Gavião e Itaú,  
20 Não pretenderam Patu;  
21 Programaram vir aqui.



Nesse trecho, devemos atentar para o uso que o orador faz do argumento de autoridade, ou seja, os livros (textos escritos) como espaço de legitimação da verdade dos fatos anunciados. Diante desse poder de autoridade, o fragmento desvela a intenção de legitimar a voz do sujeito-autor. As estrofes seguintes [6 a 10] referem-se exclusivamente aos boatos sobre a invasão do bando à cidade de Mossoró.

[...]

29 Em toda esquina de rua  
30 O falatório corria  
31 Que Lampião preparava  
32 Um assalto e que viria,  
33 Com violentos ataques  
34 Bagunçar, praticar saques,  
35 Só estava faltando um dia.

As estrofes assinalam, através do discurso camuflado pela voz do outro, as práticas de violência dos cangaceiros.

[...]

43 Aqui Lampião viria  
44 Promover perversidade,  
45 Desrespeitar nosso povo,  
46 Provocar ansiedade;  
47 Levar daqui o dinheiro,  
48 Que é papel do cangaceiro,  
49 Extorquir, fazer maldade.

A voz do enunciador nos trechos destacados, dilui-se no discurso relatado da coletividade, marcado linguisticamente pelo futuro do pretérito (viria, seria). Nesse sentido, observamos nos versos [48 e 49] que o enunciador posiciona-se com base nos relatos obtidos.

No folheto analisado, os versos das estrofes (11 a 18) narram a troca de correspondências entre Lampião e o prefeito Rodolfo Fernandes. Destacando a resposta negativa do prefeito e a reação do cangaceiro.

[...]

71 Um portador do Cangaço,  
72 Cumprindo sua função,  
73 Veio a Rodolfo Fernandes  
74 Com um bilhete na mão,  
75 Que em termos de missiva,

76 Era uma intimativa  
77 Mandada por Lampião.

78 O Prefeito, quando leu,  
79 Conheceu o conteúdo;  
80 Deu como resposta um não  
81 Acrescentou: não me iludo.  
82 Esses quatrocentos contos  
83 De réis jamais serão prontos  
84 O bando vai perder tudo.

[...]

113 Eu não posso permitir  
114 A desmoralização  
115 De pedir, alguém negar,  
116 De querer, ouvir um não.  
117 Acho que só vou sentir dó,  
118 Se o povo de Mossoró  
119 Desrespeitar Lampião.

120 Mais uma vez o prefeito  
121 Deu resposta negativa.  
122 Dessa feita, os cangaceiros  
123 Com ação, brutal, nociva,  
124 Iniciam a invasão,  
125 E estava a população  
126 Entrincheirada e ativa.

Nos versos citados, percebemos a manifestação do discurso polifônico, no momento em que o enunciador cede a voz aos personagens do prefeito [81 a 84], e a Lampião [113 a 119], estabelecendo uma autenticidade à voz do enunciador.

No decorrer do texto, as estrofes seguintes [19 a 27] são desenoveladoras do tema.

127 E a batalha começa  
128 Na base do chumbo quente:  
129 Enquanto o bando investia  
130 Para dar um passo a frente,  
131 As trincheiras resistiam,  
132 Lutavam, não permitiam  
133 Lampião nem sua gente.

134 Famílias apavoradas,  
135 Com os corações aflitos,  
136 Entre emoções e medo,  
137 Desespero, aplausos, gritos.  
138 Pela busca da vitória,  
139 Que já está na História  
140 De um dos grandes conflitos.

141 As trincheiras preparadas  
 142 Com civis e coronéis  
 143 Com os constantes ataques  
 144 Dos cangaceiros cruéis,  
 145 Não desistiram do jogo:  
 146 Avançaram, abriram fogo,  
 147 Cumprindo bem seus papéis.

Considerando o gênero em questão, percebemos um maior desenvolvimento no nível de dramaticidade, característica comum à literatura, cujo objetivo, dentre outros, é seduzir para leitura, atrair através da construção artística. Na narrativa observamos uma exploração desse conflito. Ele integra os fatos em uma ação única, formando um todo constituído pela seleção e pelo arranjo dos acontecimentos. A relação entre as ações dos personagens e as enumerações de lugares da trama, confere ao texto a criação de expectativa e manutenção do interesse do leitor através de descrições desenvolvidas.

No desenrolar da narrativa em estudo, o acontecimento cantado é entremeado pela história que envolve o cangaceiro Jararaca. Assim, observamos a presença de outra narrativa que perpassa e enriquece dramaticamente a narrativa do episódio.

[...]

162 Foi da vez que Jararaca  
 163 Vendo Colchete no chão,  
 164 Procurou “desarreá-lo”,  
 165 Lhe dando assim proteção.  
 166 Ai outra bala vem,  
 167 Mas não sabia de quem  
 168 E nem qual direção.

169 E começa a chover balas,  
 170 Vindas de todo sentido:  
 171 Da torre São Vicente,  
 172 Que se ouviu o estampido;  
 173 Da praça seis de janeiro,  
 174 Sem entender o roteiro,  
 175 Jararaca cai ferido.

176 Logo se levanta aos tombos  
 177 Pra sair daquele espaço.  
 178 Ao caminhar poucos metros,  
 179 Sentiu frágeis mão e braço.  
 180 Como que pouco se ajeita,  
 181 A sua perna direita  
 182 Também recebe um balaço.

183 Jararaca cai de novo,  
 184 Se levanta e foge ao mato;

185 A ponte da linha férrea  
 186 Lhe acolheu nesse ato.  
 187 O bandido baleado,  
 188 Ali foi capturado  
 189 Pra ser sujeito maltratado.

No conflito, José Leite Santana, conhecido como Jararaca, foi atingido por um tiro e deixado para trás por seus companheiros, que fugiram após a fracassada invasão à cidade de Mossoró. Dias depois, ele viria a ser cruelmente morto: teria sido enterrado vivo pela polícia que antes o aprisionara, já ferido à bala no confronto anterior. Jararaca tornou-se, assim, um mito nessa saga sempre chamada a ilustrar a bravura dos *resistentes* que impediram a invasão e saque da cidade pelos temidos cangaceiros de Lampião. Retornando ao folheto, observamos nas estrofes descritas os espaços em que se desenvolvem as cenas. Os versos servem também de mote para a narrativa da finalização do conflito.

190 Lampião a essa altura,  
 191 Traça o seu novo roteiro  
 192 Com o bando fracassado,  
 193 Sem poder levar dinheiro,  
 194 Derrotado nessa briga,  
 195 Segue a estrada que liga  
 196 Mossoró a Limoeiro.

[...]

204 Mossoró, mesmo vencendo,  
 205 Com força magistral  
 206 Do seu povo combatente  
 207 A fuzil, fúria e punhal,  
 208 A quem agride e vacila,  
 209 Fica a cidade intranquila  
 210 Mas depois volta ao normal.

211 Já se tem oitenta anos,  
 212 Se contarmos do passado,  
 213 Que o espírito é resistência  
 214 A que o povo tem se dado.  
 215 Lampião não quer de novo  
 216 Ter por aqui o seu povo  
 217 Mais uma vez derrotado.

Novamente, temos o processo histórico em destaque. Os versos [211 e 212] fazem a inter-relação entre o registro poético e os fatos ocorridos. Na estrofe destacada anteriormente,

o orador reafirma a tese principal [213], embora os sentidos desta tenham sido, no decorrer do cordel, mais bem construídos, referindo-se cada vez mais ao contexto específico desse discurso. Assim sendo, quando o orador expõe sintaticamente a tese defendida, afirmamos que foi utilizada a *estratégia argumentativa da repetição* para tornar mais presente no leitor a ideia que se quer a adesão.

218 Mossoró que tem História  
 219 De luta e Libertação  
 220 Como o motim das Mulheres,  
 221 Uma corajosa ação,  
 222 Aboliu escravatura,  
 223 Por que temer a bravura  
 224 Do bando de Lampião?

Pela historicidade arraigada no espaço entre o acontecimento e o discurso relatado, o cordelista estabeleceu, outra vez, elos com o discurso da resistência. Definido o enfoque, a narrativa revela, através de seu processo de construção do discurso, um orador que fala do lugar social de lutas e conquistas, dirigindo-se a um público que provavelmente partilha do mesmo raciocínio. Portanto, ao ratificar que Mossoró tem a sua história consolidada em lutas e glórias [218 e 219], reflete o universo histórico-social do auditório que tem em suas raízes o discurso de superação das dificuldades [220 e 222].

Além disso, devemos atentar para o fato de que o orador quando expõe outros episódios que ocorreram na cidade mossoroense em nome da sua liberdade e dignidade, faz uso do argumento de comparação, pertencente ao grupo dos argumentos quase-lógicos. Isso significa dizer que a construção desse argumento segue um esquema de raciocínio formal. Na realidade, os argumentos de comparação “são em geral apresentados como constatações de fato, enquanto a relação de igualdade ou de desigualdade afirmada só constitui, em geral, uma pretensão do orador” (PERELMAN e TYTECA, 1996, p. 274-275).

O uso de perguntas retóricas constitui outro recurso empregado pelo cordelista na expressão do pensamento, das ideias e das opiniões. Embora não esteja vinculada às técnicas argumentativas distribuídas nos quatro grupos de argumento, os enunciados interrogativos podem ser compreendidos como um procedimento retórico que visa estabelecer uma aproximação e um acordo [muitas vezes implícitos] com os leitores (público). Conforme assinalam Perelman e Tyteca, esses enunciados possuem uma “importância retórica [...] considerável” (PERELMAN E TYTECA, 1996, p. 179). A modalidade interrogativa busca um posicionamento do público diante do fato exposto, cujas respostas já são presumidas pelo

orador. “A pergunta supõe um objeto, sobre o qual incide, e sugere que há um acordo sobre a existência desse objeto. Responder a uma pergunta é confirmar esse acordo implícito” (PERELMAN E TYTECA, 1996, p.179).

Na realidade, as perguntas não pretendem esclarecer quem interroga, elas são empregadas com a finalidade de “encetar raciocínios [...] com a cumplicidade, por assim dizer, do interlocutor que se compromete por suas respostas, a adotar esse modo de argumentação” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 180). Nessa perspectiva, a noção de teia argumentativa é reforçada a partir da relação entre as perguntas retóricas e as possíveis respostas articuladas pelo leitor.

Refletindo sobre o processo de teia argumentativa, é possível afirmarmos que o enunciado interrogativo no final do texto configura-se numa marca linguística de caráter dialógico da linguagem, uma vez que o produtor do texto escrito (orador), mesmo não tendo a presença física do leitor no momento de sua escritura, fundamentou-se no fato de que seu texto dirigia-se a um auditório (leitor), o qual durante a leitura complementaria a interação.

#### 4.5.2 cordel 2

- 1 Pra vingar-me de uma crueldade,
- 2 Foi preciso tornar-me cangaceiro,
- 3 Atacar o nordeste brasileiro,
- 4 Por sítio, por vila e por cidade.
- 5 Mande chuva de bala de verdade,
- 6 Foi quente a boca do balão,
- 7 Tornei-me até assombro no sertão.
- 8 Fui conhecer Mossoró também de perto,
- 9 Mas o povo de lá é muito esperto,
- 10 Danado de doido e valentão<sup>15</sup>.

Narrada em primeira pessoa, a estrofe de abertura do cordel inicia o seu enredo com um fato: a transformação do homem do campo, do sertanejo comum em cangaceiro, baseado no contexto social em que está inserido o enunciador. Para Perelman e Tyteca (1996), o fato enquanto acordo baseado na realidade, apresenta-se ao indivíduo com uma reação subjetiva a algo que se impõe a todos. Desse modo, o orador partiu de fatos que correspondem à realidade político-social do camponês no período em que o discurso foi construído.

---

<sup>15</sup> SOBRINHO, José Saldanha Menezes, **Lampião em Mossoró em 1927**. 2ª ed. RN: Pedagogia da Gestão, p.1, 2004.

Essa constatação, reforçada pela informação contida na estrofe seguinte, está atrelada a temática política do coronelismo. O coronel era sinônimo de poder, o ‘dono do sertão’. “Em suma, reina no sertão uma total ausência do estado, e não somente de justiça. [...] O convite ao cangaço, não é demais repetir, está implícito na violência herdada do processo de colonização [...] ou na necessidade de fazer justiça com as próprias mãos” (DANTAS, 2008, p. 5-6):

11 Pra vingar-me da raça de Nogueira,  
 12 Dos coronéis safados do sertão,  
 13 De Saturnino e de outro batalhão,  
 14 Com armas, munição e cartucheira.  
 15 Previni-me e entrei para trincheira,  
 16 Mandei bala com força no Nordeste,  
 17 Para ver se passava em todo o teste,  
 18 Resolvi que atacava Mossoró,  
 19 Cidade de magia e catimbó,  
 20 Nunca mais eu vou naquela peste<sup>16</sup>

Quanto à estratégia argumentativa utilizada para justificar seu comportamento, o orador, aqui identificado como Lampião, fez uso do argumento baseado na estrutura do real com ligações de coexistência, em especial, o que trata da ligação entre a pessoa e seus atos, visto que são os responsáveis por esta relação, enfatizando que a imagem que construímos de determinada pessoa pode ser interpretada a partir de seus atos e vice-versa [7].

Além disso, devemos atentar para o fato de que essas estrofes introduzem o discurso acerca do episódio de Lampião em Mossoró e da resistência dos mossoroenses ao bando [8; 9; 10; 18; 19 e 20]. O discurso da resistência aparece vinculado ao discurso do ciclo místico-religioso da literatura de cordel, extraindo elementos significantes do misticismo e da religiosidade do povo nordestino, utilizados como mote para a construção dessa narrativa.

Dessa forma, o universo místico e religioso representado retoricamente no cordel, por meio das crendices e devoções populares representadas pela figura do cangaceiro, perpassa todo o texto enquanto fio condutor, ou melhor, enquanto pano de fundo para construção discursiva do orador, conforme observamos na estrofe seguinte:

21 Eu não sei que danado é Mossoró,  
 22 Deve ser um nome endiabrado,  
 23 Um monstro fantástico do passado,  
 24 Um feiticeiro maligno desse pó.  
 25 Um gênio, uma fada, um catimbó,  
 26 Esse tal Mossoró não me convém,  
 27 Eu não sei que danado é que ele tem,

<sup>16</sup> Id. ibidem.

28 Que eu lá quase perco meu cartaz,  
29 O povo de lá é doido até demais,  
30 Mossoró não tem medo de ninguém.

No fragmento apresentado o orador justifica seu insucesso atribuindo a cidade um caráter sobrenatural, associado ao negativo, a encarnação do mal. Os enunciados presentes no referido fragmento ressignificam a realidade do sujeito enunciator baseados em arquétipos, em tradições antigas, a exemplo da superstição na busca de respostas, ou para encontrar soluções coerentes às situações vivenciadas. Certos termos presentes no cordel, carregam traços que facilitam sua identificação negativa, é o caso de: endiabrado; monstro fantástico; feiticeiro maligno; catimbó, entre outros. Todos esses direcionados ao obscurantismo, às trevas, associados ao mal.

Quando o enunciator relaciona Mossoró a catimbó, associado ao modelo religioso na representação do mal, verificamos um sujeito fruto de uma formação ideologicamente marcada e socialmente definida, que faz com que seu dizer seja respaldado em fatores históricos e se perpetuem no tempo por assumir valores concebidos como verdadeiros. Dessa forma, aquilo que o sujeito diz reflete as formações ideológicas por ele assimiladas durante a sua formação linguística.

Sob essa ótica, “o sentido dado às palavras pelo sujeito passa a ter um caráter material, visto que ele (o sentido) só existirá dentro de uma formação discursiva, no processo discursivo” (BARBOSA, 2004, p. 68). Assim, a memória discursiva do cangaceiro, instaura e constitui efeitos cristalizados socialmente, cujo paradigma demarca sua identidade sócio-ideológica e cultural, a exemplo das manifestações: cultural e religiosa que consolidam o catimbó como uma prática ritualista, mágica, associada ao uso de forças e energias de esquerda ou negativa.

De acordo com essa conduta do orador, percebemos que seu discurso é estruturado com base na técnica argumentativa do vínculo causal, pertencente aos argumentos baseados na estrutura do real com ligações de sucessão, como relação de um fato com sua consequência. Em outros termos: quando Lampião questiona-se sobre a cidade no primeiro e sétimo versos [21 e 27] da quarta estrofe, e nos versos que se seguem, ele expõe vários enunciados que se apresentam como possíveis causas na busca de respostas para compreender a ação que o envolve. Dizemos que o enunciator fundamenta-se no vínculo causal para refletir, no caso do cordel, de forma supersticiosa, sobre os motivos do fracassado ataque a cidade de Mossoró [28; 29 e 30].



Além disso, atrelado ao vínculo causal observamos, também, o uso do argumento pragmático, uma vez que este “parece desenvolver-se sem grande dificuldade, pois a transferência para causa do valor das consequências ocorre mesmo sem ser pretendido” (PERELMAN e TYTECA, 1996, p. 303). Todavia, para que esse argumento seja aceito pelo senso comum é necessário que haja um acordo sobre o valor das consequências. Assim sendo, vemos no folheto analisado que através da superstição, de suas crenças, o orador racionaliza a realidade que o cerca, “consistindo a racionalização na invocação de argumentos que possam ser admitidos pelo interlocutor” (PERELMAN e TYTECA, 1996, p. 304).

Fundamentando-se na mesma linha do folheto analisado anteriormente, as estrofes seguintes referem-se às trocas de correspondências entre Lampião e o prefeito, o que evidencia uma regularidade entre os cordelistas no modo de narrar o episódio:

31 É importante e bonito a gente ler,  
 32 Com atenção e minuciosidade  
 33 Minha carta ao prefeito da cidade,  
 34 Explicando o que é vim fazer.  
 35 Quatrocentos contos de réis mande trazer,  
 36 Que na cidade garanto não entrar,  
 37 Mas essa importância não mandar,  
 38 Se previna que eu vou fazer alarde,  
 39 Vou entrar pelas quatro horas da tarde,  
 40 Vou mostrar quem sou eu e lhe atacar.

41 É bonita, importante e decidido,  
 42 Minha carta enviada ao prefeito,  
 43 Tratei ele com ordem e com respeito,  
 44 Ele respondeu-me bem forte e destemido.  
 45 Compreendi que ele estava prevenido,  
 46 Pela resposta enviada desse jeito:  
 47 Quer vir atacar a cidade, meta o peito,  
 48 Minha cidade é firme, forte e bela,  
 49 Confiando no amor que tenho nela,  
 50 Assina, Rodolfo Fernandes, com conceito.

A escritura dessas duas estrofes apresenta uma estrutura bem determinada. Trata-se do princípio rítmico de organização do texto, através do paralelismo semântico que aparece nos versos [31; 33; 42 e 43], em que cada par de estrofes mantém forma semelhante com pequenas variações semanticamente apoiadas. Por ser importante para a compreensão estética, visto que é imperativo sobre as pausas, e contribui com o ritmo, com a rima, com construção dos significados, e com a diagramação das ideias, o paralelismo compõe um jogo de simetria que põe em cena a repetição enquanto recurso estruturador e argumentativo, garantindo a defesa das ideias que se pretende expor.

No momento de leitura da estrofe seguinte, observamos que o interlocutor é inserido no diálogo como se de fato estivesse conversando cara a cara com Lampião:

[...]

62 Na expressão do assunto eu conheci,  
 63 Que Mossoró estava bem municiado,  
 64 E o prefeito era forte e preparado,  
 65 No momento que sua carta eu li.  
 66 Baseado nas lutas que eu já vi,  
 67 Mas eu gosto de homem assim, danado,  
 68 Que eu sempre sou um tanto temperado,  
 69 Mas, foi contra mim até o Pai eterno,  
 70 Que mandou um reforço do inverno,  
 71 E o ataque foi feito atordoado.

Percebemos também que inscrito nesse diálogo aparece novamente o discurso religioso ligado ao contexto no qual foi produzido, remetendo à concepção doutrinária da instituição católica que marca textual e discursivamente a posição ideológica do enunciador. Um dos efeitos de sentido sugeridos pelos versos [69 e 70] é que essa fé católica não faz parte apenas da doutrina do cangaceiro, mas revela a fé católica do próprio cordelista.

Portanto, ao afirmar no verso [69] que “até o pai eterno foi contra o ataque”, o orador faz uso de um valor abstrato e absoluto perante o auditório: Deus, além de ser citado como valor absoluto, é inserido como um argumento de autoridade a favor da resistência, contra a invasão. Todavia, é importante observarmos que houve uma adaptação do discurso religioso à intenção persuasiva do contexto em destaque, uma vez que há um silenciamento da voz de Deus. Ele não diz ser contra o ataque, mas age contra, como podemos verificar quando o orador revela que “até o Pai eterno” enviou o reforço do inverno para prejudicar sua ação [69 e 70]. Segundo Orlandi (1993, p.63), como estratégia discursiva, o silenciamento *diz*, significa; portanto, ainda que imaterializado no texto, produz sentidos, promove discursos, ratifica ideologias. Conforme Perelman e Tyteca:

[...] as palavras de uma autoridade reconhecida pelo auditório são invocadas pelo orador como um testemunho válido para confirmar, consolidar e convencer os interlocutores da tese defendida. [...] quanto mais importante é a autoridade, mais indiscutíveis parecem suas palavras (PERELMAN e TYTECA 1996, p. 351).

Continuando seu relato, numa espécie de dialogismo, marcado linguisticamente pelo tom de oralidade, uma vez que, o narrador emprega expressões próprias do falar nordestino [toró], faz uma descrição de sua chegada na cidade:

72 Eu fiz logo o projeto da viagem,  
 73 Para poder atacar o Mossoró,  
 74 Foi na hora da chuva, de um toró,

75 Que as águas tomavam a passagem.  
 76 Os meus grupos, revestidos de coragem,  
 77 Penetramos por dentro da cidade,  
 78 Foi chuva de bala, de verdade,  
 79 Foi duro e pesado o tirinete,  
 80 Veio uma bala no peito de Colchete,  
 81 Que a vida perdeu a qualidade.

A cena descrita pelo narrador é construída diante do leitor-ouvinte, ratificando a constante interação entre os interlocutores do diálogo, mesmo sem a presença concreta da voz do outro (leitor), ou seja, sem a interação face a face.

Segundo Bakhtin (1992), a enunciação é o produto da interação entre indivíduos socialmente organizados, pois sua natureza também é social. Ela não existe fora de um contexto, em que cada locutor tem um “horizonte social” bem definido, pensado e dirigido a um auditório igualmente definido.

Partindo da noção de recepção e compreensão ativa proposta por Bakhtin a qual ilustra o movimento dialógico da enunciação, verificamos, embora não seja o nosso foco de investigação, presente na última estrofe do cordel, a questão da heterogeneidade discursiva ou enunciativa como recurso utilizado a fim de conferir ao texto um efeito de veracidade à voz do narrador:

[...]

102 Lampião correu dizendo assim:  
 103 – Se eu não fosse perito e veterano,  
 104 Eu tinha entrado pelo cano  
 105 E Mossoró ia até zombar de mim.  
 106 Talvez até por lá me desse fim,  
 107 Esse tal de Mossoró não me convém,  
 108 O povo de lá não tem medo de ninguém,  
 109 Tudo é danado de doido e é valente,  
 110 Até da Santa Igreja São Vicente,  
 111 Os Santos atiraram em nós também.

A estratégia argumentativa utilizada nessa estrofe, fundamenta-se mais na forma que no conteúdo, visto que o orador preocupou-se em valorizar o modo de apresentação do seu discurso, tendo em vista dois aspectos: a oscilação entre o narrador em primeira pessoa para o de terceira pessoa e a presença, como explicitado, da heterogeneidade mostrada, inserida através do discurso direto (DD).

A despeito da predominância do discurso direto, a inserção de elementos que simulam a entoação da fala, como o uso dos sinais de pontuação (dois pontos e o travessão) evidencia

uma voz, cujos recursos de envolvimento discursivo manifestam-se pela ocorrência de dois níveis de linguagem: do narrador e do personagem. Quanto a isso, vale notar que, no texto escrito, a introdução desses recursos de pontuação possui como finalidade o não comprometimento do enunciador com aquilo que foi proferido. Dito de outro modo, o enunciador não assume a responsabilidade pelo que foi dito; o que caracteriza um distanciamento do enunciado.

Sob a ótica da AD, “trata-se de uma prática discursiva em que primeiro um locutor inscreve um segundo locutor no interior de seu enunciado” (SILVA, 2004, p. 209). Dessa forma, “o discurso direto é apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para dar um enfoque pessoal” (MAINGUENEAU, 2000, p. 141).

Além disso, assim como em estrofes já explicitadas, o orador recorreu à técnica da repetição, a partir do paralelismo semântico entre os versos [26, 27, 28 e 29] da quarta estrofe, e os versos [107, 108 e 109] da última estrofe, deixando mais sólida na memória dos leitores a tese da resistência ao bando de Lampião.

Com o intuito de fazer o auditório aderir à tese, o orador estrutura seus versos finais com base na concepção religiosa da igreja católica. Ao afirmar que “(...) Até da santa Igreja São Vicente,/ Os Santos atiraram em nós também”. Lampião, enquanto enunciador desse discurso faz uso do argumento de autoridade, também presente no verso [69] da oitava estrofe. Assim sendo, podemos incluir os santos como exemplo de valor abstrato aceito pelo público o qual se deseja persuadir.

#### 4.5.3 cordel 3

Narrado em trinta e seis estrofes sob a forma de sextilhas<sup>17</sup> e esquema de rimas irregulares, uma vez que apresenta três versos soltos sem rimas, pois o segundo, o quarto e o sexto versos rimam entre si, deixando órfãos o primeiro, terceiro e quinto versos, o folheto estudado a seguir é outra interpretação interessante dada à resistência de Mossoró a Lampião e seu bando.

Partindo da relação entre o fato noticiado, a História, a ficção e a fantasia poética comuns nesse gênero, o poeta redimensiona a forma tradicional cristalizada de narrar o episódio, através do humor, enriquecendo o sentido do texto.

---

<sup>17</sup> A sextilha é a estrofes que contém seis versos. Ela, segundo, Cascudo (1978), é a forma popular absolutamente vitoriosa na literatura de cordel brasileira (op.cit, p. 351).

A escritura apresenta sua autoria por meio de uma linguagem simples e bastante popular, possuindo características próprias do falar regional:

1 Nos dias que não consigo,  
2 Escrever nenhuma linha,  
3 Eu visto a minha camisa,  
4 E vou pro bar de Deinha,  
5 Tomar cana e palestrar,  
6 Com meu amigo Lulinha.

Abriremos novo excuro para mostrar que nas três primeiras estrofes do folheto que atestam a autoria do cordelista, legitimando sua voz, servem de mote para a narrativa propriamente dita. Elas trazem em seu interior um novo personagem para a história contada: Lulinha.

7 Lulinha dá olé  
8 Na cartilha do saber.  
9 Sabe história de trancoso  
10 Pra dar, trocar e vender.  
11 Duvido eu voltar de lá,  
12 Sem nada para escrever.

Arelada a Lulinha está a concepção de verdade positiva de conhecimento e de experiência narradora. Assim, atribuímos ao personagem o argumento de autoridade, pois este, fonte principal, revestida de autoridade é aquele que possui competência para interpretar e dominar as verdades dos fatos a serem narrados.

Por outro lado, ultrapassando os limites do texto, é possível, através dos ditos, empreendermos os múltiplos sentidos edificados no discurso do poeta. O substantivo próprio “Lulinha” nos remete ao chefe da nação brasileira Luís Inácio Lula da Silva.

A remissão sugere um duplo efeito de sentido: de um lado na materialidade verbal, o texto compõe-se de um sujeito comum, um “companheiro” do produtor textual, identificando-o com a maioria de seus interlocutores, diluindo o personagem na coletividade em virtude do caráter mais íntimo, mais carinhoso, atribuído pelo diminutivo. Por outro lado, assemelhando-se no conteúdo, as cantigas satíricas de maldizer, o autor estabelece de forma cômica, uma crítica de cunho político e social, satirizando a figura do presidente como um político descomprometido com a sociedade e politicamente desmoralizado.

No percurso interdiscursivo e polifônico, o discurso que se constitui pelo humor como estratégia discursivo-argumentativa serve como instrumento político e social de denúncia, de

alerta sobre o atual chefe do Estado. A construção: “[...] Tomar cana e palestrar, / Com meu amigo Lulinha”, retoma discursos e situações vivenciadas em outras épocas que revestem o texto, remetendo-o a um já-dito instaurado na memória coletiva sócio-histórica e política dos brasileiros.

O processo humorístico e aparentemente inofensivo do enunciador faz submergir no seu campo discursivo, por meio da interdiscursividade, por exemplo, o discurso referente ao episódio envolvendo ele (presidente) e o correspondente do jornal *The New York Times*, Larry Rohter. Em outros termos: o produtor textual estabeleceu elos com o discurso crítico do jornalista, publicado em maio de 2004, sobre o hábito etílico do presidente Lula, em especial, à sua preferência pela tradicional cachaça brasileira:

Luiz Inácio Lula da Silva nunca escondeu que gosta de um copo de cerveja, uísque, ou melhor, um pouco de cachaça, a potente bebida derivada da cana-de-açúcar. Mas alguns de seus compatriotas começam a imaginar se a predileção do presidente por bebidas fortes está afetando sua performance no cargo<sup>18</sup>

O vocábulo “palestrar” inserido no texto no sentido de “jogar conversa fora” reforça a ideia de descompromisso, a qual é retomada na estrofe seguinte, porém instaurando-se no sentido de logro, engodo, associado a relatos fantasiosos, sentido este, ratificado pelos versos [7, 9 e 10]. Desse modo, o autor estabelece nas entrelinhas, a partir do discurso irônico, crítico e denunciador, o não-dito, o enunciador deixa pistas no dizer, que, nos permite a seguinte compreensão: “O presidente engana o povo com o seu discurso. Só sabe falar, isto é, tem o poder da oratória”.

Retornando ao cordel, objeto de nossa apreciação, o poeta não mais se incluindo, descreve a empreitada de Lampião até seu retorno à Mossoró. Todavia, a história, notadamente marcada pela fantasia poética, narra o ataque após a morte do cangaceiro e sua chegada ao inferno:

13 E foi Lula quem me disse,  
14 Que tinha achado um caderno,  
15 Que tinha a data marcada,  
16 Muito antes do inverno,  
17 Sobre um evento que houve  
18 Em um dos palcos do inferno.

<sup>18</sup> Tradução da matéria do *The New York Times* publicada pelo provedor IG. <http://ultimosegundo.ig.com.br/matéria/Brasil> (apud AVELINO, 2007, p. 110).

19 Um evento musical  
 20 Chamado, Canta vem-vem,  
 21 Que busca prestigiar  
 22 Os valores que eles têm,  
 23 Dando prêmios e mais prêmios,  
 24 Pras almas que cantam bem.

25 Lampião foi o primeiro  
 26 Cantando “Mulher Rendeira”.  
 27 O segundo, Cão sem-dedo,  
 28 O inventor da soqueira,  
 29 Que ganhou cantando a música:  
 30 Bagaço de fim de feira.

31 Cão sem-dedo recebeu,  
 32 De Caim, um violão.  
 33 Gravou um CD pirata,  
 34 Sem gastar nem um tostão  
 35 E saiu como os poetas  
 36 Vendendo de mão em mão.

O discurso empreendido pelas estrofes citadas traz os seguintes assuntos: o primeiro relacionado ao plano espiritual trata da continuidade da vida após a morte do corpo físico; o segundo, pautado na contemporaneidade, trata da pirataria.

No que diz respeito à crença da vida pós-morte, é de conhecimento geral que alguns sistemas religiosos, a exemplo da doutrina cristã, instituem, na verdade, cultivam a existência de vários mundos. Mediante o exposto, essa concepção de universos diversos caracteriza-se de acordo com o grau de amadurecimento moral de seus habitantes.

Sob essa ótica, ao colocar Lampião, juntamente com Caim no inferno, o enunciador revela-se como um sujeito ideologicamente marcado e socialmente definido, uma vez que o seu dizer está vinculado a formações discursivas já existentes e cristalizadas na sociedade. Assim sendo, o discurso do orador dialoga com algumas passagens do evangelho, por exemplo, o “Sermão da Montanha e o Juízo final” em que Jesus fala da felicidade que, no plano espiritual, aguarda os que fizeram o bem na Terra, e do sofrimento reservado aos que viveram no egoísmo, sem se preocupar com o seu semelhante.

Em linhas gerais, ratificando o orador como um sujeito socialmente definido, partindo de valores e crenças presumidamente admitidas pelo auditório, está presente no texto uma crítica sutil de denúncia econômico-social ao não cumprimento das leis e a ilegalidade, que retratam a realidade brasileira da corrupção.

Nesse sentido, a narrativa proposta no folheto em estudo volta-se basicamente para o espaço real. Numa visão satírica, a qual perpassa todo o texto, através do uso que o orador faz da argumentação quase-lógica caracterizada pela presença do ridículo, em especial da ironia,

o folhetinista adverte o homem sobre a gravidade dos problemas sociais que envolvem o mundo atual e atingem, principalmente, a classe economicamente desprivilegiada [33, 34 e 35].

Conforme observamos, além de buscar persuadir a população quanto à veracidade dos fatos, o poeta popular expressa claramente sua conscientização mediante os problemas nacionais de ordem sócio-política, econômica e religiosa, enfrentados pelo homem.

Para Perelman e Tyteca (1996, p. 235) “Muitas vezes essa ridiculização é obtida por engenhosas construções no que se esforça em criticar”:

37 A Lampião eles deram  
38 Um passe pra viajar,  
39 Por todo canto do inferno,  
40 Mas se quisesse arriscar,  
41 Podia vir pro Nordeste,  
42 Tomar cachaça e brincar.

43 Lampião disse contente:  
44 – O Nordeste é meu xodó,  
45 Eu vou rever o sertão  
46 E dar lá naquele pó,  
47 Um abraço em candeeiro  
48 E um susto em Mossoró.

O jogo de vozes presente nos versos descritos evidencia estereótipos e preconceitos na construção da identidade nordestina. A materialidade verbal corporificada nos versos [41 e 42] cristaliza no imaginário social a representação do nordestino como irresponsável, preguiçoso, sossegado, no sentido de não trabalhar, de não ser produtivo socialmente, e ‘beberrão’. Além disso, outro aspecto verificado que estigmatiza a identidade do nordestino é o uso da linguagem coloquial “xodó” expressão típica do falar dessa região.

O efeito de sentido verificado resgata a identidade linguística do sujeito que não fala o português considerado “correto”, isto é, não se expressa através da forma culta da língua privilegiada socialmente, comunicando-se por meio da linguagem dialetal.

Prosseguindo a narrativa, o poeta centra seu discurso na peregrinação do cangaceiro pelo hostil cenário sertanejo até sua chegada a almejada cidade mossoroense:

[...]

66 Quando Lampião calou-se,  
67 O inferno estremeceu,  
68 Quando parou de tremer,



69 Lampião apareceu,  
70 No vale do Apodi  
71 Com todo cangaço seu.

72 Andando dentro da mata,  
73 Quebrando pau e cipó,  
74 Feios, sujos e maltrapilhos,  
75 Todos cobertos de pó,  
76 Caminhando sem cessar  
77 No rumo de Mossoró.

78 Quando saíram do mato  
79 O bando tinha os sinais,  
80 Daqueles peões que vivem,  
81 Por dentro dos matagais,  
82 Abrindo com “ferro e fogo”  
83 Os piques da PETROBRAS.

Paralelo ao discurso sobre o cangaço, encontramos nos versos descritos o discurso do progresso da cidade com a implantação da Petrobrás. A partir dos anos oitenta, a extração do petróleo desenvolvida na região produziu um impacto significativo em sua economia. A exploração desse recurso demonstra o potencial existente e ratifica o crescimento econômico da cidade. Por outro lado, o progresso impulsionado pelo parque industrial acarretou consequências negativas como a violência e a marginalização:

84 Quando subiram na pista,  
85 O bando foi assalto.  
86 Deram um tabefe em Colchete,  
87 Lampião foi empurrado.  
88 Cacheado apanhou tanto,  
89 Que ficou sem cacheado.

[...]

96 Perto de Governador  
97 Lampião foi convidado,  
98 Por um grupo de sem-terras,  
99 Pra comer um bode assado.  
100 Um reprodutor de raça  
101 Que o INCRA<sup>19</sup> tinha dado.  
102 Já perto de Mossoró  
103 Um carro na contra-mão  
104 Passou perto do bando,  
105 Que botou oito no chão,  
106 E partiu em três pedaços  
107 O chapéu de Lampião.

---

<sup>19</sup> A partir do anúncio do segundo Plano Nacional de Reforma Agrária, no final de 2003, o governo federal assumiu como meta o acesso à terra para 530 mil famílias até 2006.

[...]

126 E entraram na cidade  
127 À uma da madrugada.  
128 Nessa hora o Carna-Ilha  
129 Deu a primeira pancada  
130 Botando todo o cangaço  
131 No ritmo da batucada.

132 Jararaca quis correr  
133 Mas, quando viu Lampião,  
134 Agarrado com Maria,  
135 Marcando passo no chão.  
136 Entrou no meio da dança,  
137 Cantando ‘Carro de mão’.

138 Ás de ouro e Asa Branca,  
139 Atrás do carro de som,  
140 Diziam pra Mergulhão:  
141 Queria ver Massilon,  
142 No meio desse chafurdo  
143 Não cantar “Che, bom, bom, bom”.

Os enunciados presentes nas estrofes descritas referem-se ao carnaval que existe em Mossoró, caracterizado como “carnaval fora de época ou folia de rua”, semelhante ao Carnatal, realizado na capital do Rio Grande do Norte. Verificamos nos trechos citados o recurso da carnavalização. Os papéis conferidos aos sujeitos (cangaceiros) concretizam-se às avessas. Nessa festividade popular tudo é permitido, o sujeito rompe com o corriqueiro, com o comum e instaura a desordem.

A história, dessa forma, é parodiada diante da época em que é empregada, vai-se apropriando de outras formas de dizer aquilo que já foi dito. O que propicia a abertura para outras vozes: da suposta liberdade, por exemplo, e da sutil denúncia social da alienação. Carnaval pressupõe a liberdade, nele todos são iguais, sem distinção de classe.

Desprendem-se dos afazeres da vida cotidiana e vivem integrados num só mundo. A festa é a casa do povo. No carnaval, o povo veste outra imagem, que pressupõe o devaneio como utopia, brinca com a vida, ou seja, a apresentação das personagens é deslocada da realidade, mascarando sua verdadeira identidade.

No dizer de Bakhtin (1987, p. 8), “a festa convertia-se na forma de que se revestia a segunda vida do povo, o qual penetrava temporariamente no reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância”.

Todavia, quando chegam ao fim os festejos populares, recupera-se o contato humano com a ordem, regido pelas leis, pelos sistemas hierárquicos, com o mundo real, o qual mantém viva as desigualdades e os problemas enfrentados pelo homem no seio da sociedade:

[...]

150 Quando o dia amanheceu  
151 Estavam no Rabicó  
152 E pra tirar a ressaca  
153 E um pouco do pó  
154 Nove deles mergulharam  
155 No ex-Rio Mossoró.

156 Dos nove só um saiu,  
157 Mergulhão cuspiendo gás.  
158 Todo melado de óleo  
159 Se valendo de são Brás,  
160 Foi se banhar no inferno  
161 E não voltou nunca mais.

O discurso empreendido pelo orador constitui-se em documento o qual clarifica práticas sociais e discursivas enquanto acontecimento de determinado período. O aspecto irônico com que o narrador relata o episódio transforma o caráter dramático do tema em humor. O efeito cômico presente no texto, através de processos polifônicos, dialoga com o discurso da realidade social.

Os fenômenos sociais destacados no texto (assalto, violência, reforma agrária, folia de rua, poluição ambiental, etc.) retratam o panorama político e social no qual está inserida a população brasileira, em especial os nordestinos.

O enunciado presente no verso [101] que se refere ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), revela um sujeito-enunciador do discurso, conhecedor da função dessa autarquia. Todavia, ao dizer que Lampião e seu bando foram convidados por um grupo de sem-terras para comer um bode assado ofertado pelo INCRA, o produtor textual censura de forma bem humorada o não cumprimento da missão para a qual foi criado. O que podemos perceber é que, ao invés de realizar a reforma agrária, manter o cadastro nacional de imóveis rurais e administrar as terras públicas da União, esse órgão busca seduzir, isto é, ‘ganhar a simpatia’ da população rural com medidas paliativas sem valor.

A vigésima oitava estrofe anuncia o descontentamento do cangaceiro com o atual contexto social da região:

162 Lampião desceu a ponte,  
 163 Dizendo pros companheiros:  
 164 – O nordeste já foi bom,  
 165 Já prestou pra cangaceiros.  
 166 Quando o bando foi cercado  
 167 Por trinta e dois perueiros.

Esse sentimento de angústia e decepção é reforçado nos versos da penúltima estrofe do folheto, o qual revela a segunda derrota sofrida pelo cangaceiro e seu bando:

[...]

204 Quando o dia ia morrendo,  
 205 Todo coberto de pó,  
 206 Passou lá no Jucurí,  
 207 E disse a Zé Mororó,  
 208 Que estava muito enjoado,  
 209 Aborrecido e cansado,  
 210 De correr de Mossoró.

A última estrofe assinala, na voz do poeta, seu processo de construção discursiva e sua intencionalidade estética, inscrita no todo e nas partes, o que instaura na trama textual um caráter lúdico e um efeito de sentido cômico utilizado pelo enunciador como mecanismo de sátira político-social:

211 Hoje Lampião está  
 212 Bem distante do sertão.  
 213 Lampião está distante  
 214 Mas a violência não.  
 215 Vamos parar de brincar,  
 216 Fazer força e acabar,  
 217 Quem acaba de expulsar  
 218 O bando de Lampião.

O cordel analisado contextualiza, através do humor, o episódio de Lampião em Mossoró no ambiente social em que estão inseridos o orador e seu auditório. Nesse sentido, Brait (1996, p.105) advoga que “a dupla leitura (linguística e discursiva) mobilizada pelo discurso irônico envolve formas de interação entre sujeitos, bem como a relação com o objeto e como as estratégias linguístico-discursivas que põem em movimento o processo”.

Assim sendo, observamos que a partir do dizer alegórico do folheto, a narrativa constrói significados conforme uma memória coletiva que será retomada em determinado momento por um leitor ideologicamente marcado.

#### 4.6 AS NOTÍCIAS IMPRESSAS E OS CORDÉIS DE ACONTECIDO: interfaces do discurso

No decorrer de nosso estudo, relacionamos os discursos dos jornais impressos com os discursos nos textos de cordel, evidenciando a maneira como o episódio foi veiculado pelas esferas: jornalística e poética.

Diante de tal fator, consideramos necessário destinar um espaço em nossa análise para promover uma interface nesses dois campos de produção do conhecimento e de interação discursiva.

Como na AD, partimos da materialidade do texto para o discurso, sendo considerado o texto um espaço necessário para instauração de sentidos, é importante dizer que, apesar de analisarmos separadamente, eles estão inter-relacionados, porém cada um possui discursos inseridos em diversas FDs (religiosa, política, social, econômica), concebendo a realidade conforme suas perspectivas. Por sua vez, estruturam seus discursos com técnicas argumentativas semelhantes.

Temos ciência que os textos foram produzidos em diferentes períodos, os jornais pesquisados foram escritos no ano de 1927 e os cordéis no ano de 2004. Entretanto, afirmamos que mesmo assim, o discurso do jornal faz-se presente nos textos dos cordéis.

A abordagem feita sobre a cidade e seus habitantes está intimamente ligada à riqueza, ao trabalho, ao progresso. Os textos retratam Mossoró de forma personificada. O cordel “Mossoró na resistência ao grupo de Lampião” mostra a bravura e nobreza da cidade: “Nossa Mossoró guerreira,/ Brava, heróica que compete, [...]”. O mesmo discurso pode ser percebido no Jornal “Correio do Povo”, veiculado no dia 19 de junho de 1927, que evidencia Mossoró como uma cidade próspera, guerreira e batalhadora: “A nossa ordeira, pacata, laboriosa e nobre cidade foi atacada e assediada pelo maior numero de bandidos do nordeste”. As qualidades da cidade foram ressaltadas, a fim de enfatizar o sentimento a favor de sua defesa, e mostrar a grandiosidade do episódio perante o auditório particular (os mossoroenses).

Os discursos analisados revelam que o cordelista (orador) fala do mesmo lugar social que o orador do jornal, ou seja, embora não tenham sido produzidos no mesmo contexto sócio-histórico, ambos são interpelados pela mesma ideologia e convergem para a mesma formação discursiva, defendendo posições idênticas.

O tema abordado e o modo como foi veiculado pelos jornais e (re)enquadrado pelos cordéis são prova dessa interface, pois ambos defendem com firmeza a resistência da cidade ao bando de Lampião e centram-se na persuasão do público leitor (auditório) para insistirem

nessa realidade com o intuito de mantê-la permanentemente viva na memória coletiva do auditório.

Destacamos, ainda, que tanto na esfera poética quanto na esfera jornalística, houve uma intensa utilização da *técnica argumentativa da definição expressiva*, realizando a construção positiva do *ethos* da cidade mossoroense, com o objetivo de conseguir a adesão do auditório para a tese defendida. Além disso, evidenciamos que o texto jornalístico e o texto poético desenvolvem uma interação mediada com o público-leitor, haja vista que atendem a públicos distintos, os quais não compartilham da mesma esfera econômico-social.

Sabemos que as referências sociais, culturais, políticas, econômicas a que um texto remete, acontecem por ele ser produzido por um sujeito ideologicamente marcado e socialmente definido. Por isso, um discurso pode ser manifestado por diferentes textos, no interior das várias práticas sociais.

Em nosso estudo, analisamos textos de duas diferentes atividades sociais, uma relacionada a uma realidade que faz uso da linguagem considerada de prestígio social e a outra relacionada a uma linguagem menos prestigiada, mais informal. Koch afirma que se vem postulando que os diversos tipos de “práticas sociais de produção textual se situam ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial” (KOCH, 2006, p. 43).

Assim, entendemos que essas formas de expressão são modos de compreensão cognitiva e social reveladas em situações específicas. Nessa perspectiva, não cabe considerar uma forma superior ou inferior à outra, mas formas específicas de compreensão e expressão da realidade enunciada.

Portanto, os jornais e os cordéis podem ser diferentes na maneira como se apresentam ao leitor, em prosa ou verso; em uma linguagem mais velada de prestígio social ou menos rebuscada, mais popular, porém a relação entre ambos é apreendida interdiscursivamente, no momento em que admitimos os cordéis analisados como (re)enquadramento discursivo das posições defendidas pelos jornais de 1927. Nesse sentido, afirmamos que a construção discursiva dos textos aponta determinados padrões de repetição, visto que, o contexto linguístico, caracteriza-se nessas duas esferas por assumir, em primeira instância, uma expressão local.

Capitão Virgolino-Ferreira ( Lampião)

Gen. Rodolpho,

Estando eu até aqui  
pretendo ir já foi um  
aviso, ali pa osinhos.  
se por acaso resolver ir.  
a importância  
qualquer nos pedi. Eu envito  
di Entrada ali parem não  
vindo esta importância eu  
entrarei, até ali pouco qui adeus  
querer. eu entro e não aver  
muito estrago, por isto si vir  
outra eu não entro, ali mas  
no resposste logo.

Copie Lampião

Quando interagimos através da linguagem  
(quando nos propomos a jogar o jogo), temos  
sempre objetivos, fins a serem atingidos; há  
relações que desejamos estabelecer, efeitos  
que pretendemos causar, comportamentos que  
queremos ver desencadeados, isto é,  
pretendemos atuar sobre o(s) outro(s) de  
determinada maneira, obter dele(s)  
determinadas reações.

KOCH

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero notícia, especificamente a notícia veiculada através dos suportes: jornal impresso e cordéis de acontecido foi o foco de nossa pesquisa. Optamos por esse gênero, dentre outros, por se constituir sempre atual e circular diariamente em nossa sociedade, independente do suporte (mídia virtual, mídia impressa, mídia televisiva). Outro fator preponderante dessa escolha se deu em virtude do discurso jornalístico permanecer, não somente na agenda das análises linguísticas, mas também, das análises sociológicas, etnográficas e de estudiosos dos fenômenos midiáticos que têm procurado em diferentes épocas, definir precisamente o que é notícia, e seu grau de influência na sociedade.

Face ao exposto, a nossa investigação de caráter documental sobre a produção discursiva dos jornais impressos, subjacente ao episódio de Lampião em Mossoró no ano de 1927, e o (re)enquadramento dado a notícia na literatura de cordel, foi norteadas pelas seguintes questões de pesquisa. A primeira delas buscava saber quais as estratégias argumentativas utilizadas nos discursos dos jornais e dos cordéis para ratificar a formação discursiva da população mossoroense.

Considerando-se os dois gêneros ora estudados, e por entendermos que todo discurso não é único, mas vem interpelado por discursos pré-concebidos, os “já ditos”, nos interrogamos também, se houve, e em que momento, o discurso do cordel entrecruzou-se com o dizer do jornal impresso.

Conforme o referencial teórico adotado, os objetivos traçados e a análise do *corpus*, constatamos a presença de diversas técnicas argumentativas inseridas nos três grandes grupos de argumentação, em virtude da defesa da tese e dos gêneros do discurso estudados. Além das técnicas argumentativas, observamos também a presença de recursos como os modalizadores, atrelados à técnica da definição expressiva presente nos argumentos quase-lógicos direcionando a opinião pública para a defesa da tese principal.

Haja vista, a utilização das estratégias argumentativas e do uso de modalizadores, em especial, dos qualificadores positivos referentes à cidade, tanto na notícia impressa como nos folhetos de cordel, pudemos constatar a recorrência da voz do outro, que aparece de modo explícito na voz das personagens, por meio do discurso direto ou de maneira implícita, o que nos remete a polifonia, fenômeno dialógico inserido no discurso da esfera jornalística e da esfera poética.



O jogo de vozes, isto é, a utilização da voz de outrem e a presença da memória coletiva evidenciam efeitos de sentido que são construídos na teia discursiva e que asseveram a credibilidade desses discursos.

Além disso, com base na inserção de elementos gramaticais como *adjetivos*, *advérbios* e *pronomes conjugados em primeira pessoa*, observamos a construção do *ethos* da cidade e dos cangaceiros, demarcando o posicionamento assumido pelo orador. Outrossim, levando em consideração o tema abordado e a maneira como foi veiculado pelos jornais e pelos cordéis, constatamos que a questão da subjetividade perpassa todo o discurso da notícia, uma vez que o contexto linguístico, caracteriza-se no campo jornalístico e no campo poético por assumir, em primeira instância, uma expressão *local*.

Assim sendo, afirmamos, com base nas posições assumidas pelos enunciadores dos dois gêneros ora analisados, os quais defenderam notadamente posições a favor da defesa de Mossoró, que a relação entre os jornais e os cordéis é apreendida interdiscursivamente.

De acordo com a memória coletiva do episódio, constatamos que ao nortear o leitor (auditório), a partir de suas crenças e valores, a fim de conduzi-lo a persuasão, os discursos presentes nessas atividades sociais demonstram e desenvolvem traços de uma manipulação do sujeito.

As técnicas argumentativas aqui reveladas asseveram que o discurso empreendido em 1927, e seu (re) enquadramento na contemporaneidade foi construído sem nenhum espírito crítico para manipular o leitor.

Portanto, percebemos que a argumentação empreendida nos discursos passou do *logos* para o *pathos*, pois os oradores dos jornais e cordéis iniciaram um convencimento baseado em fatos e valores com o intuito de fundamentar uma persuasão final. Isso significa que os enunciadores do discurso passaram do convencimento do auditório, no campo das ideias, do *logos* sobre as circunstâncias sociais para o campo da persuasão, atuando na interpelação desse auditório, cuja preferência por estratégias argumentativas para o convencimento do outro, ratificam suas atitudes na construção de um discurso que pressupõe a “adesão dos espíritos”.

Capitão Virgolino-Ferreira ( Lampião)

Gen. Rodolpho,

Estando eu até aqui  
pretendo ir já foi um  
aviso, ali pa osinhais.  
se por acaso resolver ir.  
a mandar, será a importância  
qualquer um, eu envito  
di Entrada ali parem não  
vindo esta importância eu  
entrarei, até ali pouco qui adeus  
querer. eu entro e não aver  
muito estrago, por isto si vir  
o drº eu não entro, ali mas  
no resposste logo.

Copº Lampião

“(…) um acontecimento vivido é finito,  
ou pelo menos encerrado na esfera do  
vivido, ao passo que o acontecimento  
lembrado é sem limites, porque é apenas  
uma chave para tudo o que veio antes e  
depois”.

WALTER BENJAMIN

## REFÊRENCIAS

ABREU, Antônio. Suárez. **A arte de argumentar:** gerenciando razão e emoção. São Paulo: Ateliê, 2001 e 2003.

AVELINO, Carmen Daniella Spínola da Hora. **O silenciamento no texto jornalístico e a construção social da realidade.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Natal, RN, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1995.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In. \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2000. pp. 227-326.

\_\_\_\_\_. **A cultura popular da Idade Média e no Renascimento:** contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

BARBOSA, R. E; LUCENA, I. Tavares de; OLIVEIRA, Maria Angélica de. (orgs). **Análise do Discurso:** das movências de sentido às nuances do (re)dizer. João Pessoa: Idéia, 2004.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BASSO, Eliane Corte. **Jornalismo cultural:** subsídios para uma reflexão. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)>, acessado em 18.09.2007.

BATISTA Sebastião Nunes. **Antologia da literatura de cordel.** Rio de Janeiro: Fundação José Augusto. 1977, 390p. (s.d).

BAZERMAN. Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** São Paulo: Cortez, 2006.

BHATIA, V. K. **Genres in Conflict.** In: TROSBORG, A. (Ed.) **Analysing Professional Genres.** Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000.

BORGES, José. **A vida de poeta.** Movimento. São Paulo, 1976, 20p.

BRONCKART, J.P. **Atividade de linguagem, texto e discurso: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Educ. 1999.

CAMPOS, Eduardo. Folclore do Nordeste. In: OLIVEIRA, Maria Francinete de. **A representação da mulher na literatura de cordel**. Dissertação (Mestrado em Letras) PUC – RS – Instituto de Letras e Artes. Departamento de Letras. Programa de Pós – Graduação em Lingüística & Letras. Porto Alegre, RS, 1981.

CARVALHO, Maria Regina de Souza et al. **Estrutura do trabalho científico: padronização e abordagem crítica**. Natal: EDUFRN, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia. 1984.

\_\_\_\_\_. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: EDUSP, 1984b.

\_\_\_\_\_. **Flor dos romances trágicos**. 3.ed., Natal: Universitária-UFRN, 1999.

CELANI, Maria Alba. Transdisciplinaridade na Lingüística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I. & M. Cavalcanti (Orgs.) **Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. pp. 129-142.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião: o rei dos cangaceiros**. Tradução de Sarita Linhares Barsted. RJ: Paz e Terra, 2003.

COSTA, Gutenberg. **Dicionário de poetas cordelistas do Rio Grande do Norte**. Natal/Mossoró: Queima Bucha, 2004.

DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Lampião entre a lei e a espada: considerações biográficas e análise crítica**. Natal: Cartgraf, 2008.

DAUS, Ronald. **O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular**. Tradução de Rachel T. Valença. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **Literatura de cordel**. RJ: MEC. (caderno de folclore, nº 2), s.d.

DOLZ, Joaquim e SCHENEUWLY, Bernard. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência francófona**. 1996.

DURKHEIM, ÉMILE. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo. Paulinas, 1989.

EEMEREN, Frans H. van; GROOTENDORST, Rob; JACKSON, Sally; JACOBS, Scott. Argumentación. In. DIJK, Teun A. van. (comp) **El discurso como estructura y proceso**. Barcelona: Gedisa, 2000, p. 305-333.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREUD, Sigmund. Atos obsessivos e práticas religiosas (1907). In: **Edição Standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Ler/Ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)**. Tese de Doutorado, Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Adriano Lopes. Formas alternativas de agendamento social: um estudo sobre a literatura de cordel. In:\_\_\_\_\_. **Além da notícia**. Natal, EDURFRN, 2007.

GONSALVES, Elisa. Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica**. Campinas, São Paulo, Alínea, 2003.

GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto**. São Paulo: Ática, 1990.

KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1999.

LEACH, Joan. **Análise Retórica**. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 2 ed. RJ: ED. Vozes, 2003.

LIMA, Antonio Carlos Ferreira. **A permanência do ciclo místico-religioso na literatura de cordel e sua correlação com níveis de construção textual**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística: Literatura Brasileira) UFAL. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em letras e Linguística. Maceió, 2008.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2000

MARCUSCHI, Luiz Antonio. A análise de gêneros textuais na relação fala e escrita. In:\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008, p.190-224.

\_\_\_\_\_. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A.P. et al (Eds.) **Gêneros Textuais & Ensino**. II ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna. 2002.

MELLO, Frederico Pernambuco de. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 2. ed., São Paulo: A Girafa, 2004.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Pesquisa interpretativista em LA: a linguagem como condição e solução**. DELTA, vol. 10, nº 2, São Paulo: PUCSP, 1994, p. 329-338.

OLIVEIRA, Maria Francinete de. **A representação da mulher na literatura de cordel**. Dissertação (Mestrado em Letras) PUC – RS – Instituto de Letras e Artes. Departamento de Letras. Programa de Pós – Graduação em Lingüística & Letras. Porto Alegre, RS, 1981.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo, Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento** 2. ed. Campinas. SP: Unicamp, 1998.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas. SP: Unicamp, 1997.

PERFEITO, Alba Maria. **Gênero editorial: a análise lingüística contextualizada às práticas de leitura e de produção textual**. Disponível em: < <http://linguagem.unisul.br>>, acessado em 07.06.2009.

PERELMAN, Chaim e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLATÃO. **Górgias**. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

\_\_\_\_\_. **Sofista**. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores). pp. 135-204.

PORTO, Mauro. Muito além da informação: mídia, cidadania e o dilema democrático. In: São Paulo em perspectiva, vol. 12, nº 4, (2002).

ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. Hunos da Nova Espécie: um caso “bárbaro de agendamento”. In: GOMES, Adriano Lopes (org). **Além da notícia**. Natal, EDURFRN, 2007.

SANTOS, Manuel Camilo. Viagem a São Saruê. In. PINHEIRO H. e LÚCIO, A. C. M. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas cidades, 2001.

SIGNORINI, Inês e CAVALCANTI Marilda. (Orgs.) **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos**: as “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos. Lisboa. Universidade Fernando Pessoa, 1999.

TORDESILLAS, Alonso. Perelman, Platão e os sofistas: justiça e “nova retórica”. In: Reflexões, n.º 49, PUCCAMP, Campinas, 1991.

TRAQUIA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005b.

Wolf, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. Trad. Karina Jannini. São Martins Fontes, 2003.

Capitão Virsolino-Ferreira (Lampião)

Caro Rodolpho,


Estando eu até aqui  
pretendo ir já foi um  
aviso, ali já os senhoris.  
se por acaso resolver ir.  
a mandar, será a importância  
qualquer nos pira. Eu enviei  
di Entrada ali para não  
virto esta importância eu  
entrarei, até ali pouco qui adeus  
querer. eu entro e não aver  
muito estrago, por isto si vir  
ou não entro, ali mas  
no resposste logo.


Copm Lampião



# ANEXO A - MOSSORÓ COMEMORA 80 ANOS DE RESISTÊNCIA AO BANDO DE LAMPIÃO

**PRÊMIO FOMENTO EDIÇÃO 2007**  
**LITERATURA DE CORDEL**  
**2º Lugar**





**Ademair Pedro Alves**

Filho de Antônio Francisco Alves e Joaquina Maria Tereza, nascido em Mossoró aos 22 de abril de 1962.

**Formação escolar:**  
segundo grau no ano de 1982, com dois cursos técnicos profissionalizantes, sendo um Auxiliar técnico em contabilidade e outro em eletrotécnica.

Funcionário público municipal da Prefeitura Municipal de Mossoró, lotado na Gerência Executiva de Educação e do Desporto.

**Profissão eletricitista.**  
**Contatos:** 8889-3754 / 3312-3873

**PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ**  
**SECRETARIA MUNICIPAL DA CIDADANIA**  
**FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA**

*Anna Shady*

A PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ  
através do PRÊMIO FOMENTO  
à Produção de Bens e Serviços Culturais  
apresenta:



**Mossoró comemora 80 Anos de resistência ao Bando de Lampião**  
Autor: Ademair Pedro Alves







Prêmio Fomento 2007

Autor: Ademair Pedro Alves

## **Mossoró Comemora 80 anos da resistência ao bando de Lampião**

---

**T**oda Mossoró já sabe  
A história de Lampião  
Homem de um olho só  
Patente de capitão  
Nunca temeu a ninguém  
Veio a Mossoró também  
Pra sofrer decepção.

Más pra voce entender  
De fato essa história  
Contarei minucioso  
O que tenho na memória  
Do jeito que aconteceu  
Como Mossoró venceu  
E conseguiu sua glória.

No ano de vinte e sete  
Mossoró era potente  
Com grande capacidade  
E de um povo valente  
Nunca baixou a cabeça  
E que voce não esqueça  
Do prefeito competente.

Mossoró já competia  
Com a capital do estado  
Com o numero de habitantes  
Pelo senso confirmado  
Vinte trez mil e trezentos  
Natal trinta e seiscentos  
E crescendo lado a lado.

Era bem desenvolvida  
Com o comercio lisonjeiro  
Tínhamos do pais  
Maior parque salineiro  
Firma descarocadeira  
Grande produção de cera  
Que durava o ano inteiro.

A cera de carnaúba  
Com seu formato bruto  
Sempre foi bem procurada  
De um valor absoluto  
Era enorme a produção  
Porque tinha exportação  
Valorizando o produto.

Tivemos o ouro branco  
O famoso algodão  
Fez parte da economia  
Aqui do nosso torrão  
Pra pele tinha comprador  
Também era exportador  
Pra todo esse mundão.

O meio de transporte  
Pra nossa mercadoria  
Era em lombo de mulas  
Que chegava e saia  
Frotas de comboieiros  
Que passavam nos terreiros  
Quase todo santo dia.

A energia elétrica  
Que a cidade usufruía  
Alimentava as indústrias  
Que em Mossoró se via  
Com sua iluminação  
Deixava a população  
Feliz e com alegria.

Repartições públicas  
Existiam na cidade  
Trazendo ao município  
Emprego de qualidade  
Sendo umas federais  
E outras estaduais  
De grande capacidade.

No setor financeiro  
Tinha o Banco do Brasil  
Da região era o único  
Que ao povo serviu  
Mossoró se orgulhava  
O seu povo adorava  
Por já ter o seu perfil.

Mossoró era uma cidade  
Do país reconhecida  
Antes era Aracati  
Que fora desenvolvida  
A anos anteriores  
Mas não devendo favores  
Não ficou compadecida.

Tornou-se a mais rica  
Por seu desenvolvimento  
Cada dia se notava  
Um pouco do crescimento  
Sua fama cresceu tanto  
Falavam-se em todo canto  
Que o nosso lugar é bento.

Nos tínhamos três jornais  
Que relembrarei dinovo  
Um era o Mossoroense  
Dois o correio do povo  
Com o nordeste era três  
Cada um tinha freguês  
Tanto velho como novo.



O que tivemos de ensino  
Hoje não há nada igual  
Era a escola do comercio  
E a escola normal  
O Diocesano para rapaz  
Mostrando como se faz  
Educação com moral.

Pras moças teve a escola  
A que bem lhe servia  
Foi o colégio das freiras  
O coração de Maria  
Uma escola padrão  
De uma boa formação  
A melhor que existia.

Tinha a loja Maçônica  
Presente nos movimentos  
A vinte e quatro de junho  
E grandes acontecimentos  
Festa cívica e social  
Formava seu arraial  
Dando apoio no momento.

Promoveu a libertação  
Dos negros, da escravatura  
Com pessoas competentes  
Que estavam sempre a altura  
Antes da lei alguém veio  
Fez bonito não fez feio  
Livrado-os da tortura.

Mossoró que sempre teve  
Como hoje ainda tem  
Em sua administração  
Administradores de bem  
Com vontade de fazer  
Nossa cidade crescer  
Que ajudamos também.

Nosso rio Mossoró  
Toda vez quando enchia  
Constituía um evento  
Dando ao povo alegria  
Era toda tardezinha  
Na região ribeirinha  
Onde todo mundo ia.

Bebia-se água da chuva  
Capitada do telhado  
Conservada em cisternas  
Um sistema reformado  
Com a semelhante tina  
Da antiga palestina  
Que por nos foi copiado.

Quando se ouvia os sinos  
Por toda nossa cidade  
Festa sacra anunciando  
Aqui na comunidade  
Anunciava morte e enterro  
Não se cometendo erro  
Por parte da irmandade.

Ao badalar dos sinos  
Ficavam de orelha em pé  
Dependendo do repique  
A frente ou de marcha a ré  
Entendiam o aviso  
De um jeito tão preciso  
Um povo de muito fé.

Dias santos e feriados  
A banda municipal  
Tocava marcha e dobrado  
De forma fenomenal  
Com valsa, maxixe e xote  
Festa de gato no pote  
Era sucesso total

A maior festa porem  
Era de santa luzia  
Ate hoje é festejada  
O povo todo assistia  
Que também é conhecida  
Como a festa mais querida  
E de grande simpatia.

Mossoró já possuía  
Dois times de qualidade  
Ypiranga e Humaitá  
Sendo o xodó da cidade  
Quando os times iam jogar  
Era uma festa sem par  
Pra gente de toda idade

A cidade do extremo  
De clima paradoxal  
O sol estando a pino  
O calor era infernal  
Com os raios causticante  
Temperatura escaldante  
Do vivente passar mal.

Já chegando a noite  
Ou seja, o fim do dia  
Chegava o outro extremo  
Na hora que o sol sumia  
Vinha uma brisa do mar  
Começava a esfriar  
E tudo se invertia.

Mossoró sendo famosa  
Não demorou a surgir  
Boatos nas regiões  
Para todo mundo ouvir  
É a cidade do dinheiro  
De um povo hospitaleiro  
Quem entra não quer sair.

Mossoró vivia numa  
Invejável tranqüilidade  
Gente simples e orgulhosa  
Dessa pacata cidade  
Através da imprensa sabia  
Dos ataques que acontecia  
Com requinte de crueldade.

Aqui na zona rural  
Lampião já caminhava  
De cajueiro e canudos  
Impoeira onde passava  
Sítio ausente camurim  
Esteve em camurupim  
Lugares que se entocava.

Lampião multiplicava  
As medidas de segurança  
Enviando de são Sebastião  
Dois cabras de confiança  
Jararaca e moreno  
Que conheciam o terreno  
E não faziam lambança

Desceram na margiante  
Sendo a direita do rio  
A passagem de oitica  
Lugar escuro e sombrio  
Escolhido no momento  
Para o ultimo acampamento  
Do plano cruel e frio.

Francisco Lopes da Silva  
Com cinco filhos menores  
Julgava os cangaceiros  
Longe dos seus arredores  
De repente em sua frente  
Vê jararaca e tenente  
Dos bandidos os piores.

A caravana desceu  
Deixou são Sebastião  
Madrugada treze de junho  
Rumo ao nosso sertão  
Várzea rio Mossoró  
Era carnaúba só  
Onde vinha lampião.

Vou citar nesse momento  
Nomes de alguns bandidos  
Que formavam a cabroeira  
De facínoras atrevidos  
Dos piores que se viu  
De um bando que surgiu  
Por lampião escolhidos.

Pra ficar organizado  
O chefe era lampião  
Com massilon e jararaca  
No primeiro pelotão  
Asa branca e Zé pretinho  
Quindu, faisca e chumbinho  
Casca grossa e mergulhão.

Pinga fogo e Zé roque  
Colchete e jatobá  
Jurema e cobra verde  
Beija-flor e carcará  
Alagoano e trovão  
Marreco e Zé latão  
Chico André e sabiá.



Rio preto e Fortaleza  
Lua branca e cordeiro  
Felix, Miguel e pai velho  
Tenente e navieiro  
Cobrinha e Zé Delfino  
Cafinfin, Graúna e Sabino  
Ferrugem Mormanço e coqueiro

Falarei de mais alguns  
Bem-te-vi e As de ouro  
Rouxinol, Lacerda e capuxu  
Luiz Sabino e besouro  
Baliza e pé de cova  
Cacheado e barra nova  
Antonio farol e diabo louro.

Vou parar por um pouco  
De citar esses danados  
Que foram de um bando  
Por lampião preparado  
Que tiveram uma idéia  
Não gostaram da platéia  
E saíram enxotados.

Pedro José da Silveira  
Em domínio de lampião  
Escreveu a carta obrigado  
Trouxe a mesma em mão  
Ao prefeito entregou  
Que quando a carta olhou  
Bateu forte o coração.

Dizia a carta assim  
Mande-me essa quantia  
Que livrarei Mossoró  
Da terrível agonia  
Não tente me enrolar  
Não queira me encarar  
Esperarei só um dia.

Disse Rodolfo ao compadre  
- Essa coisa vai ter fim  
Defenderei Mossoró  
Não dou sopa a cabra ruim  
Dinheiro não vou mandar  
Se ele vier pegar  
Vai ter que passar por mim.

Compadre Pedro Silveira  
Leve logo meu recado  
Que o dinheiro é miúdo  
E ta todo espalhado  
Estou sentado esperando  
Pra ver ele e seu bando  
Vir pegar o minorado.

Quando o portador saiu  
Com a resposta do prefeito  
Trataram de se armar  
Pra esperar o sujeito  
As trincheiras eram formadas  
E nas ruas berricadas  
Já que não tinha mais jeito.

Na passagem oitica  
Onde o facinora estava  
Por Pedro da Silveira  
Ansioso esperava  
E lendo o comunicado  
Lampião ficou irado  
Que até de cor mudava.

Lampião o cangaceiro  
Também tinha devoção  
Com a resposta de Rodolfo  
Entrou numa discussão  
Se entrava e atacava  
Ou dali ele voltava  
Para são Sebastião.

De repente Massilon  
Foi logo lhe perguntando  
O que está acontecendo  
Tu estás enfraquecendo?  
Vim aqui para atacar  
Não saio nem vou voltar  
E já estou me enfezando.

Lampião estava certo  
Quando ele pressentia  
Não atacar Mossoró  
Terra de santa luzia  
Já que tinha devoção  
A protetora da visão  
Era, o que mais temia.

Dando ouvido a jararaca  
Com palavra de incentivo  
Deu ordem a cabroeira  
Com um sermão abrasivo  
O ataque será feito  
Pegarei logo o prefeito  
E farei ele cativo.

Entraram em Mossoró  
Disposto a saquear  
Foram recebidos a balas  
Não deu nem pra começar  
Da trincheira do prefeito  
Cuspiam balas de um jeito  
Que fez lampião vaziar.

Jararaca por sua vez  
No adro foi baleado  
Fugiu e se escondeu  
E depois capturado  
Falaram por todo canto  
Que o bandido virou santo  
Todo ano é visitado.

No cemitério que o nome  
É de São Sebastião  
Sepultaram o braço forte  
Do facinora lampião  
Conhecido por Jararaca  
Sem valor de uma palaca  
Ainda hoje é sua prisão.

Dequi pra frente vocês  
Sabem o que aconteceu  
Lampião fez o ataque  
E Mossoró combateu  
Hoje está na história  
Mossoró com toda glória  
Vivendo no apogeu.

Ao povo de Mossoró  
Aqui vai minha opinião  
Que faça uma homenagem  
A o nobre cidadão  
Rodolfo o herói prefeito  
Que derrotou o sujeito  
Com nome de lampião.

FIM

Mossoró, 15 de Fevereiro de 2007

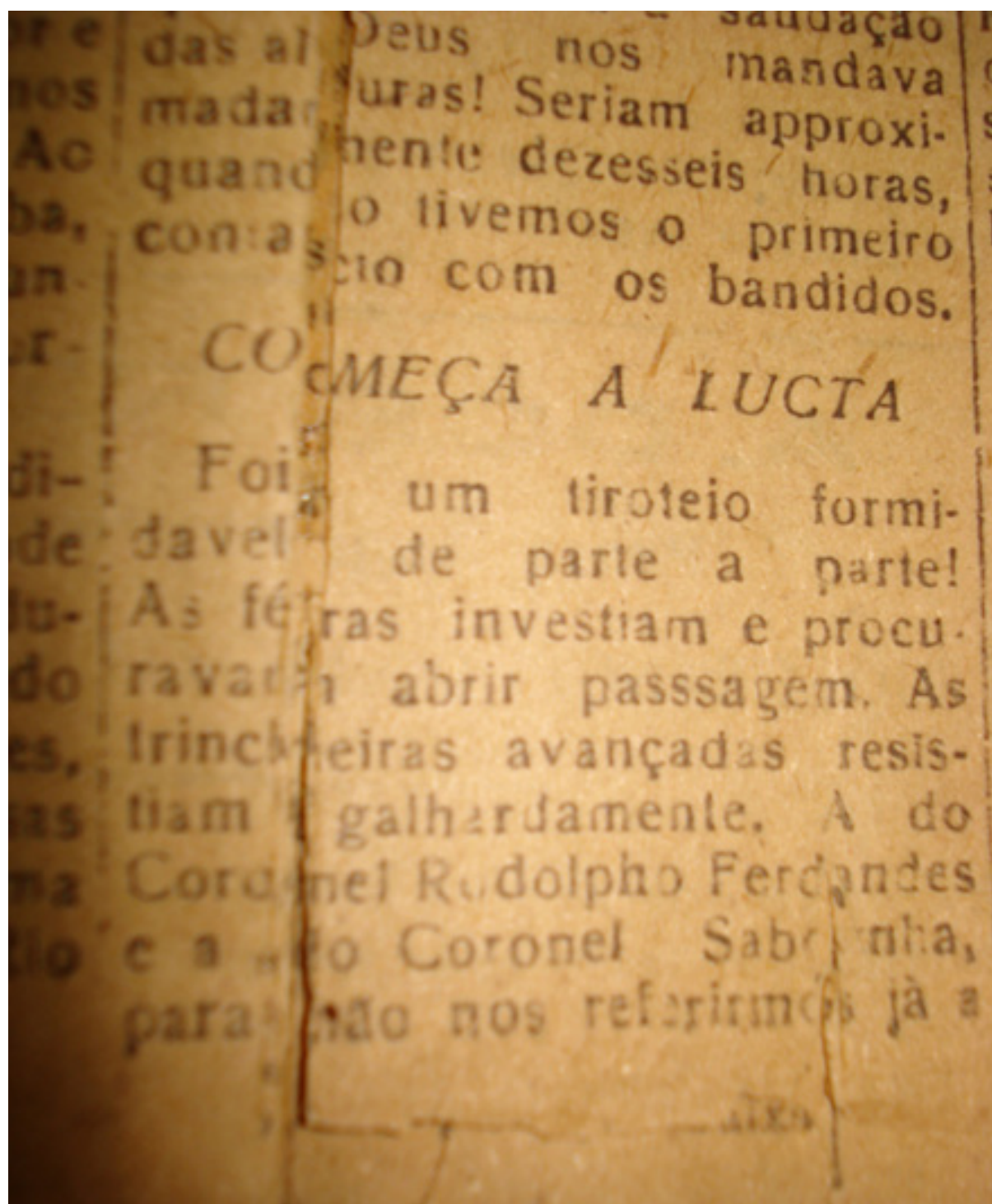


O cangaceiro Jararaca, preso na cadeia pública de Mossoró





## ANEXO C - JORNAL "O NORDESTE" EDIÇÃO DO DIA 24/06/1927





outras, de acção igualmente  
brilhante, por terem aquellas  
sustentado o primeiro impeto,  
desempenhavam-se galhar-  
damente. A trincheira da  
barragem, sob o commando  
do Tenente Abdon, abria  
fogo. O bando se tinha di-  
vidido. Era preciso estar  
em toda parte, vigilante,  
activo, embora corresse pe-  
rigo a vida, que poderia ser  
atingida pelo fogo dos  
nossos proprios amigos.

Cangaceiros surgem ao  
lado da Matriz, nas immedi-  
ações do Telegrapho Nacio-  
nal, e somem-se! Ahi o  
fogo rompeu pela trinchei-  
ra des a repartição.



O prender algum bandido que se insinuasse nos locais mais desertos.

Ha actos de verdadeira temeridade em toda parte, os quaes calam os para não commetter injustiças.

Todos se mostram valerosos e dignos, grandes e pequenos, ricos e pobres, autoridades, e não autoridade.

Os padres acompanham o movimento de defeza com extraordinario sangue frio.

Em toda parte, por todos os lados, todos andavam activos Os bandidos recuam, voltam ousadamente à carga e são novamente repellidos. Deixam mortos e feridos e organizam a fuga. E de notar que no inicio do ataque, as

aqu  
nos  
vag  
A  
com  
ta,  
ban  
reg  
Apo  
cas  
le r  
A  
qui  
on  
ame  
nos  
C  
ma  
tro  
A  
e a  
gac



e todos andavam  
 activos Os bandidos recuam,  
 voltam ousadamente à carga  
 e são novamente repellidos.  
 O- Deixam mortos e feridos e or-  
 ganizam a fuga. E de notar  
 ro- que, no inicio do ataque, as  
 era sombras do nevoeiro se des-  
 pe- fazem e a chuva cessa apenas  
 da deixando no ambiente uma  
 de temperatura agradável de  
 do. uma tarde de inverno. Cessa-  
 se do o forte tiroteio, irrompe  
 se pelas ruas, o povo, em deliran-  
 tes brados de vivas a Mosso-  
 ró, ao Prefeito, ao Presidente  
 vo- do Estado. ao Chefe de  
 as Policia, aos nossos soldados,  
 ção desafiando Lampeão e os  
 va seus sequases: Sabino, Mas-  
 xi- silon e toda caterva de

Estado. ao Chefe de Polícia, aos nossos soldados, desafiando Lampeão e os seus sequases: Sabino, Massilon e toda caterva de bandidos que fugiam diante de nossas armas victoriosas, sem o derrame de uma só gotta de sangue do povo citadino.

Reinava grande navor entre algumas poucas familias que não se haviam retirado; mas o estrepito dos vivas penetrava o coração de todos como um ardente sopro de vitalidade inaudita. Gloria a terra de Barauna, o heroi de Paysan!ú!

MOSSORO



ualmente! Toda a noite de segunda  
aquellas feira foi de febril actividade;  
impeto, tiroteios aqui e acolà, des-  
galhar- cargas, etc. Foi uma hora  
eira da de fogo renhido e cerrado!

nmando

n, abria

nha di-

o estar

gilante,

sse pe-

eria ser

go dos

os.

em ao

mmedi-

Nacio-

Ahi o

trinchei-

a todos

o, ati-

Colle-

a pos-

### *A FUGA AO ANOITECER*

Na manhã de terça-feira,  
soube-se que Lampeã, que  
trazia 52 companheiros, se-  
guira apenas, ao fechar da  
noite do tiroteio com 48,  
rumo do Jaguaribe, em de-  
manda de Limoeiro, no  
Estado do Ceará.

Este numero, entretanto,  
está em desacordo com o  
que se verificou em Limoeiro,  
de 41, conforme a photogra-  
phia que ali tiraram os ban-  
didos! sendo 27 em for-  
ma e 14 nas trincheiras  
(d'elles).

Entretanto, Mossoró se



(d'elles).

Entretanto, Mossoró se preparou para repellar 150 scelerados, pelas armas conforme se verá na carta do refer. Cel. Antonio Gurgel, adiante.

### FORÇAS DA PARAHYBA

Após essa fuga, na tarde do dia seguinte, 14 chega n-nos tropas da Parahyba e destacamentos de Porta Alegre, deste Estado, que, estivessem aqui mais cedo, teriam com nosco exterminado os selvagens.

A força parahybana, sob o commando do Tenente Costa, seguiu no encalço dos bandoleiros; á de Porta Alegre regressou, indo destacar em

fuga

ou

ta q

cahi

o m

da l

foi c

e,

quar

Nata

«J

es r

depo

o

quel

ado

las

matr

dava

ensu

Ha

deste

rivel

## ANEXO D - MOSSORÓ NA RESISTÊNCIA AO GRUPO DE LAMPIÃO

**PRÊMIO FOMENTO EDIÇÃO 2007**  
**LITERATURA DE CORDEL**  
7º Lugar




**A**ldaci de França, natural de Rafael Godói-RN, é poeta repentinista e cordelista, tem Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, concluiu Pós graduação e nível de Especialização na Universidade do Estado do Ceará - UECE, onde teve como objeto de estudo os Festivais de Cantadores em Mossoró, tendo produzido a Monografia com o título: "FESTIVALS DE CANTADORES EM MOSSORÓ - Uma Proposta de Fortalecimento e Preservação da Canção"; é funcionário da UERN, Professor da Rede Municipal de Ensino em Mossoró-RN, ministra cursos e oficinas sobre as normas técnicas da poesia popular nordestina, é autor do Projeto "REPENTE NA ESCOLA", desenvolvido em escolas da Rede Pública de Ensino, tem atuado como poeta repentinista realizando apresentações e cantorias no Rio Grande do Norte e em outros Estados da Federação.  
Contato com o autor: 84 9423-2780 / 3318-5426  
Email: aldaci.medeiros.franca@bol.com.br

**MOSSORÓ NA RESISTÊNCIA  
AO GRUPO DE LAMPIÃO**  
Autor: Aldaci de França



A PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ  
atribuiu o PRÊMIO FOMENTO  
à Produção de Bens e Serviços Culturais  
apresentar:







Prêmio Fomento 2007  
Autor: Aldaci de França

## MOSSORÓ NA RESISTÊNCIA

### AO GRUPO DE LAMPÃO

Sabe-se que a 13 de junho,  
Do ano de vinte e sete,  
Nossa Mossoró guerreira,  
Brava, heróica que compete,  
Nos deixou para a memória  
Um fato da sua História  
Que ao futuro se remete.

Trata-se da resistência  
Ao grupo de Lampião,  
Estrategista e valente,  
Para o povo, assombração;  
Pois Virgulino Ferreira  
Liderou sem brincadeira  
O cangaço do sertão.

No Rio Grande do Norte,  
Conforme os livros que li,  
Facínoras de Lampião  
Atacaram Apodi,  
Gavião e Itaú,  
Não pretenderam Patu;  
Programaram vir aqui.

O povo mossoroense,  
Vivendo intranquilidade  
Despertou no seu prefeito,  
Criar por necessidade,  
De forma racional,  
A guarda Municipal  
Pra proteger a cidade.

Em toda esquina de rua  
O falatório corria  
Que Lampião preparava  
Um assalto e que viria,  
Com violentos ataques,  
Bagunçar, praticar saques,  
Só estava faltando dia.

Disse o Coronel Moreira,  
E a História nos diz  
Que os cabras de Lampião,  
Empunhando seus fuzis,  
Tinham um plano ousado e alto  
Para fazer o assalto  
Maior do nosso país.

Aqui Lampião viria  
Promover perversidade,  
Desrespeitar nosso povo,  
Provocar ansiedade;  
Levar daqui o dinheiro,  
Que é papel do cangaceiro,  
Extorquir, fazer maldade.

Mossoró seria o alvo  
Da ação da bandidagem,  
Porque o "Rei do Cangaço",  
Onde vinha por passagem  
Com bando, arma e bravura,  
Mexia em toda estrutura  
Respaljado na coragem.

Com a realização  
Da prática da violência,  
Lampião com os aliados  
Nos deixariam em falência,  
Destruiriam Trincadeira;  
Quanto à questão financeira,  
Ganhariam a independência

Mas como quem ganha perde,  
Conforme a "Lei natural",  
Lampião "Rei do Cangaço"  
Mandou à terra do sal  
Os seus comparsas bandidos,  
Armados, enfurecidos,  
E todos se deram mal.

Um portador do Cangaço,  
Cumprindo a sua função,  
Veio a Rodolfo Fernandes  
Com um bilhete na mão,  
Que em termos de missiva,  
Era uma intimativa  
Mandada por Lampião.

O Prefeito, quando leu,  
Conheceu o conteúdo;  
Deu como resposta um não  
Acrescentou: não me iludo.  
Esses quatrocentos contos  
De réis jamais serão prontos  
O bando vai perder tudo.

Lampião insinuou  
Na ameaça que fez,  
Insistindo na quantia  
Pedida a primeira vez:  
Na segunda não chegando,  
Irei aí saqueando  
E acabo todos vocês.

Porque estou me sentindo  
Como um desmoralizado;  
Até hoje onde passei,  
Ninguém tentou ser ousado;  
Pra descumprir o que mando,  
Não respeitar o meu bando  
Nem atender meu recado.

Acho melhor atender  
Minha solicitação,  
Porque, se eu entrar aí,  
O bando e armas na mão  
Para fazer tiroteio,  
Vai ser um destroço feio  
E grande a destruição.



Não resta nenhuma dúvida  
Que com a nossa bravura,  
Se quisermos acabar  
Da cidade a estrutura,  
Quem não cair fora morre,  
Até o prefeito corre  
Pra longe da prefeitura.

Eu não posso permitir  
A desmoralização  
De pedir, alguém negar,  
De querer, ouvir um não.  
Acho que vou sentir dó,  
Se o povo de Mossoró  
Desrespeitar Lampião.

Mais uma vez o prefeito  
Deu resposta negativa.  
Dessa feita, os cangaceiros  
Com ação, brutal, nociva,  
Iniciam a invasão,  
E estava a população  
Entrincheirada e ativa.

E a batalha começa  
Na base do chumbo quente:  
Enquanto o bando investia  
Para dar um passo a frente,  
As trincheiras resistiam,  
Lutavam, não permitiam  
Lampião nem sua gente.

Famílias apavoradas,  
Com os corações aflitos,  
Entre emoções e medo,  
Desespero, aplausos, gritos,  
Pela busca da vitória,  
Que já está na História  
De um dos grandes conflitos.

As trincheiras preparadas  
Com civis e coronéis.  
Com os constantes ataques  
Dos cangaceiros cruéis,  
Não desistiram do jogo:  
Avançaram, abriram fogo,  
Cumprindo bem seus papéis.

Oficiais da polícia  
Do Rio Grande do Norte  
Davam assistência às trincheiras,  
Desde a mais fraca à mais forte.  
Nessa batalha sem pausa,  
Que em nome de uma causa,  
Se luta até contra a sorte.

No fogo intensificado,  
Ao perceber o efeito,  
Colchete veio atacar  
A trincheira do prefeito;  
Perdeu força, baixou fala  
Porque dali uma bala  
Varou-lhe a caixa do peito.

Foi da vez que Jararaca  
Vendo Colchete no chão,  
Procurou "desarreá-lo",  
Lhe dando assim proteção.  
Ai outra bala vem,  
Mas não sabia de quem  
E nem de qual direção.

E começa a chover balas,  
Vindas de todo sentido:  
Da torre de São Vicente,  
Que se ouviu o estampido;  
Da praça Seis de Janeiro,  
Sem entender o roteiro,  
Jararaca cai ferido.

Logo se levanta aos tombos  
Pra sair daquele espaço.  
Ao caminhar poucos metros,  
Sentiu frágeis mão e braço.  
Como quem pouco se ajeita,  
A sua perna direita  
Também recebe um balaço.

Jararaca cai de novo,  
Se levanta e foge ao mato;  
A ponte da linha férrea  
Lhe acolheu nesse ato.  
O bandido baleado,  
Ali foi capturado  
Pra ser sujeito ao maltrato.

Lampião a essa altura,  
Traça o seu novo roteiro.  
Com o bando fracassado,  
Sem poder levar dinheiro,  
Derrotado nessa briga,  
Segue a estrada que liga  
Mossoró a Limoeiro.

Quando chega ao Ceará,  
Os jornais daquele Estado  
Divulga que o seu grupo,  
Combatido e derrotado,  
Perde importantes bandidos  
E outros ficam feridos,  
O bando sai desfalcado.

Mossoró, mesmo vencendo,  
Com a força magistral  
Do seu povo combatente  
A fuzil, fúria e punhal,  
A quem agride e vacila,  
Fica a cidade intranquila  
Mas depois volta ao normal.

Já se tem oitenta anos,  
Se contarmos do passado,  
Que o espírito é resistência  
A que o povo tem se dado.  
Lampião não quer de novo  
Ter por aqui o seu povo  
Mais uma vez derrotado.

Mossoró que tem História  
De luta e Libertação  
Como o Motim das Mulheres,  
Uma corajosa ação,  
Aboliu escravatura,  
Por que temer a bravura  
Do bando de Lampião?

### FIM

Aldaci de França / 2007

ALDACI DE FRANÇA



*Trombeira de Raulândia. Da esquerda para a direita, filia do instituto, do pai: Irmã Amélia, o Caramelo Barbosa, Raulândia Farias, Aldeia das Fernandes, Júlia Maria, Raulândia (Professora), José Raulândia, Duarte, Espirito Santo, Amélia, Francisco Vidal, Paulino André. 3ª fila: Francisco Quintoz, Cassilda Fernandes, José Pereira e outros. Glória Odebrecht, agosto de 1914.*



*Tempestade de Televisão...: A crise da qualidade pública. Os desafios para a expansão, as fronteiras brasileiras. Antônio Brasil e José Furtado; Porto Alegre: Tróvão Negro e Tróvão Branco, 2003. 128 p. R\$ 12,00.*

## ANEXO E - LAMPIÃO EM MOSSORÓ EM 1927

\* Este cordel é uma realização do Projeto



CANGACO - SEMTÊ

[www.pedagogiadagestao.com.br](http://www.pedagogiadagestao.com.br)

**Programa Pedagogia no Cordel**

**Cordel N. 03**

O nosso Projeto Pedagogia da Gestão é uma idéia voltada para educação, gestão e cultura. Temos como uma de nossas responsabilidades o resgate da cultura popular de nossa região. Em virtude disto, nasceu o Programa Pedagogia no Cordel. Iremos citar periodicamente autores desta arte que representa a poesia mais próxima do nosso povo.

Pedagogia da Gestão: Asas para o seu talento.

Apoio: Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaco - SBEC





- \* \* \* \* \*
1. TÍTULOS LIGADOS AO GANHO
2. 1. Como surgiu o SBEC - Degrassier, 1999.
3. 2. Porque Lampião foi bandido - O. Aguiar 2000.
4. 3. Corisco e Dadiá - 2001.
5. 4. O Sertão e seus cangaceiros - 2001.
6. 5. A batalha de Lampião e Casco Preto - 2002.
7. 6. SBEC 10 Anos Junho de 2003.

#### JOSÉ SALDANHA DE MENEZES SOBRINHO

Nascido a 25 de fevereiro de 1918, na Fazenda Maci, município de Santana do Marão RN, esturmiista de vanguarda, escritor, músico sertão e violão, trabalhou a vida inteira em S. ALDANHA. Serenista de primeira mão, que passou por os diversos meios de expressão de sertão. Não se limitou a interpretar, mas escolheu seu trabalho pelo Brasil e o Mundo afora. Seu trabalho foi reconhecido ao ser publicado sua biografia pela Coleção Cordel da Editora UFRN, de São Paulo, organizada pelo pesquisador Genesberg Costa.

Com mais de uma centena de cordéis publicados, esse poeta tem uma boa letra sobre o assunto Cangaceiros, inclusive fazendo parte dos selos lançados na SBEC o que tem um significado no quadro de pesquisadores (Aydeleir Dantas).

#### Endereço do autor:

Rua Irineu Joffily, 3610  
 Candelária - Natal/RN.  
 Fone: 251 - 3165.  
 Assessoria: g.joffily@uol.com  
 www.zesaldanha.cjb.net



# Autor: Zé Saldanha

## Lampião em Mossoró em 1927

Pro vingar-me de uma crueldade,  
 Foi preciso tomar-me cangaceiro,  
 Atacar o Nordeste brasileiro,  
 Por sítio, por vila e por cidade,  
 Mandei clamar da boca de senlida,  
 Foi quente a boca do boião,  
 Tomaram-me até esmolar no sertão,  
 Foi conhecer Mossoró também de perto,  
 Mas o povo de lá é muito esperto,  
 Danado de dócil e valentão.

Pro vingar-me da raça de Nogueira,  
 Dos coronéis senlidos do sertão,  
 De Saturnino e de outros batalhão,  
 Com armas, munição e cartucharia,  
 Preveniente e entrel para traseira,  
 Mandei bala com força no Nordeste,  
 Para ver se passava em todo o teste,  
 Resolvi que atacava Mossoró,  
 Cidade de magia e catimão,  
 Nunca mais em vou lá naquela praça.

Ataquei Paraíba e Pernambuco,  
Alagoas, Sergipe e Bahia.  
Dominei e fiz tudo o que queria,  
Dei trabalho aos soldados de Nabuco.  
O governo de lá perdeu o suco,  
Procurei /um lugar de mais reforço,  
Para atacar Mossoró eu fiz esforço,  
A viagem foi errada e foi perdida  
Fui feliz escapar com minha vida,  
Que o chumbo de lá é muito grosso.

Eu não sei que danado é Mossoró,  
Deve ser um nome endiabrado,  
Um monstro fantástico do passado,  
Um feiticeiro maligno desse pó.  
Um gênio, uma fada, um catimbó,  
Esse tal Mossoró não me convém,  
Eu não sei que danado é que ele tem,  
Que eu lá quase perco meu cartaz,  
O povo de lá é doído até demais,  
Mossoró não tem medo de ninguém.

É importante e bonito a gente ler,  
Com atenção e minuciosidade,  
Minha carta ao prefeito da cidade,  
Explicando o que é vim fazer.  
Quatrocentos contos de réis mande trazer,  
Que na cidade garanto não entrar,  
Mas essa importância não mandar,  
Se previna que eu vou fazer alarde,  
Vou entrar pelas quatro horas da tarde,  
Vou mostrar quem sou eu e lhe atacar.

2

É bonita, importante e decidido,  
Minha carta enviada ao prefeito,  
Tratei ele com ordem e com respeito,  
Ele respondeu-me bem forte e destemido.  
Compreendi que ele estava prevenido,  
Pela resposta enviada desse jeito:  
- Quer vir atacar a cidade, meta o péto,  
Minha cidade é firme, forte e bela,  
Confiando no amor que tenho nela,  
Assina, Rodolfo Fernandes, com conceito.

Ninguém tem de dinheiro essa quantia,  
Seu pedido foi muito valoroso,  
É um porte riquíssimo e poderoso,  
Nem os bancos dão esta garantia.  
Seu pedido foi quase uma heresia,  
O comércio daqui é uma asneira,  
É mangaio vendido pela feira,  
Mas a cidade é pública, pode entrar.  
Estou firme aqui a lhe esperar  
E fazer tudo aqui que o senhor queira.

Na expressão do assunto eu conheci,  
Que Mossoró estava bem municado,  
E o prefeito era forte e preparado,  
No momento que sua carta eu li.  
Baseado nas lutas que eu já vi,  
Mas eu gosto de um homem assim, danado,  
Que eu também sou um tanto temperado,  
Mas, foi contra mim até o Pai eterno,  
Que mandou um reforço do inverno,  
E o ataque foi feito atordoado.

3



Eu fiz logo o projeto da viagem,  
Para poder atacar o Mossoró,  
Foi na hora da chuva, de um toró,  
Que as águas tomavam a passagem.  
Os meus grupos, revestidos de coragem,  
Penetramos por dentro da cidade,  
Foi chuva de bala, de verdade,  
Foi duro e pesado o tirinete,  
Vêio uma bala no peito de Colchete,  
Que da vida perdeu a qualidade.

Lampião correu muito apressado,  
Uma mão sobre o rifle outra na faca,  
Já perdendo Colchete e Jararaca,  
Conduzindo três homens 'baleado'.  
E seu grupo havia debandado  
Que atacar Mossoró não é brincado,  
O grupo abriu as pernas sobre o brejo,  
Que em Mossoró a bala choveu quente  
Da santa igreja de São Vicente,  
Uma nuvem de bala causou medo.

Só ataquei Mossoró para provar,  
Que não tenho medo de ninguém,  
Mas pela quantidade de torres que ela tem,  
Não é pra cangaceiro chegar e atacar.  
Eu sai sem ninguém me alvejar,  
Porque na luta sou forte e preparado,  
Tenho esgrima e sou muito danado  
Mossoró para brigar tem porte e dom,  
Um Prefeito corajoso, forte e bom,  
O Macilon me jogou nesse pesado.

4

Lampião correu dizendo assim:  
- Se eu não fosse perito e veterano,  
Eu tinha era entrado pelo cano  
E Mossoró ia até zombar de mim.  
Talvez até por lá me desse fim,  
Esse tal de Mossoró não me convém,  
O povo lá não tem medo de ninguém,  
Tudo é danado de doído e é valente,  
Até da santa Igreja São Vicente,  
Os Santos aliraram em nós também.

FIM

José Saldanha de Menezes Sobrinho  
Fazenda Pião, município de Santana do Matos  
Zona Central do RN, em 14/01/1939

5



# Lampião, Mossoró e Zé Saldanha: encontro de titãs

*Clauder Arcanjo*

Mossoró, nossa terra, tem história. História que a todos nós só faz orgulhar: banimento da escravidão, primeiro voto feminino, rebelião das mulheres contra o sacrifício de seus filhos na hedionda Guerra do Paraguai, e a surra, com chuva de balas, em Lampião.

Uma das missões de todos aqueles que valorizam nosso passado glorioso é fazer com que esse passado permaneça vivo, que seja um presente no dia-a-dia das novas gerações.

Nós, que fazemos o projeto **Pedagogia da Gestão**, achamos que a melhor maneira de obter a perpetuação dos valores históricos de nosso povo é lembrá-los nos braços da cultura popular. Lembrá-los como que se revivêssemos todo esse patrimônio, embalados em uma boa rede,

balançando a memória na brisa de um alpendre acolhedor, tão acolhedor quanto o coração de nossa gente.

Criamos, então, o projeto **Pedagogia no Cordel**. Nele, já editamos duas magníficas obras e, agora, homenageando o feito histórico da resistência de Mossoró ao bando de Lampião, estamos levando às novas gerações uma reliquia. Trata-se de um cordel histórico, escrito por um dos maiores cordelistas do Brasil – o poeta popular Zé Saldanha, que eternizou o feito mossoroense de banir o temido cangaceiro com uma maestria poética de deixarmos ensimesmados... O que será mais digno de nota: o feito histórico de Mossoró, ou o cordel que o descreve?

Graças ao bom Deus que podemos deixar de lado essa cruel escolha, e ficarmos com os dois. Pois, ao se ler Zé Saldanha, aplaude-se Mossoró, em versos.

Obrigado, poeta, por conservar nossas vitórias. Conservar?!... Sim, pois quando o poeta canta, perpetua-se, em nossa alma, a chama da coragem contida em nossa história. E, nada melhor do que os versos do menestrel Zé Saldanha, renovando-nos as forças para os embates contra

outros bandos que, no presente e no futuro, se nos ameçaarão. Que eles venham!

**Clauder Arcanjo** – Professor  
clauder@pedagogiadagestao.com.br

## Ficha Catalográfica

TÍTULO	Mistérios de um transplante
AUTOR	JOSÉ SALDANHA DE M. SOBRINHO
TEMA	História: O araque de Lampião a Mossoró em 13 de junho de 1927.
CLASSIFICAÇÃO	Quanto ao Ciclo: DO CANGAÇO. (Pela classificação de Franklin Machado) Quanto ao número de páginas: FOLHETO de 08 páginas
EDITOR	Pedagogia da Gestão
LOCAL	Mossoró RN
DATA	Da composição dos versos: Janeiro de 1939  Da edição - 2ª edição 13 de junho de 2004.
TIAGEM	2ª edição: 1.000 exemplares
CAPA	Xilogravura Autor
ESTROFAS ESQUEMA DAS RIMAS	12 DÉCIMAS decassílabas
FINAL	DEZ LINHAS




### Endereço do Autor:

Rua Mariazinha do Vale, 48 - Eua de Santa Luzia  
Mossoró RN 59625-615



## ANEXO F - O ATAQUE DE MOSSORÓ AO BANDO DE LAMPIÃO


**Literatura de Cordel**

**PROJETO ACADEMIA DE CORDEL NA SALA DE AULA**

Folheto recomendado para uso nas escolas

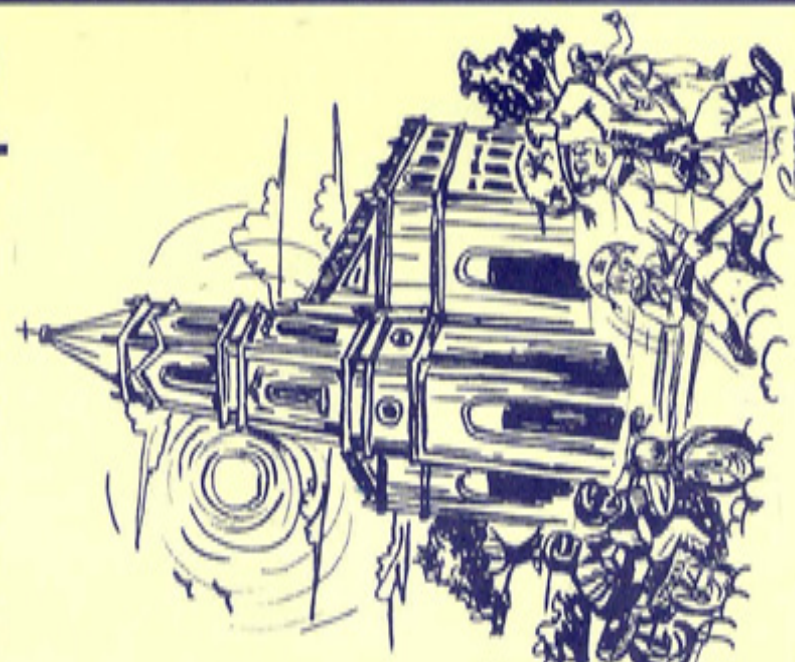
**Antônio Francisco Teixeira de Melo, filho de Francisco Petronilo de Melo e Pédra Teixeira de Melo, nasceu em Mossoró-RN, a 21 de outubro de 1949. Tem graduação em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. É poeta popular, xilógrafo, compositor e ainda trabalha confeccionando placas. Um dado interessante é que, só após os quarenta anos, ele se dedicou ao ato de escrever. Sua produção cordelística está sendo muito elogiada pela crítica literária atual, que considera-o a grande revelação dos últimos anos no campo da literatura de cordel. Tem mais de 50 folhetos publicados e dois livros: *Dez Cordéis num Cordel Só* e *Por Motivos de Versos*. No dia 15 de maio de 2006 tomou posse na Academia Brasileira de Literatura e Cordel - ABLC, na qual ocupa a cadeira de nº15.**



[www.queimabucha.com](http://www.queimabucha.com)

Autor: Antonio Francisco

## O Ataque de Mossoró ao Bando de Lampião



Queima-Bucha - Mossoró-RN setembro de 2006 - Capa: Gean Carlo

## O ATAQUE DE MOSSORÓ AO BANDO DE LAMPIÃO

Autor: Antônio Francisco

Nos dias que não consigo,  
Escrever nenhuma linha,  
Eu visto a minha camisa,  
E vou pro bar de Deinha,  
Tomar cana e pastrar,  
Com meu amigo Lulinha.

Lulinha dá de olé  
Na cartilha do saber.  
Sabe história de trancoso  
Pra dar, trocar e vender.  
Duvido eu voltar de lá,  
Sem nada para escrever.

E foi Lula quem me disse,  
Que tinha achado um caderno,  
Que tinha a data marcada,  
Muito antes do inverno,  
Sobre um evento que houve  
Em um dos palcos do inferno.

Um evento musical  
Chamado, Canta vem-ven,  
Que busca prestigiar  
Os valores que eles têm,  
Dando prêmios e mais prêmios,  
Pras almas que cantam bem.

Lampião foi o primeiro  
Cantando "Mulher Rendeira":  
O segundo, Cão sem-dedo,  
O inventor da soqueira,  
Que ganhou cantando a música:  
Bagaço de fim de feira.

Cão sem-dedo recebeu,  
De Caim, um violão.  
Gravou um CD pirata,  
Sem gastar nenhum tostão  
E saiu como os poetas  
Vendendo de mão em mão.

A Lampião eles deram  
Um passe pra viajar,  
Por todo canto do inferno,  
Mas se quisesse arriscar,  
Podia vir pro Nordeste,  
Tomar cachaca e brincar.

Lampião disse contente:  
- O Nordeste é meu xodó,  
Eu vou rever o sertão  
E dar lá, naquele pó,  
Um abraço em Candeciro  
E um susto em Mossoró.

Mas Massilon quando soube  
Dos planos de Lampião,  
Correu e disse: - Compadre  
Não faça besteira não,  
Não troque a paz do inferno  
Nas estradas do sertão!

Esqueça de Mossoró,  
Por favor, você não vá.  
A gente vê o perigo  
Daquelas bandas de lá,  
Pelos semblantes das almas,  
Que vêm correndo pra cá.

Lampião responde: - Vou,  
Amanhã eu partirei.  
Eu não vou gastar aqui  
O prêmio que eu ganhei,  
Enquanto Mossoró zomba  
Da carreira qu'eu levei.

Quando Lampião calou-se,  
O inferno estremeceu,  
Quando parou de tremer,  
Lampião apareceu,  
No Vale do Apodi  
Com todo cangaço seu.

Andando dentro da mata,  
Quebrando pau e cipó,  
Feios, sujos, maltrapilhos,  
Todos cobertos de pó,  
Caminhando sem cessar  
No rumo de Mossoró.

Quando saíram do mato,  
O bando tinha os sinais,  
Daquelles peões que vivem,  
Por dentro dos matagais,  
Abrindo com "ferro e fogo"  
Os piques da PETROBRAS.



Quando subiram na pista,  
O bando foi assaltado.  
Deram um tabefe em Colchete,  
Lampião foi empurrado.  
Cacheado apanhou tanto,  
Que ficou sem cacheado.

Passaram por Caraúbas,  
No outro dia bem cedo.  
Disfarçados de peões,  
Todos tremendo de medo,  
Que por trás de alguma "rocha",  
Alguém apertasse o dedo.

Perto de Governador  
Lampião foi convidado,  
Por um grupo de sem-terras,  
Pra comer um bode assado.  
Um reprodutor de raça  
Que o INCRA tinha dado.

Já perto de Mossoró,  
Um carro na contra-mão  
Passou tão perto do bando,  
Que botou oito no chão,  
E partiu em três pedaços  
O chapéu de Lampião.

Depois daquilo Maria,  
Disse, olhando Lampião:  
- Nesses três quartos de século  
Mudaram a cor do sertão.  
Por favor vamos embora,  
Deixe Mossoró de mão.

Lampião disse: - Maria,  
Eu vou nem que seja só.  
Nem que eu perca o outro olho,  
Apanhe de fazer dó.  
Só vou voltar quando eu  
Me vingar de Mossoró.

Quem quiser ficar que fique,  
Perdido nesse vergel.  
Eu vou entrar pelo bairro  
Do Alto de São Manoel.  
E descer matando gente,  
Até sair no quartel.

E entraram na cidade  
À uma da madrugada.  
Nessa hora o Carma-Ilha  
Deu a primeira pancada.  
Botando todo o cangaço  
No ritmo da batucada.

Jararaca quis correr  
Mas, quando viu Lampião,  
Agarrado com Maria,  
Marcando passo no chão.  
Entrou no meio da dança,  
Cantando 'Carro de mão'.

Às de Ouro e Asa Branca,  
Atrás do carro de som,  
Diziam pra Mergulhão:  
- Queria ver Massilon,  
no meio deste chafurdo  
Não cantar "Che, bom, bom, bom".

Rio Preto ia dançando,  
Olhando pro firmamento.  
Sem querer o pobre entrou  
No cordão de isolamento.  
Mas deram tanto no negro,  
Que o preto ficou cinzento.

Quando o dia amanheceu  
Estavam no Rabicó.  
E pra tirar a ressaca  
E um pouco também do pó.  
Nove deles mergulharam  
No ex-Rio Mossoró.

Dos nove só um saiu,  
Mergulhão cuspiendo gás.  
Todo melado de óleo  
Se valendo de São Brás,  
Foi se banhar no inferno  
E não voltou nunca mais.

Lampião desceu a ponte,  
Dizendo pros companheiros:  
- O Nordeste já foi bom,  
Já prestou pra cangaceiros.  
Quando o bando foi cercado  
Por trinta e dois perueiros.

Três ainda reagiram  
Mas foram lentos demais.  
Chegaram 3 perueiros  
Pegaram os 3 por detrás  
E foram deixar os três  
Depois de Caraubais.

Outro perueiro esperto  
Das bandas do Cariri,  
Pegou Sabino e Mourão,  
Jatobá e Bem-te-vi,  
Sacudiu dentro da Besta  
E tirou pro Apodi.

O resto dos cangaceiros,  
Que estavam com Quindu.  
Três deles foram levados,  
À força para o Assu.  
Numa Besta clandestina  
Com a placa de Patu.

Lampião ficou sozinho,  
Como um garrote perdido.  
Com a vergonha batendo  
No seu peito dolorido,  
E dezoito moto-táxis,  
Zuando no pé-do-ouvido.

Chorou na Praça do CID,  
Com saudades de Maria.  
A última vez que ele a viu,  
Maria Bonita ia,  
Cantando 'Che bom, bom, bom'  
Numa banda da Bahia.

Passou na Rádio Rural,  
Tomou uma no Oitão.  
Comprou um cordel a Zé  
E saiu riscando o chão.  
Com três moleques de rua,  
Limpando o seu chinelo.

Quando o dia ia morrendo,  
Todo coberto de pó,  
Passou lá no Jucurí,  
E disse a Zé Mororó,  
Que estava muito enjoado,  
Aborrecido e cansado,  
De correr de Mossoró.

Hoje o Lampião está  
Bem distante do sertão.  
Lampião está distante  
Mas a violência não.  
Vamos parar de brincar,  
Fazer força e acabar,  
Quem acaba de expulsar  
O bando de Lampião.

**FIM**